

LIVRO GRATUITO

Ninguém Me Ensinou Isso

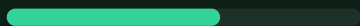
dinheiro, dívidas e escolhas explicados para quem nunca aprendeu

Inflação, juros, salário, orçamento, cartão de crédito, como sair das dívidas, primeiros investimentos, golpes e apostas, explicados sem fórmulas e sem jargão, com contas que você faz de cabeça

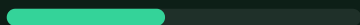
ORÇAMENTO DO MÊS

R\$ 2.500

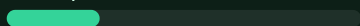
Moradia



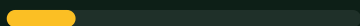
Mercado



Transporte



Reserva



Sobrou este mês
+ R\$ 180

JUROS COMPOSTOS

contra você ou a seu favor



VALANDROUI

Ninguém Me Ensinou Isso

dinheiro, dívidas e escolhas explicados para quem nunca aprendeu

Baixe a versão mais recente em jeffev.github.io/jeffersonvalandro

Jefferson Valandro

1ª edição · outubro de 2026 · distribuição gratuita

© 2026 Jefferson Valandro. Este livro é gratuito: você pode baixar, imprimir e compartilhar à vontade, desde que sem alterações, com o nome do autor e sem cobrar por ele. Conteúdo educativo: não é recomendação de investimento nem consultoria financeira, jurídica ou tributária. Regras, taxas e leis mudam; confira sempre a fonte oficial.

Bancos, empresas, aplicativos e marcas citados servem só de exemplo e pertencem aos seus respectivos donos. Este guia não tem vínculo com nenhum deles nem recebe nada para citá-los. Pessoas e casos dos exemplos são fictícios.

Sumário

Antes de começar

PARTE 1 — ENTENDER O DINHEIRO

- 1 O que é dinheiro, afinal?
- 2 Inflação: o dinheiro que encolhe
- 3 Juros: o preço do tempo
- 4 Como a economia do país mexe no seu bolso

PARTE 2 — ORGANIZAR A VIDA

- 5 Para onde vai o seu dinheiro?
- 6 Um orçamento que cabe na vida real
- 7 Seu salário por dentro (e quando não tem salário fixo)
- 8 Reserva de emergência: seu colchão
- 9 A cabeça e o dinheiro

PARTE 3 — DÍVIDAS E CRÉDITO

- 10 Crédito: quando ajuda e quando afunda
- 11 Cartão de crédito sem medo
- 12 Cheque especial, empréstimo e outras armadilhas
- 13 Saindo do vermelho, passo a passo
- 14 Nome sujo, score e Cadastro Positivo

PARTE 4 — DECISÕES GRANDES

15 À vista, parcelado ou esperar?

16 Casa: alugar ou comprar?

17 Carro e outras compras grandes

18 Seguros e proteção da família

PARTE 5 — FAZER O DINHEIRO TRABALHAR

19 Investir: os primeiros passos

20 Renda fixa: emprestar seu dinheiro

21 Renda variável sem ilusão

22 Aposentadoria: o seu eu do futuro

23 Impostos: os que você vê e os que não vê

PARTE 6 — PROTEGER E ENSINAR

24 Golpes e promessas fáceis

25 Apostas e bets: a conta que não fecha

26 Dinheiro em família e com os filhos

27 Seu plano para os próximos 12 meses

Para continuar

Glossário

ANTES DE COMEÇAR

Antes de começar

Pense na última vez em que você ficou na dúvida diante de uma decisão de dinheiro. Talvez fosse parcelar ou não uma geladeira. Talvez fosse entender por que a fatura do cartão veio maior do que o esperado. Ou talvez fosse só a sensação, no fim do mês, de que o salário evaporou e você não sabe direito para onde ele foi.

Se isso aconteceu com você, saiba que está em ótima companhia. A maioria dos adultos brasileiros nunca teve uma aula sobre dinheiro. A gente aprende a calcular a área do triângulo, mas ninguém explica o que é o rotativo do cartão.

Por que ninguém ensina isso

Os motivos são simples e nenhum deles é culpa sua.

A escola, durante muito tempo, não tratou do assunto. Aprendemos porcentagem, mas não aprendemos a usar a porcentagem para comparar um empréstimo com outro. A família, muitas vezes, também não sabia. Seus pais e avós provavelmente viveram anos de preços que mudavam toda semana, e naquela época a regra era gastar logo, antes que o dinheiro perdesse valor. Ninguém tinha como ensinar o que nunca aprendeu.

E há um terceiro motivo, menos falado: a confusão dá lucro. Quem vende crédito ganha mais quando o cliente olha só para o valor da parcela e não para o total. Contratos longos, siglas e letras miúdas não são acaso. O sistema foi montado para vender, e vende muito bem.

Por isso, se você tem dívida, se já pagou o mínimo do cartão ou se nunca guardou nada, isso não diz nada sobre o seu caráter. Diz apenas que ninguém te mostrou como a engrenagem funciona. Este livro existe para mostrar.

O que este livro é (e o que não é)

Este é um livro de educação financeira para adultos que querem entender o básico sem complicação. Ele explica como o dinheiro, a inflação, os juros, as dívidas e os investimentos funcionam, sempre com exemplos do dia a dia.

Ele **não é** recomendação de investimento. Aqui você não vai encontrar "compre a ação tal" nem "invista no produto X". O objetivo é ensinar você a pensar e a comparar, para que ninguém consiga te enrolar.

Ele também **não é** um livro de "fique rico". Não existe fórmula mágica, e quem promete enriquecimento rápido quase sempre está vendendo alguma coisa. O que existe são escolhas um pouco melhores, repetidas ao longo do tempo. Elas fazem muita diferença, mesmo com renda pequena.

Como ler

Você pode ler na ordem, do começo ao fim. A Parte 1 explica as ideias de base: o que é dinheiro, inflação, juros e como a economia do país mexe no seu bolso. As partes seguintes tratam de organizar a vida, sair das dívidas, tomar decisões grandes, investir e se proteger.

Mas você também pode pular direto para a parte que dói mais agora. Se a dívida do cartão está tirando o seu sono, vá para a Parte 3. Quando algum capítulo depender de uma ideia anterior, ele vai avisar ("como no capítulo 3").

Ao longo do texto, você vai encontrar caixas destacadas:

Caixa	O que traz
Na prática	O que fazer com aquilo nesta semana, em passos curtos
Faça a conta	Um cálculo passo a passo para refazer na calculadora do celular com os seus números
Mito	Uma frase que todo mundo repete, e se ela é verdadeira, falsa ou "depende"
Cuidado	Uma armadilha, um golpe ou um risco
Curiosidade	Um fato interessante sobre dinheiro

Todas as contas do livro usam números de exemplo, escolhidos para ficar fáceis de acompanhar. Troque pelos seus.

Quatro pessoas que vão andar com você

Para deixar as coisas menos abstratas, quatro personagens aparecem em vários capítulos. Eles são fictícios, mas as situações deles são bem reais.

- **Renata**, 38 anos, auxiliar administrativa com carteira assinada, mãe da Bia e do Davi. Usa o cartão para fechar o mês e acabou entrando no rotativo.
- **Lucas**, 23 anos, no primeiro emprego, mora com os pais e adora tecnologia. Já apostou em bet com os amigos e sonha em financiar um carro.
- **Seu Jorge**, 59 anos, pedreiro que virou MEI. Quer se aposentar, desconfia de banco e guarda dinheiro em casa.
- **Aline**, 31 anos, entregadora de aplicativo e manicure. A renda dela muda todo mês.

Talvez você se reconheça em um deles. Talvez em um pedaço de cada.

Números mudam: confira sempre

Este livro foi escrito com base nas regras de **outubro de 2026**. Taxas de juros, inflação, limites de isenção e regras de imposto mudam com o tempo. Por isso, quando um número do mundo real importar para a sua decisão, o livro vai indicar onde conferir o valor de hoje: site do Banco Central, Tesouro Direto, Receita Federal, gov.br. Prefira sempre a fonte oficial a um vídeo ou a uma corrente de mensagem.

Este livro é de graça

Ninguém pagou para ler este livro, e ninguém deve cobrar por ele. Se ele te ajudar, passe adiante. Mande para um irmão, uma amiga, um colega de trabalho. Conversar sobre dinheiro ainda é tabu em muita casa, e um livro gratuito é um jeito fácil de começar a conversa.

Ele faz parte de uma coleção de três. Além deste, há *Seu Dinheiro, Suas Regras*, para jovens a partir de 14 anos, e *De Onde Vem o Dinheiro?*, para crianças de 10 a 13 anos. Os dois também são gratuitos. Se você tem filhos, sobrinhos ou alunos, vale apresentar a eles.

Agora, vamos começar pelo começo: afinal, o que é dinheiro?



Parte 1 — Entender o dinheiro

CAPÍTULO 1

O que é dinheiro, afinal?

Lucas recebeu o primeiro salário e passou o dia olhando o número no aplicativo do banco. Não havia uma única nota na mão dele. Mesmo assim, à noite, ele pagou a pizza com Pix, e o entregador foi embora satisfeito. Lucas ficou pensando: se o dinheiro é só um número numa tela, por que todo mundo aceita?

É uma ótima pergunta, e quase ninguém para para fazê-la. A resposta explica muita coisa que vem depois neste livro: por que os preços sobem, por que existem juros e por que o seu tempo vale dinheiro.

Antes do dinheiro, a troca

Imagine uma vila sem dinheiro. Você planta milho e precisa de sapatos. O sapateiro, por sua vez, não quer milho: quer peixe. Para conseguir os sapatos, você teria de achar alguém que tenha peixe e queira milho, trocar com ele e só então ir ao sapateiro.

Essa troca direta de uma coisa por outra se chama **escambo**. Ela funciona em situações simples, mas cria problemas logo que a vida fica um pouco mais complicada.

- **Os desejos precisam coincidir.** Você só troca se o outro quiser exatamente o que você tem, na hora em que você precisa.
- **É difícil medir valor.** Quantas espigas valem um par de sapatos? E uma galinha vale quantos peixes?
- **Nem tudo se divide.** Se um boi vale dez sacos de arroz e você só quer um saco, não dá para entregar um décimo de boi.
- **Muita coisa estraga.** Peixe e milho não esperam meses. Guardar riqueza em comida é guardar algo que apodrece.

Com o tempo, as sociedades foram escolhendo objetos que todo mundo aceitava em troca de qualquer coisa. Em lugares e épocas diferentes, isso já foi sal, conchas, gado e, mais tarde, metais como ouro e prata. Esses objetos resolviam os problemas do escambo, e assim nasceu o dinheiro.

Resumindo: o dinheiro surgiu para facilitar a troca entre pessoas que não querem exatamente as mesmas coisas.

As três funções do dinheiro

Qualquer coisa que funcione como dinheiro precisa fazer três trabalhos ao mesmo tempo.

Função	O que significa	Exemplo do dia a dia
Meio de troca	Todo mundo aceita em pagamento	Você paga o pão com Pix e a padaria aceita
Medida de valor	Serve de régua para comparar preços	Saber que o tênis custa o mesmo que dez almoços
Reserva de valor	Dá para guardar e usar depois	Guardar uma parte do salário para o mês que vem

Repare na terceira função. Ela é a mais frágil das três. O dinheiro guarda valor, mas não guarda para sempre: quando os preços sobem, o mesmo valor compra menos. Esse é o assunto do capítulo 2, sobre inflação.

Resumindo: dinheiro é aquilo que serve para trocar, para medir e para guardar valor.

Por que uma nota de papel vale alguma coisa

Uma nota de R\$ 100 é um pedaço de papel especial com tinta. Fabricá-la custa muito menos do que R\$ 100. Então, de onde vem o valor dela?

Durante muito tempo, em vários países, o dinheiro de papel era uma espécie de recibo. Ele representava uma quantidade de ouro guardada em algum lugar, e em tese dava para trocar o papel pelo metal. Hoje não é mais assim. O real não é lastreado em ouro, e nenhuma moeda importante do mundo é.

O dinheiro de hoje vale por **confiança**. É o que os economistas chamam de **moeda fiduciária**: a palavra vem de "fidúcia", que quer dizer confiança. Você aceita reais porque sabe que o padeiro, o dono do aluguel e o governo também vão aceitar. O governo, aliás, exige que os impostos sejam pagos em reais, e a lei obriga a aceitar a moeda nacional em pagamentos no país.

Isso parece frágil, e de certa forma é. Se as pessoas perdem a confiança na moeda, ela perde valor muito depressa. O Brasil já viveu isso, e o capítulo 2 conta essa história. Mas, quando a moeda é bem cuidada, a confiança funciona muito bem no dia a dia.

MITO OU VERDADE

Muita gente diz: o governo podia imprimir mais dinheiro, dar para todo mundo, e a pobreza acabava. **Falso.** Se a quantidade de dinheiro cresce muito mais depressa do que a quantidade de coisas para comprar, os preços sobem. Cada pessoa teria mais notas na mão, mas cada nota compraria menos. Na prática a economia tem mais detalhes, mas a ideia central é essa, e ela é o começo da explicação sobre inflação no capítulo 2.

Quem fabrica o dinheiro

No Brasil, as notas e moedas são fabricadas pela **Casa da Moeda**. Quem decide quanto dinheiro vai para a rua e cuida da moeda é o **Banco Central**. Até aqui, nenhuma surpresa.

A surpresa é outra: a maior parte do dinheiro que existe não é papel nem metal. É número em conta de banco. O seu salário, o saldo do seu Pix, o que você gasta no débito, quase tudo isso é registro eletrônico. As notas são só uma parte pequena do total.

E tem mais um detalhe curioso. Quando um banco faz um empréstimo, ele não pega uma pilha de notas de um cofre. Ele simplesmente coloca o valor na conta de quem pegou o empréstimo. Esse saldo novo passa a ser dinheiro: a pessoa pode gastar, transferir, pagar boletos. Por isso se diz que os bancos também "criam" dinheiro quando emprestam.

Calma, isso não quer dizer que os bancos fabricam dinheiro à vontade. Eles seguem regras do Banco Central, precisam manter uma parte dos recursos guardada e assumem o risco de não receber de volta. Na prática o mecanismo tem bem mais detalhes, mas a ideia geral é essa: crédito e dinheiro andam juntos.

Resumindo: a Casa da Moeda imprime as notas, mas a maior parte do dinheiro é número em conta, e parte dele nasce de empréstimos.

Dinheiro que você não vê

Há algumas décadas, o salário de muita gente era pago em envelope, em dinheiro vivo. Depois vieram o cheque, o cartão de débito, o cartão de crédito, o boleto, as transferências pela internet. Em **novembro de 2020**, o Banco Central lançou o **Pix**, que permite mandar dinheiro na hora, a qualquer momento, só com uma chave como o celular ou o CPF.

O dinheiro digital é prático, mas traz um efeito colateral: ele é fácil demais de gastar. Contar notas na carteira dá uma noção física de que o dinheiro está acabando. Um toque na tela não dá. Esse é um dos motivos pelos quais muita gente sente que o salário "some". O capítulo 9 trata desses truques da cabeça.

CUIDADO

A rapidez do Pix vale também para golpistas. Um Pix enviado sai da sua conta na hora, e pedir de volta é bem mais difícil do que mandar. Desconfie de qualquer pedido urgente de transferência, mesmo vindo de "um parente" no WhatsApp. Se cair num golpe, avise o seu banco o quanto antes: existe um mecanismo de devolução para casos de fraude, o **MED**, explicado no capítulo 24.

Dinheiro é tempo de vida trocado

Agora a ideia mais importante do capítulo. Para a maioria das pessoas, dinheiro não cai do céu. Ele chega em troca de horas de trabalho. Então, quando você compra alguma coisa, está trocando um pedaço do seu tempo por ela.

Pense em Lucas. Imagine, como exemplo, que caem R\$ 2.500 por mês na conta dele, por uma jornada de 44 horas por semana. Na prática, isso dá cerca de 220 horas de trabalho por mês, que é a conta usada em muitos contracheques. Cada hora de trabalho de Lucas vale, então, uns R\$ 11,36.

Agora ele quer um celular de R\$ 2.000. Dividindo, o aparelho custa 176 horas de trabalho. Em dias de 8 horas, são 22 dias inteiros, quase um mês de trabalho. Dito assim, a pergunta muda. Não é mais "cabe no meu bolso?", e sim "esse celular vale um mês da minha vida?".

Às vezes a resposta é sim, e tudo bem. Um celular pode ser ferramenta de trabalho, de estudo, de contato com a família. A ideia não é proibir nada, e sim enxergar o preço verdadeiro antes de decidir.

FAÇA A CONTA

Quantas horas de trabalho custa uma compra?

1. Pegue o valor que cai na sua conta por mês. Exemplo: R\$ 1.800.
2. Divida pelas horas que você trabalha no mês. Exemplo: 220 horas. $R\$ 1.800 \div 220 =$ cerca de R\$ 8,18 por hora.
3. Divida o preço da compra pelo valor da sua hora. Exemplo: uma TV de R\$ 1.500. $R\$ 1.500 \div R\$ 8,18 =$ cerca de 183 horas.
4. Se quiser em dias, divida pelas horas de um dia de trabalho. $183 \div 8 =$ quase 23 dias.

Se você trabalha por conta própria, use a média do que sobra para você por mês e as horas que de fato trabalha, contando deslocamento.

Uma observação justa: o tempo de cada pessoa vale o mesmo como vida, mesmo que o mercado pague valores diferentes por hora. Uma hora de quem ganha pouco não é "menos importante". Ela só compra menos coisas, e por isso cada gasto pesa mais. É exatamente por isso que vale a pena entender como o dinheiro funciona.

NA PRÁTICA

1. Calcule hoje quanto vale uma hora do seu trabalho, com o passo a passo da caixa acima.
2. Anote esse número no celular, num lugar fácil de achar.
3. Na próxima compra acima de R\$ 100, antes de pagar, divida o preço pelo valor da sua hora.
4. Pergunte a si mesmo: "eu trocaria essas horas da minha vida por isso?". Se sim, compre sem culpa.

Resumindo

- O dinheiro nasceu para resolver os problemas do escambo: facilitar a troca, medir valor e guardar valor.

- O real não vale por estar ligado ao ouro, mas pela confiança de que todos vão aceitá-lo.
- A maior parte do dinheiro é número em conta, e parte dele surge quando os bancos emprestam.
- Dinheiro digital, como o Pix, é prático, mas facilita gastar sem perceber.
- Cada compra custa horas da sua vida; fazer essa conta ajuda a decidir melhor.

CAPÍTULO 2

Inflação: o dinheiro que encolhe

Renata faz a compra do mês sempre no mesmo mercado, quase sempre com a mesma lista. Arroz, feijão, óleo, café, leite, o biscoito que a Bia gosta. Há um ano, o carrinho saía por uns R\$ 600. Neste mês, com os mesmos itens, a conta passou de R\$ 650. Ela não comprou nada a mais. O salário, esse sim, continuou igual.

O que aconteceu com Renata tem nome: **inflação**. E entender como ela funciona é o primeiro passo para não deixar o seu dinheiro encolher sem você perceber.

O que é inflação

Inflação é o aumento geral dos preços ao longo do tempo. Não é o preço de um produto só subindo, como o tomate que fica caro numa entressafra. É quando a maior parte das coisas fica mais cara ao mesmo tempo, mês após mês.

O efeito mais importante da inflação não está no preço, está no seu bolso. Se tudo sobe e o seu dinheiro continua o mesmo, ele compra menos. Os economistas chamam isso de **poder de compra**: quanto de coisas o seu dinheiro consegue comprar.

Pense numa nota de R\$ 100. Ela continua sendo uma nota de R\$ 100 daqui a um ano. Mas, se os preços subirem 10% nesse período, aquela nota vai comprar o que antes custava uns R\$ 91. O número na nota não muda; o que ela compra, sim.

Resumindo: inflação é o dinheiro perdendo poder de compra porque os preços sobem.

Como se mede a inflação

Se cada produto sobe num ritmo diferente, como saber quanto os preços subiram "no geral"? A resposta é uma cesta.

Imagine uma cesta gigante com tudo o que as famílias costumam comprar: comida, aluguel, conta de luz, gasolina, passagem de ônibus, remédio, mensalidade escolar, roupa, internet. Todo mês, pesquisadores vão a lojas e serviços de várias cidades anotar os preços. Depois comparam quanto a cesta inteira custava antes e quanto custa agora. A diferença, em porcentagem, é a inflação do período.

No Brasil, a inflação oficial é o **IPCA** (Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo), medido pelo **IBGE**. É ele que aparece no jornal quando se diz que "a inflação de 12 meses ficou em tanto". Cada item da cesta tem um peso: coisas em que as famílias gastam mais, como alimentação e moradia, contam mais na conta final.

Há outros índices, usados para fins específicos. O reajuste de muitos contratos de aluguel, por exemplo, usa um índice próprio, escrito no contrato. Vale olhar qual é o seu.

CURIOSIDADE

A inflação oficial é uma média. A sua inflação pessoal pode ser bem diferente. Se você não tem carro, a alta da gasolina pesa menos para você, pelo menos diretamente. Se metade do seu salário vai para o mercado, uma alta forte dos alimentos pesa mais do que o IPCA mostra. Por isso a sensação de "tudo está mais caro" às vezes não bate com o número do jornal.

Por que os preços sobem

Os motivos da inflação são muitos e se misturam. Em versão simplificada, dá para separar em quatro grandes causas.

Causa	O que acontece	Exemplo
Muita procura	Tem mais gente querendo comprar do que coisas para vender	Muito dinheiro circulando e pouca oferta de produtos
Custo maior	Produzir fica mais caro e o aumento chega ao preço final	Diesel sobe, o frete sobe, o alimento sobe
Dólar caro	Produtos e matérias-primas importados ficam mais caros	Trigo importado encarece o pão
Expectativa	Todo mundo espera aumento e reajusta antes	A loja sobe o preço "porque tudo vai subir"

A primeira causa ajuda a entender o mito do capítulo 1. Se o governo imprimisse dinheiro sem parar, haveria muita gente com dinheiro para pouca coisa à venda, e os preços subiriam. A última causa é a mais traiçoeira: quando as pessoas acham que a inflação vai subir, elas agem de um jeito que faz a inflação subir de verdade.

Na prática, os economistas discutem muito o peso de cada causa em cada momento. O importante aqui é saber que inflação não tem uma causa única, e que o dólar e as expectativas pesam bastante. O capítulo 4 mostra como o Banco Central tenta segurar os preços.

Resumindo: os preços sobem quando a procura passa da oferta, quando os custos sobem, quando o dólar sobe e quando todo mundo espera aumento.

Quando a inflação vira um monstro

Para quem tem menos de 35 anos, é difícil imaginar o Brasil das décadas de 1980 e começo dos anos 1990. Em alguns anos daquele período, a inflação passou de 1.000% ao ano. Os preços mudavam de uma semana para a outra, às vezes de um dia para o outro. Isso se chama **hiperinflação**.

Quem viveu essa época tem histórias parecidas. Nos supermercados, funcionários passavam pelos corredores com maquininhas de etiqueta, remarcando os preços várias vezes por mês. As famílias corriam ao mercado no dia do pagamento e enchiam o carrinho, porque dali a duas semanas o salário compraria bem menos. Quem tinha conta em banco tentava aplicar o dinheiro no mesmo dia, só para não perder valor.

Veja o tamanho do estrago com um exemplo. Imagine uma inflação de 40% ao mês, número de exemplo, mas da ordem do que chegou a acontecer. Um salário de R\$ 1.000 recebido no começo do mês compraria, no fim do mês, o que antes custava uns R\$ 714. No fim do mês seguinte, o que antes custava uns R\$ 510. Metade do salário teria sumido em dois meses, sem que ninguém tocasse nele.

Nesse período, o país trocou de moeda várias vezes. Passaram pela carteira dos brasileiros o cruzeiro, o cruzado, o cruzado novo, o cruzeiro de novo e o cruzeiro real. Vários planos tentaram frear os preços, inclusive com congelamento, e não deram certo por muito tempo.

A virada veio com o **Plano Real**. Primeiro, em março de 1994, foi criada a **URV** (Unidade Real de Valor), uma espécie de régua estável que servia para dar preço às coisas enquanto a moeda antiga continuava circulando. Os preços passaram a ser mostrados também em URV, e as pessoas foram se acostumando com valores que não mudavam todo dia. Em 1º de julho de 1994, o **real** entrou em circulação. A inflação caiu muito nos anos seguintes.

CURIOSIDADE

Na troca, cada real valia 2.750 cruzeiros reais. Ou seja, quem tinha 2.750 cruzeiros reais no bolso passou a ter 1 real. Muita gente guardou cédulas antigas de recordação, cheias de zeros.

O objetivo é inflação baixa e estável

Se inflação alta é ruim, inflação zero seria o ideal? Não exatamente. Uma inflação baixa e previsível é considerada saudável pela maioria dos economistas. Ela dá tempo para as empresas planejarem, para os salários serem reajustados e para as pessoas decidirem sem susto.

O pior cenário é a inflação alta e instável, que ninguém consegue prever. Ela pega mais forte justamente quem tem menos. Quem tem dinheiro aplicado em bons investimentos consegue se proteger em parte. Quem vive de salário e gasta quase tudo com comida e contas sente cada aumento na hora.

No Brasil, a meta de inflação é definida pelo **Conselho Monetário Nacional**, e o Banco Central trabalha para cumpri-la. Os números da meta podem mudar; consulte o valor atual no site do Banco Central. O capítulo 4 explica a principal ferramenta usada para isso, a **taxa Selic**, a taxa básica de juros do país.

O que a inflação faz com o dinheiro parado

Agora o ponto mais prático. Dinheiro parado, seja debaixo do colchão, no cofrinho ou na conta corrente sem rendimento, perde valor todo ano em que há inflação. Ele não diminui no número. Diminui no que compra.

Veja um exemplo com inflação de 5% ao ano, um número redondo escolhido só para a conta. Quem guarda R\$ 1.000 em casa vê o poder de compra encolher assim:

Depois de	O que os R\$ 1.000 guardados compram, em valores de hoje
1 ano	cerca de R\$ 952
3 anos	cerca de R\$ 864
5 anos	cerca de R\$ 784
10 anos	cerca de R\$ 614

Em dez anos, o dinheiro guardado em casa perdeu quase 40% do que conseguia comprar. É por isso que Seu Jorge, que guarda parte das economias numa lata, perde dinheiro mesmo sem gastar nada. O capítulo 8 mostra onde guardar a reserva com mais segurança.

MITO OU VERDADE

"Guardar dinheiro em casa é o jeito mais seguro, porque ele não some"? **Falso.**

Além do risco de roubo e de incêndio, o dinheiro em casa perde poder de compra todo ano em que há inflação. As notas continuam lá, mas compram menos.

Guardar em casa uma quantia pequena para emergências do dia a dia é razoável; guardar as economias da vida inteira, não.

Juro real: ganhar da inflação

Para não perder poder de compra, o dinheiro precisa render pelo menos o mesmo que a inflação. O que ele rende acima disso é o ganho de verdade, chamado de **juro real**.

Um exemplo. Imagine que você aplicou R\$ 1.000 e, em um ano, o dinheiro rendeu 10%. Você ficou com R\$ 1.100. Nesse mesmo ano, a inflação foi de 5%. Aquilo que custava R\$ 1.000 agora custa R\$ 1.050. Então você ganhou de verdade um pouco menos do que a diferença de 5 pontos: cerca de 4,8% a mais de poder de compra. A conta exata tem um detalhe, mas a ideia é simples: o ganho real é o que sobra depois de descontar a inflação.

O contrário também acontece. Se uma aplicação rendeu 4% num ano em que a inflação foi de 6%, o número na conta subiu, mas o poder de compra caiu. Você teria R\$ 1.040, enquanto as coisas que custavam R\$ 1.000 passaram a custar R\$ 1.060.

FAÇA A CONTA

O seu dinheiro ganhou da inflação?

1. Veja quanto a sua aplicação rendeu em 12 meses, em porcentagem. Exemplo: 4%.
2. Procure a inflação dos mesmos 12 meses (o IPCA acumulado, divulgado pelo IBGE). Exemplo: 6%.
3. Compare. Se o rendimento for maior, você ganhou poder de compra. Se for menor, perdeu.
4. Para ter uma ideia do tamanho, aplique as duas porcentagens a R\$ 1.000. $R\$ 1.000 + 4\% = R\$ 1.040$. $R\$ 1.000 + 6\% = R\$ 1.060$. Faltaram R\$ 20 para empatar com os preços.

NA PRÁTICA

1. Escolha cinco itens que você compra todo mês e anote o preço de hoje.
2. Daqui a seis meses e daqui a um ano, anote de novo. Essa é a sua inflação pessoal.
3. Se você guarda dinheiro em casa ou na conta corrente sem rendimento, some quanto é.
4. Leia o capítulo 8 antes de mudar qualquer coisa: lá está como montar uma reserva que rende e pode ser sacada rápido.

Resumindo

- Inflação é a alta geral dos preços, e o efeito dela é o dinheiro comprar menos.
- No Brasil, a inflação oficial é o IPCA, medido pelo IBGE com uma grande cesta de preços.
- O Plano Real, com a URV em março de 1994 e o real em julho de 1994, encerrou anos de hiperinflação.
- Dinheiro parado perde poder de compra todo ano em que há inflação.
- Juro real é o rendimento que sobra depois de descontar a inflação; é ele que mostra se você ganhou de verdade.

CAPÍTULO 3

Juros: o preço do tempo

Um amigo pediu R\$ 500 emprestados ao Lucas e prometeu devolver "quando der". Passou um ano, o amigo devolveu os mesmos R\$ 500, e Lucas ficou feliz por receber. Mas ficou uma pulga atrás da orelha. Durante um ano inteiro, ele ficou sem o dinheiro, correu o risco de não ver aquilo de volta e, com a inflação, os R\$ 500 agora compram menos. Será que empatou mesmo?

Não empatou. E a explicação tem a ver com a ideia mais poderosa deste livro: os **juros**.

Juros são o aluguel do dinheiro

Quando você aluga uma casa, paga ao dono pelo direito de usar algo que é dele. Com dinheiro é igual. Quem empresta cede o uso do dinheiro por um tempo e cobra por isso. Esse "aluguel" se chama juros.

A analogia ajuda, mas tem um limite. A casa alugada volta para o dono no fim do contrato. O dinheiro emprestado é gasto por quem pegou, e quem emprestou depende da outra pessoa conseguir pagar. É por isso que o risco pesa tanto no preço do dinheiro.

Os juros existem por três motivos principais.

- **Espera.** Quem empresta abre mão de usar o dinheiro agora. Ter algo hoje vale mais do que ter a mesma coisa daqui a um ano.
- **Risco.** Quem empresta pode não receber de volta. Quanto maior o risco, maiores os juros cobrados.
- **Inflação.** Como você viu no capítulo 2, o dinheiro perde poder de compra. Se os juros não cobrirem pelo menos a inflação, quem emprestou recebe de volta menos do que entregou, em poder de compra.

Os juros sempre aparecem junto com uma **taxa**, que é a porcentagem cobrada por um período: 2% ao mês, 10% ao ano. Esse "ao mês" ou "ao ano" faz toda a diferença, como você vai ver mais adiante.

Resumindo: juros são o preço de usar hoje um dinheiro que é de outra pessoa, ou de deixar alguém usar o seu.

Juros simples e juros compostos

Existem dois jeitos de calcular juros, e a diferença entre eles muda a vida de qualquer pessoa.

Nos **juros simples**, a taxa é aplicada sempre sobre o valor inicial. Se você aplica R\$ 1.000 a 10% ao ano, ganha R\$ 100 por ano, todo ano, e pronto.

Nos **juros compostos**, os juros de cada período entram na conta e passam a render também. No primeiro ano, os R\$ 1.000 rendem R\$ 100. No segundo, os 10% incidem sobre R\$ 1.100, e rendem R\$ 110. No terceiro, incidem sobre R\$ 1.210, e assim por diante. É o famoso "juros sobre juros".

Veja os dois lado a lado, com R\$ 1.000 a 10% ao ano, uma taxa de exemplo:

Ano	Juros simples	Juros compostos
1	R\$ 1.100	R\$ 1.100
2	R\$ 1.200	R\$ 1.210
3	R\$ 1.300	R\$ 1.331
4	R\$ 1.400	R\$ 1.464
5	R\$ 1.500	R\$ 1.611
10	R\$ 2.000	R\$ 2.594

No começo, a diferença parece pequena: R\$ 10 no segundo ano. Com o tempo, ela cresce cada vez mais depressa. Em dez anos, os juros compostos renderam quase R\$ 600 a mais. Em trinta anos, a distância fica enorme.

Na vida real, quase tudo funciona com juros compostos: investimentos, empréstimos, financiamentos, cartão de crédito. Os juros simples aparecem mais em exemplos de escola e em alguns casos específicos.

Resumindo: nos juros compostos, os juros também rendem juros, e por isso o valor cresce cada vez mais rápido.

Quando os juros compostos jogam contra você

Os juros compostos são como uma correnteza. Se você está a favor dela, ela te leva longe. Se está contra, ela te arrasta.

Numa dívida, a correnteza está contra você. Imagine uma dívida de R\$ 500 com juros de 8% ao mês, número de exemplo para uma dívida cara, que fica sem pagamento nenhum. Veja como ela cresce:

Depois de	Saldo da dívida
1 mês	R\$ 540
3 meses	cerca de R\$ 630
6 meses	cerca de R\$ 793
9 meses	cerca de R\$ 1.000
12 meses	cerca de R\$ 1.259

Em nove meses, a dívida praticamente dobrou. Em um ano, passou de duas vezes e meia o valor original. Não houve compra nova, não houve atraso de propósito. Só o tempo e a taxa trabalhando.

Algumas dívidas têm limites definidos em lei para os juros e encargos. É o caso do rotativo do cartão, que o capítulo 11 explica. Mesmo assim, elas continuam muito caras. A lição vale para todas: dívida cara precisa ser enfrentada cedo, porque cada mês parado deixa a próxima conta maior. O capítulo 13 mostra um passo a passo para isso.

CUIDADO

Pagar só uma parte pequena de uma dívida cara pode não reduzir o saldo. Se os juros do mês forem maiores do que o valor pago, a dívida continua crescendo, mesmo com você pagando todo mês. Antes de aceitar um acordo ou uma parcela mínima, pergunte quanto vai faltar pagar no fim e quanto você vai pagar no total.

Quando os juros compostos trabalham para você

Agora a correnteza a favor. O mesmo mecanismo que faz uma dívida explodir faz um investimento crescer sozinho com o tempo.

Imagine R\$ 1.000 aplicados a 8% ao ano, uma taxa de exemplo, sem tirar nem colocar nada:

Depois de	Valor acumulado
10 anos	cerca de R\$ 2.159
20 anos	cerca de R\$ 4.661
30 anos	cerca de R\$ 10.063

Repare no salto entre os 20 e os 30 anos. Nos primeiros dez anos, o dinheiro ganhou uns R\$ 1.159. Nos últimos dez, ganhou mais de R\$ 5.000. É o efeito dos juros sobre juros: quanto maior o valor acumulado, maior o ganho de cada ano.

Uma ressalva honesta: esses números não descontam a inflação nem impostos. Os 10 mil de daqui a 30 anos vão comprar bem menos do que 10 mil hoje. O que interessa, como no capítulo 2, é o ganho acima da inflação. Mesmo assim, a lógica se mantém: com o tempo, os juros compostos fazem uma diferença enorme.

Taxa ao mês não é taxa ao ano dividida por 12

Aqui mora uma das confusões mais comuns, e mais caras. Muita gente acha que 2% ao mês é a mesma coisa que 24% ao ano, porque 2 vezes 12 dá 24. Não é.

Como os juros são compostos, os juros de cada mês entram na conta do mês seguinte. Por isso, 2% ao mês equivalem a cerca de **26,8% ao ano**. Uma dívida de R\$ 1.000 a 2% ao mês vira uns R\$ 1.268 em 12 meses, e não R\$ 1.240.

Quanto maior a taxa mensal, maior a distância.

Taxa ao mês	Conta errada, vezes 12	Taxa ao ano de verdade
2%	24%	cerca de 26,8%
3%	36%	cerca de 42,6%
5%	60%	cerca de 79,6%
10%	120%	cerca de 213,8%

Uma taxa de 10% ao mês, que pode parecer "só 10%", faz uma dívida mais que triplicar em um ano. Por isso, sempre que comparar propostas, compare taxas no mesmo período: mês com mês ou ano com ano. Anúncios de crédito costumam mostrar a taxa ao mês, que parece menor. Investimentos costumam mostrar a taxa ao ano, que parece maior.

FAÇA A CONTA

Transformar taxa ao mês em taxa ao ano na calculadora do celular

1. Escreva a taxa mensal como um número que começa com 1. Para 2% ao mês, use 1,02. Para 5%, use 1,05.
2. Multiplique esse número por ele mesmo 12 vezes: $1,02 \times 1,02 \times 1,02 \dots$ até completar 12 vezes.
3. O resultado, para 2%, é cerca de 1,268.
4. Tire o 1 da frente e leia como porcentagem: 0,268 é 26,8% ao ano.

Dica: muitas calculadoras de celular, quando viradas de lado, têm a tecla de potência (x^y). Aí basta digitar 1,02, apertar x^y e digitar 12.

A regra dos 72

Existe um atalho para estimar quanto tempo um valor leva para dobrar com juros compostos. É a **regra dos 72**: divida 72 pela taxa anual e o resultado é, mais ou menos, o número de anos até dobrar.

- A 6% ao ano: $72 \div 6 = 12$. O dinheiro dobra em uns 12 anos.
- A 10% ao ano: $72 \div 10 = 7,2$. Dobra em pouco mais de 7 anos.
- A 8% ao mês, como a dívida do exemplo anterior: $72 \div 8 = 9$. Dobra em uns 9 meses, praticamente o que a tabela mostrou.

A regra também funciona com a taxa ao mês, como no último exemplo: o resultado sai em meses. É uma aproximação, que funciona bem para taxas entre uns 2% e uns 20% por período. Para conta exata, use a multiplicação da caixa acima.

MITO OU VERDADE

"O que importa é quanto você investe, não por quanto tempo"? **Depende, mas o tempo costuma pesar mais do que parece.** Com 8% ao ano de exemplo, R\$ 1.000 aplicados por 30 anos viram uns R\$ 10.063. Já R\$ 2.000, o dobro, aplicados por 20 anos, viram uns R\$ 9.322. Quem começou antes com metade do dinheiro terminou com mais.

O tempo vale mais do que o valor

Volte à história do começo do capítulo. Lucas emprestou R\$ 500 e recebeu R\$ 500 um ano depois. Ele não cobrou pela espera, assumiu sozinho o risco de não receber e perdeu para a inflação. Entre amigos, isso pode ser uma escolha generosa, e tudo bem. Só não é um empate.

A lição maior é esta: nos juros compostos, o tempo é o ingrediente mais forte. Numa dívida, cada mês a mais custa caro, e resolver cedo é a melhor economia. Num investimento, cada ano a mais ajuda, e começar cedo, mesmo com pouco, vale mais do que esperar para começar com muito. O capítulo 19 volta a esse assunto com aportes mensais.

NA PRÁTICA

1. Pegue a sua dívida mais cara, se tiver: cartão, cheque especial, empréstimo. Procure a taxa de juros na fatura, no contrato ou no aplicativo.
2. Se a taxa estiver ao mês, transforme em taxa ao ano com a conta da caixa "Faça a conta".
3. Use a regra dos 72 para ver em quanto tempo essa dívida dobraria se ficasse parada.
4. Anote o resultado. Ele vai servir para decidir a ordem de pagamento das dívidas no capítulo 13.

Resumindo

- Juros são o aluguel do dinheiro e existem por causa da espera, do risco e da inflação.

- Nos juros compostos, os juros rendem juros; quase tudo na vida real funciona assim.
- Os juros compostos fazem dívidas caras explodirem e investimentos crescerem com o tempo.
- 2% ao mês não é 24% ao ano, é cerca de 26,8%: compare sempre taxas no mesmo período.
- Pela regra dos 72, divida 72 pela taxa e veja em quanto tempo o valor dobra.

CAPÍTULO 4

Como a economia do país mexe no seu bolso

Renata estava fazendo o jantar com a TV ligada quando ouviu a notícia: "O Copom decidiu elevar os juros". O apresentador falou em "política monetária" e "expectativas", e ela mudou de canal. Parecia assunto de gente de terno, longe da vida dela.

Só que não está longe. Essa decisão mexe nos juros do cartão da Renata, no rendimento do dinheiro que o Seu Jorge guarda e até na chance de o Lucas conseguir financiar o carro. Este capítulo traduz as notícias de economia que mais afetam o seu bolso.

A taxa que puxa todas as outras

No capítulo 3, você viu que juros são o aluguel do dinheiro. Existe uma taxa que serve de referência para todas as outras no Brasil: a **taxa Selic**, a taxa básica de juros da economia. Ela é a base dos juros que o governo paga quando pega dinheiro emprestado, e por isso influencia os juros de quase tudo.

Quem define a meta da Selic é o **Banco Central**, por meio de um grupo chamado **Copom** (Comitê de Política Monetária). O Copom se reúne 8 vezes por ano. Em cada reunião, decide se a Selic sobe, desce ou fica igual. É essa a notícia que aparece no jornal.

Por que o Banco Central mexe nos juros? Principalmente para controlar a inflação. Lembra do capítulo 2? O Conselho Monetário Nacional define uma meta de inflação, e o Banco Central usa a Selic como principal ferramenta para alcançá-la.

A lógica, em versão simplificada, é esta. Quando a Selic sobe, pegar dinheiro emprestado fica mais caro. As pessoas compram menos a prazo, as empresas investem menos, e a procura por produtos diminui. Com menos procura, os preços sobem mais devagar. Quando a Selic cai, acontece o contrário: o crédito fica mais barato, a economia se movimenta mais, e os preços podem subir mais depressa.

Resumindo: o Banco Central sobe a Selic para frear a inflação e baixa a Selic para estimular a economia.

Selic alta, Selic baixa: o que muda para você

A Selic funciona como um termostato da economia. Subir a Selic esfria; baixar esquentar. Nenhuma das duas situações é boa ou ruim para todo mundo ao mesmo tempo.

	Selic alta	Selic baixa
Crédito, financiamento, cartão	Fica mais caro	Fica mais barato
Investimentos conservadores	Rendem mais	Rendem menos
Consumo e vendas	Diminuem	Aumentam
Emprego	Tende a crescer menos	Tende a crescer mais
Inflação	Tende a cair	Pode subir

Quem tem dívida sente mais a Selic alta. Quem tem dinheiro guardado em aplicações que acompanham os juros sente mais a Selic baixa. Na prática, os efeitos não são imediatos: costuma levar vários meses para uma mudança na Selic chegar aos preços.

Vale saber de um detalhe. Os juros que você paga numa dívida são sempre bem maiores do que a Selic. A diferença entre o que o banco paga para conseguir dinheiro e o que ele cobra de quem pega emprestado se chama **spread**. Nela entram o risco de calote, impostos, custos e o lucro do banco. É por isso que, mesmo com a Selic baixa, o rotativo do cartão continua caríssimo.

MITO OU VERDADE

"Se a Selic caiu, os juros da minha dívida caíram junto." **Depende.** Se a sua dívida tem taxa fixa, travada no contrato, nada muda. Se ela acompanha algum índice de juros, pode mudar com o tempo. E as dívidas mais caras, como rotativo e cheque especial, quase não acompanham a Selic, porque o peso maior nelas é o risco e o spread. Para ver a taxa de cada dívida, olhe o contrato ou o aplicativo do banco.

O CDI, irmão da Selic

Se você já olhou um investimento no aplicativo do banco, provavelmente viu algo como "rende 100% do CDI". O **CDI** (Certificado de Depósito Interbancário) é a taxa dos empréstimos de um dia que os bancos fazem entre si. Todo dia, alguns bancos têm

dinheiro sobrando e outros precisam de dinheiro, e eles se emprestam uns aos outros.

Como os bancos podem aplicar o dinheiro em títulos do governo que pagam perto da Selic, a taxa do CDI anda quase colada à Selic, normalmente um pouquinho abaixo. Por isso os dois sobem e descem praticamente juntos.

O CDI virou a régua dos investimentos conservadores no Brasil. Quando um investimento diz que rende "100% do CDI", ele promete acompanhar essa taxa. Se diz "90% do CDI", rende um pouco menos. O capítulo 8 usa essa régua para escolher onde guardar a reserva de emergência, e o capítulo 20 mostra os investimentos que a usam.

FAÇA A CONTA

Quanto rende um investimento que paga uma porcentagem do CDI?

1. Descubra o CDI ao ano. O valor de hoje aparece em sites de bancos, corretoras e no noticiário. Exemplo: 10% ao ano.
2. Multiplique pela porcentagem do investimento. Se ele paga 90% do CDI: $10\% \times 0,90 = 9\%$ ao ano.
3. Aplique ao seu valor. R\$ 10.000 a 9% ao ano rendem cerca de R\$ 900 em um ano.
4. Compare: se o CDI caísse para 5% ao ano, os mesmos R\$ 10.000 a 100% do CDI renderiam uns R\$ 500.

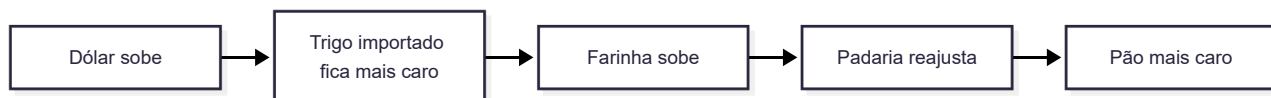
Essa conta é antes do Imposto de Renda, que pode existir conforme o investimento (capítulo 20). E é uma simplificação, porque o CDI muda ao longo do ano.

O dólar e o pão de cada dia

Muita gente acha que o dólar só importa para quem viaja para fora ou compra em site estrangeiro. Não é verdade.

O **câmbio** é o preço de uma moeda em outra: quantos reais custa um dólar. Quando o dólar sobe, tudo o que o Brasil compra de fora fica mais caro em reais. E o Brasil compra de fora muita coisa que vira produto aqui dentro: peças, remédios, fertilizantes, eletrônicos, e uma parte grande do trigo que consome.

Veja um exemplo com números de exemplo. Um produto que custa 100 dólares lá fora sai por R\$ 500 quando o dólar está a R\$ 5. Se o dólar sobe para R\$ 6, o mesmo produto passa a custar R\$ 600, 20% a mais, sem que nada tenha mudado no produto.



O mesmo vale para produtos cotados em dólar no mundo inteiro, como petróleo e alguns alimentos, mesmo quando são produzidos no Brasil. Por isso o dólar entra na lista de causas da inflação do capítulo 2.

O dólar alto não é ruim para todos. Empresas que vendem para fora, como exportadoras de grãos ou de carne, recebem mais reais por cada venda. Já o dólar baixo deixa importados e viagens mais baratos, mas aperta quem exporta. Ninguém consegue prever com segurança para onde o dólar vai no curto prazo.

CUIDADO

Desconfie de quem promete ganhar dinheiro fácil "apostando" na alta ou na queda do dólar. O câmbio sobe e desce por muitos motivos, inclusive notícias do mundo inteiro, e ninguém acerta isso com regularidade. O capítulo 21 trata de investimentos ligados ao dólar com mais calma.

Crescimento, crise e emprego

Você vai ouvir muito falar em **PIB** (Produto Interno Bruto). Ele é a soma de tudo o que o país produz de bens e serviços num período. Quando o PIB cresce, a economia está produzindo e vendendo mais. Quando cai, está produzindo menos.

Quando a economia encolhe por um tempo, fala-se em **recessão**. Costuma-se dizer que há "recessão técnica" quando o PIB cai dois trimestres seguidos, mas isso é uma convenção usada na imprensa, não uma regra única. Na vida real, a recessão aparece

assim: lojas vendem menos, empresas contratam menos ou demitem, e quem trabalha por conta própria sente o movimento cair.

Aline sente isso direto. Quando a economia vai mal, as pessoas pedem menos comida por aplicativo e cortam a manicure. A renda dela cai antes mesmo de sair qualquer notícia. Para quem tem carteira assinada, o risco é o desemprego. Por isso a reserva de emergência do capítulo 8 é tão importante: crises chegam sem avisar, e quem tem um colchão atravessa melhor.

Resumindo: quando o PIB cai, sobe o risco de perder renda; ter reserva é a melhor proteção pessoal contra crises.

Impostos e gastos do governo

O governo arrecada impostos de muitas formas: no salário, no consumo, na propriedade, nas empresas. Com esse dinheiro, paga saúde, educação, segurança, aposentadorias do INSS, programas sociais, salários de servidores e obras. O capítulo 23 mostra os impostos que você paga, inclusive os que vêm escondidos no preço.

Quando o governo gasta mais do que arrecada, ele tem um **déficit** e precisa pegar dinheiro emprestado. Ele faz isso vendendo títulos públicos, que são como promissórias do governo. Quando você compra um título no Tesouro Direto, está emprestando para o governo federal, assunto do capítulo 20.

Quanto o governo deve gastar, em quê e com que impostos é uma escolha política, e economistas sérios discordam entre si. Este livro não toma partido. O que vale para o seu bolso é entender a ligação. Quando o mercado desconfia que o governo vai ter dificuldade para pagar as dívidas, costuma exigir juros maiores para emprestar, e isso pode pressionar o dólar e a inflação. É mais uma peça da engrenagem.

NA PRÁTICA

1. Na próxima notícia sobre o Copom, veja se a Selic subiu, caiu ou ficou igual. Anote.
2. Pense no que isso muda para você: se tem dívida com juros que variam, se tem dinheiro aplicado que acompanha o CDI.
3. Abra o aplicativo do banco e veja quanto rende o dinheiro que está na conta. Se for 0%, leia o capítulo 8.
4. Se a sua renda depende do movimento da economia, como a da Aline, dê prioridade a montar uma reserva.

Resumindo

- A Selic é a taxa básica de juros, definida pelo Copom do Banco Central em 8 reuniões por ano.
- Selic alta deixa o crédito mais caro, os investimentos conservadores mais rentáveis e ajuda a frear a inflação.
- O CDI anda quase colado à Selic e serve de régua para os investimentos conservadores.
- O dólar mexe nos preços do dia a dia, até no pão, por causa do que o Brasil compra de fora.
- Crises aumentam o risco de perder renda; uma reserva de emergência é a melhor defesa pessoal.



Parte 2 — Organizar a vida

CAPÍTULO 5

Para onde vai o seu dinheiro?

Dia 5, o salário da Renata cai na conta. Dia 20, ela abre o app do banco e o saldo está quase zerado. Ela não lembra de nenhuma compra grande. Não viajou, não trocou de celular, não comprou nada "de luxo". A pergunta que ela faz, olhando para a tela, é a mesma de milhões de pessoas: "para onde foi esse dinheiro?".

Este capítulo é sobre responder a essa pergunta. Não para dar bronca, e sim para enxergar. Ninguém consegue organizar o que não vê. E quase todo mundo, quando olha de perto pela primeira vez, leva algum susto.

Antes de tudo: sem culpa

Anotar os gastos não é um tribunal. Você não está procurando um culpado, está fazendo um mapa. Um mapa não diz se a estrada é bonita ou feia; diz onde ela passa.

Muita gente evita olhar o extrato pelo mesmo motivo que evita subir na balança depois das festas. Dá medo do número. Mas o número já existe, olhando ou não. Saber dele só aumenta as suas opções.

Também vale lembrar: boa parte do seu dinheiro vai embora por desenho. Lojas, apps e bancos gastam muito para que pagar seja fácil e rápido, e para que você não sinta a saída do dinheiro. Isso não é fraqueza sua. O capítulo 9 fala desses truques com calma.

Resumindo: anotar é para enxergar, não para se punir.

Anote tudo por 30 dias

O primeiro passo é simples e meio chato: durante 30 dias, anote cada gasto. Do aluguel ao pão de queijo. Do Pix para o irmão à recarga do celular.

Não existe jeito certo de anotar. Existe o jeito que você vai conseguir manter. Algumas opções:

Jeito	Bom para quem	Cuidado
Caderninho ou papel na geladeira	Gosta de escrever, não confia em app	Leve junto ou anote à noite, senão esquece
Planilha no celular ou no computador	Gosta de somar e ver totais	Não precisa ser bonita, só precisa ser usada
App de controle de gastos	Quer praticidade	Leia o que o app faz com seus dados
Bloco de notas do celular	Quer o mais simples possível	Some tudo no fim da semana

O extrato do banco e a fatura do cartão ajudam muito. Eles registram quase tudo o que passa pelo Pix, débito e crédito. Mas não registram o dinheiro vivo. Se você saca R\$ 200 e gasta na feira, no ônibus e na padaria, o extrato só mostra "saque". Por isso, o dinheiro em espécie precisa ser anotado à mão.

Uma dica que funciona: anote no mesmo dia, de preferência na hora. Deixar para o fim do mês é receita para esquecer metade.

NA PRÁTICA

1. Escolha hoje um jeito de anotar (papel, planilha ou app). Não gaste mais de 10 minutos escolhendo.
2. Anote todo gasto por 30 dias, com data, valor e o que foi.
3. Uma vez por semana, confira o extrato do banco e a fatura do cartão e complete o que faltou.
4. No fim dos 30 dias, separe os gastos nos três grupos da próxima seção e some cada grupo.

Três tipos de gasto

Quando você junta 30 dias de anotações, os gastos começam a se encaixar em três grupos.

Gastos fixos são os que vêm todo mês, com valor igual ou quase igual: aluguel ou prestação da casa, condomínio, escola, plano de celular, internet, mensalidade da academia. Você sabe que eles vão chegar.

Gastos variáveis também aparecem todo mês, mas o valor muda: mercado, feira, farmácia, luz, água, gás, combustível, lanche, delivery, roupa. São eles que mais pesam no "sumiço" do dinheiro, porque cada um parece pequeno.

Gastos esporádicos são os que não vêm todo mês, mas vêm todo ano. IPVA, IPTU, material escolar, uniforme, presentes de Natal, aniversário dos filhos, conserto do carro, revisão da moto. O problema deles é que todo mundo sabe que vão chegar, e mesmo assim eles pegam a gente de surpresa.

Na prática, a divisão nem sempre é perfeita. A conta de luz é fixa ou variável? Tanto faz. O que importa é você ter uma ideia de quanto é "certo" todo mês, quanto muda e quanto aparece de vez em quando.

O truque dos esporádicos: dividir por 12

Os gastos esporádicos são os que mais derrubam orçamentos. Em janeiro chegam IPVA, IPTU e material escolar juntos. Quem não se preparou recorre ao cartão, ao cheque especial ou ao parcelamento. E começa o ano devendo.

A saída é tratar esses gastos como se fossem mensais. Some tudo o que aparece ao longo do ano e divida por 12. O resultado é quanto você precisaria separar por mês para que, quando a conta chegasse, o dinheiro já estivesse lá.

Imagine estes gastos do ano numa família (valores de exemplo):

Gasto do ano	Valor
IPVA da moto	R\$ 1.200
Material escolar	R\$ 600
Presentes de Natal	R\$ 480
Aniversários das crianças	R\$ 360
Total	R\$ 2.640

FAÇA A CONTA

Some os gastos da tabela: dá R\$ 2.640. Agora divida: $R\$ 2.640 \div 12 = R\$ 220$ por mês.

Ou seja, essa família tem um "gasto escondido" de R\$ 220 todo mês, mesmo nos meses em que nada disso aparece. Faça a mesma lista com os seus gastos do ano e divida por 12 na calculadora.

Às vezes R\$ 220 por mês não cabe. Tudo bem. Separar R\$ 100 já faz janeiro doer bem menos. O capítulo 6 mostra como encaixar isso no orçamento, com contas separadas no app do banco.

Os gastos invisíveis

Existe um quarto tipo de gasto que não é bem uma categoria. São os gastos que você nem percebe que faz. Eles não doem na hora, porque são pequenos, automáticos ou escondidos no meio de outra coisa.

Os mais comuns:

- **Assinaturas.** Streaming de vídeo, de música, armazenamento de fotos, aplicativo de treino, clube de desconto, jogo no celular. Muitas começam com um mês grátis e viram cobrança sem aviso. Algumas você nem usa mais.
- **Tarifas bancárias.** Muitos bancos cobram um **pacote de serviços**, uma tarifa mensal que dá direito a um número de transferências, saques e extratos. Às vezes você paga por um pacote de que não precisa. Os bancos são obrigados a oferecer serviços essenciais gratuitos; pergunte ao seu banco quais são e se dá para ficar só com eles.
- **Delivery e taxas.** O lanche pelo app custa o lanche mais a taxa de entrega, a taxa de serviço e, às vezes, um preço maior do que na loja.
- **Pequenos gastos repetidos.** O café da esquina, o salgado no intervalo, o refrigerante na volta, o doce no caixa. Um a um, nada. Somados, muito.
- **Juros e multas.** O boleto pago com atraso, a fatura paga só em parte, o cheque especial usado por dois dias.

Esses gastos ficam invisíveis porque nunca aparecem como uma conta grande. É só quando você soma um mês inteiro que eles mostram o tamanho.

Veja quanto pequenos gastos podem somar (valores de exemplo):

Gasto	Por mês	Por ano
Delivery: 8 pedidos de R\$ 35	R\$ 280	R\$ 3.360
Lanche de R\$ 8 nos 22 dias de trabalho	R\$ 176	R\$ 2.112
Quatro assinaturas: R\$ 39,90 + R\$ 29,90 + R\$ 21,90 + R\$ 19,90	R\$ 111,60	cerca de R\$ 1.339
Tarifa de pacote bancário de R\$ 25	R\$ 25	R\$ 300

Refaça a linha do lanche na calculadora: R\$ 8 vezes 22 dias dá R\$ 176 no mês. Vezes 12 meses, R\$ 2.112 no ano. Agora faça com os seus números. Pegue o valor de um gasto pequeno, multiplique pelas vezes que ele acontece no mês e depois por 12. O resultado anual costuma assustar mais do que o mensal, e é para isso que serve.

Repare: o objetivo não é proibir o lanche nem o delivery. Eles podem ser exatamente as coisas que tornam a sua semana suportável. O objetivo é que eles sejam uma escolha, e não um vazamento. Gastar R\$ 280 por mês com delivery porque você decidiu é bem diferente de gastar sem saber.

MITO OU VERDADE

"O problema é o cafezinho." **Depende, e quase sempre não.** Pequenos gastos somam, como a tabela mostrou, mas raramente são o que quebra o orçamento de quem ganha pouco. Em muitas casas, o peso maior está no aluguel, no mercado, no transporte e nas dívidas. Cortar o café sem olhar o resto é como tirar um balde de água de um barco furado sem tapar o furo. Olhe primeiro os gastos grandes, depois os pequenos.

A caça às assinaturas

As assinaturas merecem uma atenção especial, porque são o gasto invisível mais fácil de resolver. Elas se renovam sozinhas, todo mês, e somem no meio da fatura.

Para achar todas, pegue as últimas três faturas do cartão e procure cobranças que se repetem. Faça o mesmo no extrato da conta. Confira também as assinaturas da loja de aplicativos do celular, que ficam numa área própria das configurações.

Para cada uma, pergunte: "eu usei isso no último mês?". Se a resposta for não, cancele. Se for "às vezes", pense se dá para assinar só nos meses em que você vai usar e cancelar depois. Muitos serviços permitem isso.

CUIDADO

Desconfie do "teste grátis" que pede o número do cartão. Ele quase sempre vira cobrança automática no fim do período. Se for testar, anote na agenda do celular a data para cancelar, um ou dois dias antes do fim. E cuidado com cobranças que você não reconhece na fatura: pode ser fraude. Nesse caso, fale com o banco logo.

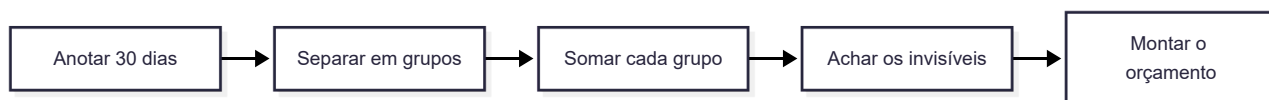
Olhando o mapa pronto

Depois dos 30 dias, a Renata somou tudo e montou uma tabelinha. Aluguel, mercado, contas da casa, transporte, escola das crianças. Até aí, nenhuma surpresa. A surpresa veio na linha "outros": delivery, lanches, três assinaturas que ela tinha esquecido e os juros do cartão. Juntos, passavam de R\$ 500 por mês.

Ela não cortou tudo. Cancelou duas assinaturas que ninguém usava e combinou com os filhos um delivery por semana, em vez de três. Os juros do cartão ficaram para o capítulo 13, porque esse é um problema maior. Mas, pela primeira vez, ela sabia para onde o dinheiro estava indo.

Quando você tiver o seu mapa, faça três perguntas simples:

1. Quanto entra por mês, de verdade, já com os descontos?
2. Quanto sai em gastos fixos, variáveis e esporádicos (divididos por 12)?
3. Alguma coisa me surpreendeu?



Se a resposta da terceira pergunta for sim, ótimo. Esse é o ponto de partida. Se sair mais do que entra, também é informação valiosa, e não um veredito sobre você. Às vezes o problema é de gasto; muitas vezes é de renda. O capítulo 6 fala dos dois casos.

Quando você não tem tempo nem paciência

Talvez você esteja pensando: "trabalho o dia inteiro, chego cansado, não vou anotar cada bala". Faz sentido. Há versões mais leves que ainda funcionam:

- **Só os grandes.** Anote apenas gastos acima de um valor, como R\$ 20, e some o resto como "pequenos".
- **Uma semana por mês.** Anote tudo só durante uma semana e multiplique por quatro. Não é exato, mas dá uma boa ideia.
- **Pelo extrato.** Concentre quase tudo no cartão de débito ou no Pix por um mês e use o extrato como anotação pronta. No fim do mês, só classifique.

Qualquer mapa imperfeito é melhor do que nenhum mapa. Você pode refinar depois.

Resumindo

- Anotar os gastos por 30 dias serve para enxergar, não para se culpar.
- Separe os gastos em fixos, variáveis e esporádicos; some os esporádicos do ano e divida por 12.
- Gastos invisíveis (assinaturas, tarifas, delivery, pequenos gastos, juros) só aparecem quando você soma o mês.
- Olhe primeiro os gastos grandes; o cafezinho raramente é o vilão.
- Com o mapa pronto, você está pronto para montar um orçamento, no próximo capítulo.

CAPÍTULO 6

Um orçamento que cabe na vida real

Com o mapa de 30 dias na mão, a Renata decidiu "fazer um orçamento". Achou na internet uma regra famosa: metade da renda para o essencial, 30% para desejos, 20% para guardar. Fez as contas e travou. Só o aluguel, o mercado e as contas da casa já comiam muito mais do que metade do salário. Ela fechou a planilha pensando: "orçamento não é para gente como eu".

É, sim. Só que o orçamento precisa ser feito para a vida dela, e não para a vida de quem escreveu a regra. Este capítulo mostra como montar um orçamento que cabe no Brasil real, com renda de verdade.

O que é um orçamento, sem complicação

Orçamento é um plano para o dinheiro do mês, feito antes de o mês acontecer. Em vez de olhar no dia 20 para onde o dinheiro foi, você decide no dia 1 para onde ele vai.

A conta básica é uma só: o que entra menos o que sai. Se sobra, você decide o que fazer com a sobra. Se falta, você precisa descobrir de onde tirar, ou de onde trazer mais.

Dois cuidados nessa conta. Primeiro, use a renda **líquida**, a que de fato cai na conta, e não o salário que está na carteira de trabalho. O capítulo 7 explica a diferença. Segundo, inclua os gastos esporádicos divididos por 12, como no capítulo 5. Sem eles, o orçamento parece fechar e depois estoura em janeiro.

Em uma frase: orçamento é decidir antes para onde o dinheiro vai.

A regra 50-30-20 e por que ela muitas vezes não cabe

A regra mais conhecida diz para dividir a renda líquida assim:

Parte	Para quê	Com renda de R\$ 2.500
50%	Necessidades: moradia, comida, contas, transporte	R\$ 1.250
30%	Desejos: lazer, roupa nova, delivery, presentes	R\$ 750
20%	Futuro: reserva, investimento, quitar dívidas	R\$ 500

A ideia é boa: ela lembra que o futuro também precisa de uma fatia. O problema são os números. Para muita família brasileira, pagar moradia, comida e transporte com metade da renda é impossível. Não por falta de controle, e sim porque o aluguel e o mercado custam o que custam.

Veja o caso da Renata, com valores de exemplo. Ela recebe R\$ 3.200 líquidos por mês.

Gasto essencial	Valor
Aluguel	R\$ 1.000
Mercado e feira	R\$ 900
Luz, água e gás	R\$ 250
Transporte	R\$ 200
Material e lanche da escola	R\$ 150
Celular e internet	R\$ 120
Farmácia	R\$ 100
Total	R\$ 2.720

FAÇA A CONTA

Some os gastos essenciais da Renata: dá R\$ 2.720. Agora divida pela renda: $R\$ 2.720 \div R\$ 3.200 = 0,85$. Isso quer dizer que 85% da renda vai para o essencial, e não 50%. Sobram $R\$ 3.200 - R\$ 2.720 = R\$ 480$ para todo o resto. Faça a mesma conta com os seus números: some o essencial e divida pela sua renda líquida.

Isso não significa que a Renata está "errada". Significa que a regra não foi feita para o caso dela. O que fazer então? Adaptar. Use as três fatias como ideia, e não como lei:

- **Essencial** é o que precisa ser pago para a casa funcionar. Ele vem primeiro, seja qual for a porcentagem.
- **Futuro** é uma fatia que nunca deve ser zero, mesmo que seja de 2% ou 5%.
- **Desejos** é o que sobra, e precisa existir também. Um orçamento sem nenhum prazer costuma ser abandonado em poucas semanas.

MITO OU VERDADE

"Todo mundo consegue guardar 20% do salário." **Falso.** Quem ganha pouco muitas vezes gasta quase tudo no básico, e isso é matemática, não preguiça. A porcentagem certa é a que cabe na sua vida agora. Começar com pouco e aumentar quando a renda sobe vale mais do que mirar alto e desistir no segundo mês.

Pague-se primeiro

A maioria das pessoas tenta guardar o que sobra no fim do mês. O problema é que quase nunca sobra. O dinheiro parado na conta parece disponível, e vai sendo usado sem que a gente perceba.

A ideia de **pague-se primeiro** inverte a ordem. No dia em que o salário cai, antes de pagar qualquer outra coisa, você separa uma quantia para o seu futuro. Trate essa quantia como uma conta: igual à luz, ela tem dia certo.

Não precisa ser muito. Se a Renata separar R\$ 50 no dia do pagamento, em um ano terá R\$ 600, sem contar rendimento. Parece pouco, mas R\$ 600 é a diferença entre consertar a geladeira à vista ou entrar no cartão. E, mais importante, ela cria o hábito. Quando a renda melhorar, aumentar de R\$ 50 para R\$ 100 vai ser fácil.

Dica que ajuda muito: deixe isso automático. Muitos bancos permitem agendar uma transferência todo mês, para outra conta ou para uma área separada dentro do app. O que é automático não depende de força de vontade.

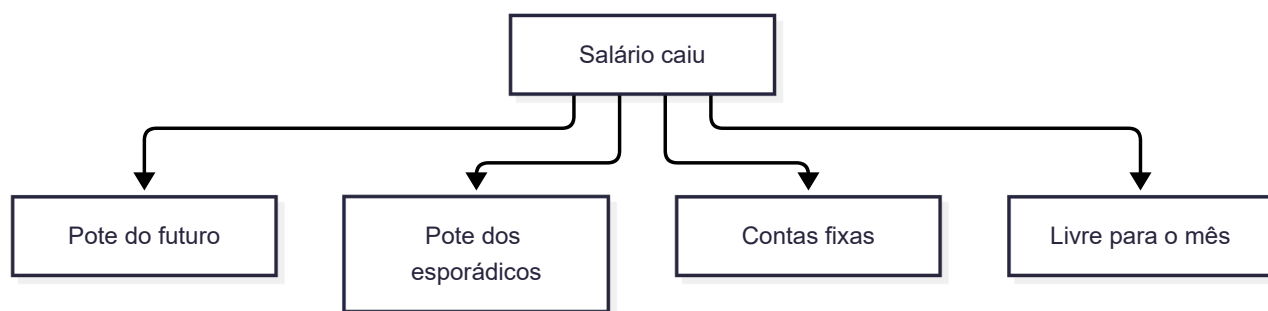
Em uma frase: guarde no dia em que o dinheiro entra, nem que seja pouco.

Envelopes e potes

Antigamente, muita gente recebia o salário em dinheiro e dividia em envelopes: um para o aluguel, um para o mercado, um para a luz. Quando o envelope do mercado acabava, acabava. Era simples e funcionava, porque dava para ver o dinheiro diminuindo.

Hoje dá para fazer o mesmo sem papel. Muitos bancos digitais têm "potes", "caixinhas" ou "objetivos" dentro do app. Você separa o dinheiro em partes com nomes diferentes. O saldo da conta principal mostra só o que está livre para gastar.

Uma divisão possível:



- **Pote do futuro:** o "pague-se primeiro". Não mexe.
- **Pote dos esporádicos:** a parte mensal do IPVA, do material escolar, do Natal. Só sai quando a conta chega.
- **Contas fixas:** aluguel, luz, internet. Se der, deixe tudo em débito automático ou agendado.
- **Livre para o mês:** mercado, transporte, lazer. Quando acabar, acabou.

Um cuidado: veja se o pote do seu banco rende alguma coisa e se dá para tirar o dinheiro na hora. Para o pote do futuro, isso importa; o capítulo 8 fala de onde guardar a reserva.

NA PRÁTICA

1. Pegue o mapa de gastos do capítulo 5 e some quanto vai para o essencial.
2. Decida um valor para o "pague-se primeiro", mesmo pequeno, como R\$ 20 ou R\$ 50.
3. Some os esporádicos do ano, divida por 12 e defina quanto vai separar por mês, mesmo que seja menos do que isso.
4. Crie no app do banco um pote para o futuro e outro para os esporádicos.
5. Agende as duas transferências para o dia em que o salário cai.

Orçamento de casal e de família

Quando duas pessoas dividem a casa, o orçamento fica mais delicado, porque mistura dinheiro e relação. Não existe um jeito único certo. O que existe é um jeito combinado.

Três formas comuns:

Forma	Como funciona	Bom quando
Tudo junto	Toda renda vai para uma conta só	Há muita confiança e rendas parecidas
Tudo separado	Cada um paga algumas contas	Os dois preferem autonomia
Misto	Cada um põe uma parte num fundo comum e fica com o resto	Quase sempre funciona bem

No modelo misto, uma forma justa de dividir é proporcional à renda. Imagine um casal em que um ganha R\$ 2.500 e o outro, R\$ 1.800, e as contas da casa somam R\$ 1.500 (valores de exemplo). A renda total é R\$ 4.300. Quem ganha R\$ 2.500 tem cerca de 58% da renda da casa e paga uns R\$ 872. Quem ganha R\$ 1.800 tem cerca de 42% e paga uns R\$ 628. Os dois contribuem com a mesma proporção do que ganham.

O mais importante não é a fórmula, é a conversa. Combinem o que é conta da casa, quanto cada um pode gastar sem precisar avisar e qual é o objetivo comum. O capítulo 26 volta a esse assunto, incluindo os filhos.

Quando a renda não cobre o básico

Às vezes você faz tudo direitinho e a conta não fecha. O essencial custa mais do que entra. Nesse caso, é importante dizer com todas as letras: **o problema é de renda, não de "gestão"**. Nenhuma planilha transforma R\$ 1.800 em R\$ 3.000. Cortar o que já é mínimo só gera sofrimento.

O que dá para fazer:

- **Conferir seus direitos.** Se você trabalha com carteira, veja se está recebendo tudo: vale-transporte, horas extras, adicional noturno quando for o caso. O capítulo 7 ajuda a ler o holerite.
- **Procurar os benefícios sociais.** O **CadÚnico** (Cadastro Único) é a porta de entrada para vários programas do governo, como o Bolsa Família e a Tarifa Social de Energia Elétrica, que dá desconto na conta de luz. O cadastro é feito no CRAS ou no setor indicado pela prefeitura. As regras de quem tem direito mudam; confira no gov.br ou no CRAS da sua cidade.
- **Aumentar a renda.** Um bico no fim de semana, vender algo que você faz bem, pedir aumento com argumentos, fazer um curso gratuito que abra uma vaga melhor. Nem sempre é rápido, mas costuma ter mais efeito do que cortar.
- **Renegociar os gastos grandes.** Aluguel, plano de celular, pacote bancário, dívidas. Uma conversa com o proprietário ou com o banco pode render mais do que um mês inteiro de cortes pequenos.

Se as dívidas estão no meio do caminho, a Parte 3 do livro é para você. Começar por ela pode ser o passo mais importante.

CUIDADO

Quando a conta não fecha, aparecem as "soluções" rápidas: o limite do cheque especial, o empréstimo no app, o parcelamento da fatura. Elas resolvem este mês e pioram os próximos, porque somam juros a uma renda que já não cobria o básico. Antes de pegar crédito para pagar despesa do dia a dia, leia os capítulos 10 a 12.

Revisar uma vez por mês

Nenhum orçamento acerta de primeira. No primeiro mês você vai errar a previsão do mercado. No segundo, vai esquecer um aniversário. É normal.

Escolha um dia por mês, de preferência perto do pagamento, para olhar o que foi planejado e o que aconteceu. Ajuste os valores para o mês seguinte. Em três ou quatro meses, o orçamento começa a parecer com a sua vida, e não com uma regra da internet.

Resumindo

- Orçamento é decidir antes para onde o dinheiro vai, usando a renda líquida e incluindo os esporádicos.
- A regra 50-30-20 é uma ideia, não uma lei; adapte as fatias à sua realidade.
- Pague-se primeiro: separe uma quantia no dia em que o dinheiro entra, mesmo pequena, de preferência automática.
- Potes no app do banco funcionam como os antigos envelopes.
- Se a renda não cobre o básico, o problema é renda: busque direitos, benefícios e formas de ganhar mais.

CAPÍTULO 7

Seu salário por dentro (e quando não tem salário fixo)

O Lucas comemorou a primeira carteira assinada: R\$ 3.000 por mês. No dia do pagamento, caíram R\$ 2.570 na conta. Ele achou que era erro do RH e foi perguntar. Saiu de lá com um papel cheio de siglas e a sensação de que todo mundo, menos ele, entendia aquilo.

Já a Aline não tem esse problema, porque não tem holerite. Ela faz entregas por aplicativo e atende como manicure. Tem mês que entra bem, tem mês que entra pouco. O problema dela é outro: como planejar a vida se ela não sabe quanto vai ganhar?

Este capítulo é para os dois.

Bruto e líquido: os dois salários

Todo salário de carteira tem duas versões. O **salário bruto** é o valor combinado, o que está no contrato. O **salário líquido** é o que sobra depois dos descontos, o que de fato cai na sua conta.

O documento que mostra o caminho de um para o outro é o **holerite** (também chamado de contracheque ou recibo de pagamento). Ele tem duas colunas principais: o que você recebe (salário, horas extras, adicionais) e o que é descontado. No fim, aparece o líquido.

Para fazer orçamento, use sempre o líquido. Usar o bruto é planejar com um dinheiro que nunca chega.

Os descontos que aparecem no holerite

Veja o holerite do Lucas, com valores de exemplo:

Linha do holerite	Valor
Salário (bruto)	R\$ 3.000
Desconto de INSS (valor de exemplo)	– R\$ 250
Desconto de vale-transporte (6% de R\$ 3.000)	– R\$ 180
Imposto de Renda retido	R\$ 0
Líquido	R\$ 2.570
FGTS do mês (depositado pela empresa, não descontado)	R\$ 240

Agora, linha por linha.

INSS. É a contribuição para a Previdência Social. Ela garante aposentadoria, auxílio-doença, salário-maternidade e outros benefícios. O desconto é feito por faixas: cada pedaço do salário paga uma porcentagem diferente, e quem ganha mais paga uma porcentagem maior. Os valores das faixas mudam todo ano. Para saber o seu, procure a tabela do INSS do ano no gov.br. O R\$ 250 da tabela acima é só um número de exemplo.

Imposto de Renda retido na fonte (aparece como **IRRF**). É o imposto que a empresa já desconta do salário e repassa para a Receita Federal. Desde 2026, quem ganha até R\$ 5 mil por mês ficou isento, e quem ganha um pouco mais, até cerca de R\$ 7.350, paga menos do que antes. Por isso o Lucas não tem desconto de IR. Na prática há detalhes, e as regras podem mudar; confira a tabela do ano no site da Receita Federal.

Vale-transporte. A empresa pode descontar até 6% do salário para ajudar a pagar o transporte de casa ao trabalho. Se as passagens custarem menos que esses 6%, o desconto é só o valor das passagens. O que passar disso, a empresa paga. Se você não usa transporte público, pode não querer o benefício e não ter esse desconto.

Outros descontos que podem aparecer: plano de saúde ou odontológico, parte do vale-refeição, faltas, pensão alimentícia, parcela de empréstimo consignado. Se algum desconto não fizer sentido para você, pergunte ao RH. É direito seu entender o próprio holerite.

MITO OU VERDADE

"O FGTS sai do meu salário." **Falso.** O FGTS é um depósito de 8% do salário que a empresa faz por conta dela, numa conta em seu nome na Caixa. Ele aparece no holerite só como informação. No exemplo, são R\$ 240 por mês que não saem dos R\$ 3.000 do Lucas. Você pode acompanhar os depósitos pelo app do FGTS e conferir se a empresa está depositando direitinho.

O FGTS, o 13º e as férias

Além do salário de todo mês, quem tem carteira assinada recebe três coisas que fazem diferença no ano.

O **FGTS** (Fundo de Garantia do Tempo de Serviço) é aquele depósito de 8%. Não dá para sacar quando quiser. Ele serve como proteção em situações previstas em lei, como demissão sem justa causa, compra da casa própria e aposentadoria. O capítulo 12 fala de um cuidado com a antecipação do saque-aniversário.

O **13º salário** é um salário a mais por ano, pago no fim do ano, geralmente em duas parcelas. Quem trabalhou só parte do ano recebe proporcional aos meses trabalhados. Ele também tem descontos. É um dinheiro ótimo para pagar os gastos esporádicos de janeiro, como no capítulo 5.

As **férias** são 30 dias de descanso a cada 12 meses de trabalho, pagos com **um terço a mais**. Com salário de R\$ 3.000, um terço é R\$ 1.000. O pagamento das férias fica em R\$ 4.000 brutos, antes dos descontos.

CUIDADO

O pagamento das férias costuma cair antes de você sair de férias. Isso quer dizer que o salário do mês seguinte pode demorar mais a chegar, ou vir menor, porque parte dele já foi paga. Muita gente gasta tudo nas férias e passa um aperto na volta. Antes de sair, olhe quando cai o próximo pagamento e quanto vai ser.

CLT, PJ, MEI e informal: o que muda

Nem todo trabalho é com carteira assinada. E cada forma de trabalhar tem ganhos e perdas que nem sempre aparecem no valor combinado.

Forma	FGTS	Férias pagas e 13º	INSS	Observação
CLT (carteira assinada)	Sim, 8% pago pela empresa	Sim	Descontado no salário	Mais proteção, mais descontos visíveis
PJ (você como empresa)	Não	Só se estiver no contrato	Você paga por conta própria	Valor maior no papel, mas os custos são seus
MEI	Não	Não	Incluído no valor fixo mensal	Bom para quem trabalha por conta
Informal	Não	Não	Só se você contribuir por conta	Sem proteção nenhuma se ficar doente

O **MEI** (Microempreendedor Individual) é uma forma simples de formalizar quem trabalha por conta. Você paga um valor fixo por mês, o **DAS**, que inclui a contribuição para o INSS. Isso dá direito, depois das carências, a benefícios como auxílio-doença e aposentadoria por idade de um salário mínimo. O MEI tem um limite de faturamento por ano e regras de atividades permitidas. Confira os valores de hoje no Portal do Empreendedor, no gov.br.

Quem é informal também pode contribuir para o INSS por conta própria. O capítulo 22 fala de aposentadoria com mais calma, incluindo o caso de quem é autônomo.

Em uma frase: o valor combinado é só parte da história; o que vem junto (ou não vem) também é dinheiro.

Comparando uma proposta CLT com uma PJ

Imagine que o Lucas recebe duas propostas: R\$ 3.000 com carteira ou R\$ 3.600 como PJ. Qual paga mais? A resposta não é tão óbvia quanto parece.

FAÇA A CONTA

Some o que a vaga CLT paga em um ano, em valores brutos de exemplo:

1. Doze salários: $R\$ 3.000 \times 12 = R\$ 36.000$.
2. Mais o 13º: R\$ 3.000.
3. Mais o terço de férias: R\$ 1.000.
4. Até aqui, R\$ 40.000. O FGTS é 8% disso: $R\$ 40.000 \times 0,08 = R\$ 3.200$.
5. Total no ano: R\$ 43.200. Dividido por 12, dá R\$ 3.600 por mês.

Ou seja, R\$ 3.600 como PJ empata com R\$ 3.000 CLT antes de qualquer outro custo. E o PJ ainda vai pagar seus próprios impostos e INSS, talvez um contador, e não tem férias pagas. Para valer a pena, a proposta PJ precisa ser bem maior. Faça a conta com o seu salário.

Na prática tem mais detalhes: vale-refeição, plano de saúde, impostos de cada lado, multa do FGTS em caso de demissão. Mas a ideia é essa: compare o ano inteiro, não só o valor do mês.

Quando não existe salário fixo

Agora, a Aline. Ela anotou o que ganhou nos últimos seis meses, já descontando os custos do trabalho, como combustível, manutenção da moto e material de manicure:

Mês	Ganho líquido
Maio	R\$ 2.100
Junho	R\$ 3.400
Julho	R\$ 2.600
Agosto	R\$ 1.900
Setembro	R\$ 3.000
Outubro	R\$ 2.400

A média dos seis meses dá cerca de R\$ 2.567. Parece razoável planejar com isso. Mas há uma armadilha. A média mistura os meses bons com os ruins. Se a Aline gastar R\$ 2.567 todo mês, nos meses fracos vai faltar, e ela vai cobrir com cartão.

A ideia mais segura é pagar a si mesma um "salário" baseado nos **meses fracos**. Os três piores meses foram R\$ 1.900, R\$ 2.100 e R\$ 2.400. A média deles é de cerca de R\$ 2.133. A Aline arredondou para baixo e definiu um "salário" de R\$ 2.100.

Funciona assim. Todo o dinheiro que entra vai para uma conta de trabalho, ou um pote separado no app. Dessa conta, uma vez por mês, ela transfere R\$ 2.100 para a conta do dia a dia. O que sobra fica guardado para os meses fracos.

Mês	Ganhou	Pagou a si mesma	Sobrou ou faltou	Saldo do caixa
Maio	R\$ 2.100	R\$ 2.100	R\$ 0	R\$ 0
Junho	R\$ 3.400	R\$ 2.100	+ R\$ 1.300	R\$ 1.300
Julho	R\$ 2.600	R\$ 2.100	+ R\$ 500	R\$ 1.800
Agosto	R\$ 1.900	R\$ 2.100	- R\$ 200	R\$ 1.600
Setembro	R\$ 3.000	R\$ 2.100	+ R\$ 900	R\$ 2.500
Outubro	R\$ 2.400	R\$ 2.100	+ R\$ 300	R\$ 2.800

Em agosto, o mês ruim, ela não precisou do cartão: tirou R\$ 200 do caixa. E no fim de outubro tem R\$ 2.800 guardados. Com o tempo, se o caixa crescer bastante, ela pode aumentar o próprio "salário" ou mandar parte dele para a reserva de emergência.

NA PRÁTICA

Se você tem carteira assinada:

1. Pegue o último holerite e encontre o bruto, cada desconto e o líquido.
2. Baixe o app do FGTS e confira se os depósitos estão em dia.
3. Anote na agenda os meses do 13º e das suas férias.

Se a sua renda varia:

1. Anote quanto ganhou, já sem os custos do trabalho, em cada um dos últimos seis meses.
2. Calcule a média dos três piores meses e arredonde para baixo: esse é o seu "salário".
3. Separe uma conta ou pote para receber tudo e transfira o "salário" uma vez por mês.

O colchão de quem tem renda variável

Quem não tem salário fixo precisa de uma reserva de emergência maior do que quem tem carteira assinada. Não tem seguro-desemprego, não tem FGTS para a demissão, e um mês ruim pode vir junto com um imprevisto, como a moto quebrar. O caixa da Aline ajuda no vaivém do dia a dia, mas não substitui a reserva. O capítulo 8 mostra de quanto deve ser esse colchão e onde guardá-lo.

Resumindo

- Planeje com o salário líquido, o que cai na conta, e não com o bruto.
- INSS, Imposto de Renda e vale-transporte são os descontos mais comuns; as tabelas mudam todo ano, confira no gov.br.
- FGTS é pago pela empresa e não sai do seu salário; 13º e férias com um terço a mais também contam como renda.
- Para comparar CLT e PJ, some o ano inteiro, com 13º, férias e FGTS.
- Se a renda muda todo mês, pague a si mesma um "salário" pela média dos meses fracos e guarde o resto.

CAPÍTULO 8

Reserva de emergência: seu colchão

Seu Jorge guarda dinheiro numa lata de biscoito, atrás das panelas. Ali tem uns R\$ 10.000, juntados em anos de obra. Tem também um pouco na poupança, que ele abriu há muito tempo e nunca mexeu. "Banco eu não confio", ele diz. "Dinheiro bom é o que eu vejo." Um dia, o filho perguntou: "pai, e se a casa pegar fogo?". Ele não soube responder.

A intenção do Seu Jorge está certíssima. Ele quer ter um dinheiro para a hora do aperto. Isso tem nome: reserva de emergência. O que dá para melhorar é onde e como ela fica guardada.

Para que serve a reserva

A **reserva de emergência** é um dinheiro separado só para imprevistos. Não é para a viagem, não é para o celular novo, não é para a promoção imperdível. É para aquilo que você não escolheu e não podia adiar.

Exemplos de emergência de verdade:

- Perder o emprego ou ficar meses com pouco serviço.
- Ficar doente e não poder trabalhar.
- A geladeira, a moto ou o carro de trabalho quebrar.
- Um remédio caro, um dentista urgente, uma viagem para cuidar de alguém da família.

Sem reserva, cada imprevisto vira dívida. A geladeira quebra e vai para o cartão, que vai para o rotativo, que vira uma bola de neve. Com reserva, o imprevisto vira só um problema chato, e não uma crise.

Pense na reserva como o estepe do carro. Ninguém compra o estepe esperando furar o pneu. Mas quem roda sem ele transforma um furo numa tarde perdida, num guincho caro e num dia de trabalho a menos.

Em uma frase: a reserva serve para o imprevisto não virar dívida.

Quanto guardar

A referência mais usada é de **3 a 6 meses dos seus gastos essenciais**. Repare: são gastos, e não salário. O que importa é quanto você precisa para manter a casa funcionando se a renda parar.

Quem tem carteira assinada costuma ficar mais perto dos 3 meses, porque tem alguma proteção em caso de demissão. Quem é autônomo, MEI ou tem renda que varia, como a Aline e o Seu Jorge, precisa de mais: 6 meses ou até mais do que isso. Não existe número mágico; quanto mais instável a renda, maior o colchão.

FAÇA A CONTA

Imagine uma família que gasta R\$ 2.400 por mês com o essencial (valor de exemplo).

1. Reserva de 3 meses: $R\$ 2.400 \times 3 = R\$ 7.200$.
2. Reserva de 6 meses: $R\$ 2.400 \times 6 = R\$ 14.400$.
3. Primeiro degrau, um mês: R\$ 2.400. Guardando R\$ 200 por mês, ele chega em $R\$ 2.400 \div R\$ 200 = 12$ meses.

Faça com os seus números: some os gastos essenciais do capítulo 6 e multiplique por 3 e por 6.

Os números assustam. R\$ 14.400 pode parecer impossível para quem ganha R\$ 2.500. Por isso, não pense na reserva inteira. Pense em degraus:

Degrau	Meta	Para quê
1	R\$ 500	Um conserto pequeno, um remédio, sem precisar do cartão
2	Um mês de gastos	Um aperto maior, como um mês sem serviço
3	Três meses de gastos	Uma demissão, uma doença mais longa
4	Seis meses ou mais	Tranquilidade, principalmente para renda que varia

Guardando R\$ 50 por mês, os R\$ 500 do primeiro degrau ficam prontos em 10 meses. Não é rápido, mas é real. E cada degrau já protege mais do que nada.

MITO OU VERDADE

"Primeiro eu quito todas as dívidas, depois penso em reserva." **Depende.** Se você tem dívida cara, como rotativo do cartão ou cheque especial, quitar costuma ser a prioridade, porque os juros crescem mais rápido do que qualquer rendimento. Mas sem nenhuma reserva, o próximo imprevisto vira dívida nova. Um caminho comum é montar um degrau pequeno, como R\$ 500 ou um mês de gastos, e depois atacar as dívidas. O capítulo 13 mostra esse passo a passo.

Onde guardar: dois requisitos

O lugar da reserva precisa ter duas qualidades.

A primeira é **liquidez**, que é a facilidade de transformar o investimento em dinheiro na mão. Emergência não marca hora. Se o carro quebrou hoje, você precisa do dinheiro hoje ou amanhã, e não daqui a três meses.

A segunda é **segurança**. A reserva não pode correr o risco de valer menos justamente quando você precisar dela. Ela não está ali para dar o maior lucro, e sim para estar lá, inteira, na hora certa.

Render bem é bom, mas vem em terceiro lugar. O mínimo desejável é que ela não perca muito para a inflação, aquele encolhimento do dinheiro que o capítulo 2 explica.

As opções mais comuns

Há três opções simples que costumam servir para reserva. O capítulo 20 explica cada uma em detalhe; aqui vai só o suficiente para comparar.

Tesouro Selic. É um título do governo federal, comprado pela internet por meio de um banco ou corretora, no site do Tesouro Direto. O rendimento acompanha a **taxa Selic**, a taxa básica de juros definida pelo Banco Central, que o capítulo 4 explica. Dá para vender em qualquer dia útil, e o dinheiro cai em pouco tempo. É considerado um dos investimentos mais seguros do país.

CDB com liquidez diária. O **CDB** é um empréstimo que você faz ao banco, que devolve com juros. Os de liquidez diária deixam sacar a qualquer momento. O rendimento costuma ser mostrado como uma porcentagem do **CDI**, uma taxa de referência que

anda muito perto da Selic. Para reserva, procure algum que pague perto de 100% do CDI. Ele é protegido pelo **FGC** (Fundo Garantidor de Créditos), que devolve até R\$ 250 mil por CPF por instituição se o banco quebrar, dentro das regras do fundo.

Poupança. É a mais simples e conhecida, não tem imposto de renda e também tem a proteção do FGC. O lado ruim é que costuma render menos do que as outras duas. E ela só rende no "aniversário": se você tirar o dinheiro um dia antes de completar o mês, perde o rendimento daquele mês.

Opção	Saca rápido?	Segurança	Rendimento para reserva
Tesouro Selic	Sim, em dia útil	Garantido pelo governo federal	Costuma ser bom
CDB com liquidez diária perto de 100% do CDI	Sim	Protegido pelo FGC até o limite	Costuma ser bom
Poupança	Sim	Protegida pelo FGC até o limite	Costuma ser menor

Tesouro Selic e CDB têm imposto de renda sobre o rendimento, que fica menor com o tempo. O capítulo 20 mostra como funciona. Mesmo com o imposto, eles costumam render mais do que a poupança, mas confira os números de hoje antes de decidir.

Se você hoje só consegue usar a poupança, tudo bem. Uma reserva na poupança é muito melhor do que nenhuma reserva.

Onde a reserva não deve ficar

Ações, criptomoedas, dólar e fundos que oscilam muito. Eles podem subir, mas também podem cair bastante, e cair justamente quando o país está em crise e você perdeu o emprego. Ter que vender na baixa para pagar o aluguel é o pior dos mundos. Esses investimentos têm seu lugar, no capítulo 21, mas não na reserva.

Investimentos com carência longa. Alguns só deixam resgatar depois de meses ou anos. Podem ser bons para outros objetivos, mas não para emergência.

Na conta corrente parada. Ali o dinheiro fica fácil demais de gastar e, em geral, não rende nada.

Desconfie de quem oferece uma "reserva" que rende muito mais do que o Tesouro Selic, sem risco nenhum. Rendimento alto e garantido ao mesmo tempo é o anzol de pirâmides e golpes. Antes de pôr dinheiro em qualquer lugar, veja se a empresa é autorizada pelo Banco Central ou pela CVM. O capítulo 24 fala desses golpes.

E o dinheiro guardado em casa?

Voltando ao Seu Jorge e à lata de biscoito. Dinheiro em casa tem uma vantagem real: está à mão, mesmo sem internet ou sem banco aberto. Ter uma quantia pequena em casa para uma emergência do dia pode fazer sentido.

Mas uma reserva grande em espécie corre três riscos:

1. **Roubo.** Quem sabe que tem dinheiro em casa vira alvo. E o seguro da casa, em geral, não cobre dinheiro vivo.
2. **Incêndio, enchente, cupim, umidade.** O dinheiro some e não tem volta.
3. **Inflação.** Parado, ele compra menos a cada ano.

FAÇA A CONTA

Imagine uma inflação de 5% ao ano (número de exemplo) e R\$ 10.000 guardados em casa.

1. Depois de um ano, o que custava R\$ 10.000 passa a custar R\$ 10.500. Os R\$ 10.000 da lata compram só o que hoje custa cerca de R\$ 9.524 (é $R\$ 10.000 \div 1,05$).
2. Depois de cinco anos com a mesma inflação, os R\$ 10.000 compram o que hoje custa cerca de R\$ 7.835. Na calculadora: divida R\$ 10.000 por 1,05 cinco vezes seguidas.

O número na lata continua igual, mas o poder de compra encolheu mais de um quinto.

O Seu Jorge não precisou virar "cliente de investimento". Com a ajuda do filho, deixou uma quantia pequena em casa e pôs o resto no Tesouro Selic, pelo app do banco onde já recebia. Continuou com a poupança antiga. O que o deixou mais tranquilo foi saber que o dinheiro estava em seu nome, protegido de fogo e de ladrão, e podia ser sacado quando ele quisesse.

Usou? Reponha

A reserva existe para ser usada. Se o imprevisto chegou e você tirou dinheiro dela, você não falhou: ela funcionou.

Depois, volte a guardar até repor o que saiu. E, de tempos em tempos, confira se o tamanho ainda faz sentido. Se os seus gastos subiram, a reserva precisa subir junto.

NA PRÁTICA

1. Some seus gastos essenciais de um mês, usando o capítulo 6.
2. Escolha seu próximo degrau: R\$ 500, um mês, três meses.
3. Escolha onde guardar: Tesouro Selic, CDB com liquidez diária perto de 100% do CDI ou poupança.
4. Agende uma transferência mensal, mesmo pequena, no dia em que o dinheiro entra.
5. Se tem muito dinheiro em casa, leve a maior parte para um desses lugares.

Resumindo

- A reserva de emergência serve para que imprevistos não virem dívida; não é para viagem nem compras.
- A referência é de 3 a 6 meses dos gastos essenciais, e mais para quem tem renda que varia; comece por R\$ 500.
- O lugar da reserva precisa permitir saque rápido e ser seguro; render vem depois.
- Tesouro Selic, CDB com liquidez diária perto de 100% do CDI e poupança são as opções mais comuns.
- Nada de ações ou cripto na reserva, e cuidado com muito dinheiro em casa: roubo, fogo e inflação.

CAPÍTULO 9

A cabeça e o dinheiro

O Lucas entrou no app da loja só para ver o preço de um fone. Vinte minutos depois, tinha comprado o fone, uma capa de celular e um carregador. A capa estava "com 60% de desconto", o carregador entrou "porque faltavam R\$ 18 para o frete grátis", e o fone tinha um relógio na tela dizendo que a oferta acabava em 14 minutos. Ele não se arrependeu na hora. Se arrependeu quando a fatura chegou.

Nada disso aconteceu porque o Lucas é bobo. Aconteceu porque a cabeça de todo mundo funciona de um jeito previsível, e quem vende sabe disso muito bem. Este capítulo mostra os mecanismos mais comuns e algumas defesas simples.

A cabeça não é uma calculadora

Seria ótimo se a gente decidisse cada compra pesando prós e contras com calma. Mas não é assim. Boa parte das decisões do dia a dia é tomada no automático, rápido, guiada por emoção, hábito e atalhos. Isso é normal. É o que nos permite atravessar a rua sem fazer contas.

O problema é que esses atalhos podem ser usados contra a gente. Lojas físicas, sites, apps e redes sociais testam o tempo todo o que faz as pessoas comprarem mais. Cor do botão, posição do produto, frase da promoção. Nada disso é por acaso.

Saber disso não deixa ninguém imune. Mas ajuda a perceber quando o atalho está sendo puxado.

Em uma frase: gastar sem querer não é falta de caráter, é a cabeça funcionando como funciona.

Compra por impulso e o "já que"

Compra por impulso é a que você não planejava fazer cinco minutos antes. Ela nasce de um estímulo: a vitrine, o cheiro da padaria, o anúncio no meio do vídeo, a notificação do app.

Um parente próximo do impulso é o **"já que"**. Já que vou ao mercado, levo um chocolate. Já que estou pagando o frete, compro mais uma coisa. Já que estou de férias, tudo bem gastar. Cada "já que" parece pequeno e justificado. Somados, viram a linha "outros" do capítulo 5.

Os doces no caixa do mercado estão ali por esse motivo. Você está parado na fila, cansado, com a guarda baixa. É o lugar perfeito para um impulso de poucos reais.

O desconto que não é desconto

A Black Friday é o exemplo mais famoso, mas a armadilha aparece o ano todo. Algumas lojas sobem o preço semanas antes da promoção e depois "dão desconto" sobre o preço inflado.

Imagine uma TV que custa R\$ 1.500 em setembro (valores de exemplo). Em outubro, a loja muda o preço para R\$ 2.000. Na Black Friday, aparece o anúncio: "de R\$ 2.000 por R\$ 1.500, 25% de desconto".

Confira: 25% de desconto é pagar 75% do preço, e $R\$ 2.000 \times 0,75 = R\$ 1.500$. A conta do anúncio está certa. Mas o preço final é o mesmo de setembro. O desconto real foi zero.

Para se proteger, acompanhe o preço do produto que você quer por algumas semanas antes da data. Anote ou tire print. Muitos sites e apps mostram o histórico de preço do produto.

Não quer dizer que toda promoção é falsa. Existem descontos de verdade. A questão é desconfiar do número que a loja mostra como "preço antigo" e conferir por conta própria.

Ancoragem: o primeiro número manda

Quando você vê "de R\$ 299 por R\$ 149", o seu cérebro compara o R\$ 149 com o R\$ 299 e sente que ganhou algo. Esse efeito tem nome: **ancoragem**. O primeiro número que você vê vira a âncora, a referência, mesmo que ele não tenha nada a ver com o valor real do produto.

A ancoragem aparece em muitos lugares:

- O "de/por" das etiquetas.
- O cardápio que tem um prato caríssimo, só para os outros parecerem baratos.
- O plano "premium" do aplicativo, que faz o plano do meio parecer razoável.
- O vendedor que mostra primeiro o celular mais caro da loja.

A pergunta que quebra a âncora é: "se eu visse só o preço final, sem o riscado, eu compraria?".

Parcelas pequenas escondem o total

"Só R\$ 89,90 por mês." Parece leve. Mas são 12 vezes: $R\$ 89,90 \times 12 = R\$ 1.078,80$. A parcela é pensada para caber no seu mês. O total é que diz se cabe na sua vida.

O efeito fica mais forte quando as parcelas se acumulam. Um fone em 10 vezes, um tênis em 6, um celular em 12. Cada uma parece pequena. Juntas, elas comem uma parte grande do salário dos próximos meses. O capítulo 11 chama isso de "fatura fantasma", e o capítulo 15 mostra quando parcelar faz sentido.

MITO OU VERDADE

"Se cabe na parcela, cabe no bolso." **Falso**. A parcela mostra quanto sai por mês, e não quanto você vai pagar no total, nem quantos meses do seu futuro já estão comprometidos. Antes de parcelar, multiplique a parcela pelo número de vezes e some com as outras parcelas que você já tem.

Os outros, as redes e o gasto emocional

Ninguém compra só para si. A gente compra também para pertencer, para não ficar para trás, para mostrar que está bem. O celular do colega, o tênis que todo mundo usa, a viagem que apareceu em todas as fotos.

As redes sociais deixaram isso mais forte. Você vê, todo dia, o melhor momento da vida de centenas de pessoas: a viagem, o carro novo, o restaurante. Não vê a fatura delas. Muitos desses posts são publicidade, paga para parecer espontânea. Comparar a sua vida real com a vitrine dos outros é uma competição que ninguém ganha.

Existe também o **gasto emocional**: comprar para aliviar um sentimento. Tristeza, cansaço, tédio, ansiedade, raiva do chefe. A compra dá um alívio rápido, mas curto. E muitas vezes vem a culpa depois, que traz mais tristeza, que puxa outra compra. Se você se reconhece nesse ciclo com frequência, vale conversar com alguém de confiança ou com um profissional de saúde. O SUS tem atendimento em saúde mental, e o CVV atende de graça pelo 188.

Os truques dos apps e das lojas online

Na internet, os truques ficam mais rápidos e mais difíceis de notar. Os mais comuns:

Truque	Como funciona	O que ele quer
Frete grátis acima de um valor	Você adiciona um item para não pagar frete	Que você gaste mais do que planejou
Contagem regressiva	Um relógio diz que a oferta acaba logo	Que você decida sem pensar
"Só restam 2 unidades"	Sensação de que vai faltar	Medo de perder a chance
Compra com um clique	O cartão já está salvo	Que pagar não doa
Notificações e e-mails	"Seu carrinho está esperando"	Trazer você de volta
Recomendações	"Quem comprou isso também levou"	Mais um item no carrinho

O frete grátis merece uma conta. Imagine um carrinho de R\$ 80 com frete de R\$ 15, total de R\$ 95 (valores de exemplo). Para ganhar o frete grátis acima de R\$ 99, você coloca mais um item de R\$ 25. Paga R\$ 105. Gastou R\$ 10 a mais e levou uma coisa que não estava nos planos. Às vezes compensa, se o item era algo que você ia comprar de qualquer jeito. Muitas vezes, não.

Ofertas com relógio correndo e "últimas unidades" também são usadas por lojas falsas. Elas querem que você pague rápido, por Pix, antes de desconfiar. Se o preço está bom demais e a pressa é grande demais, pare e confira se a loja existe mesmo. O capítulo 24 fala desses golpes.

Defesas práticas

Não dá para desligar a cabeça. Dá para colocar alguns obstáculos entre a vontade e o pagamento. Os mais úteis:

Espere 48 horas. Para qualquer compra fora da lista, que não seja comida nem remédio, espere dois dias. Coloque no carrinho, feche o app e volte depois. Muita vontade some sozinha. Se depois de dois dias você ainda quiser e couber no orçamento, compre sem culpa.

Leve uma lista. No mercado, na farmácia, no shopping. Comprar o que está na lista é decisão; o resto é impulso.

Tire o cartão salvo dos apps. Ter que digitar os números do cartão de novo cria um segundo de pausa. Esse segundo é muitas vezes suficiente para pensar.

Desligue as notificações de lojas. Se o app não fala com você, ele não te chama para comprar.

Converta o preço em horas de trabalho. Essa é talvez a defesa mais forte, porque transforma um número abstrato em tempo da sua vida, como o capítulo 1 sugere.

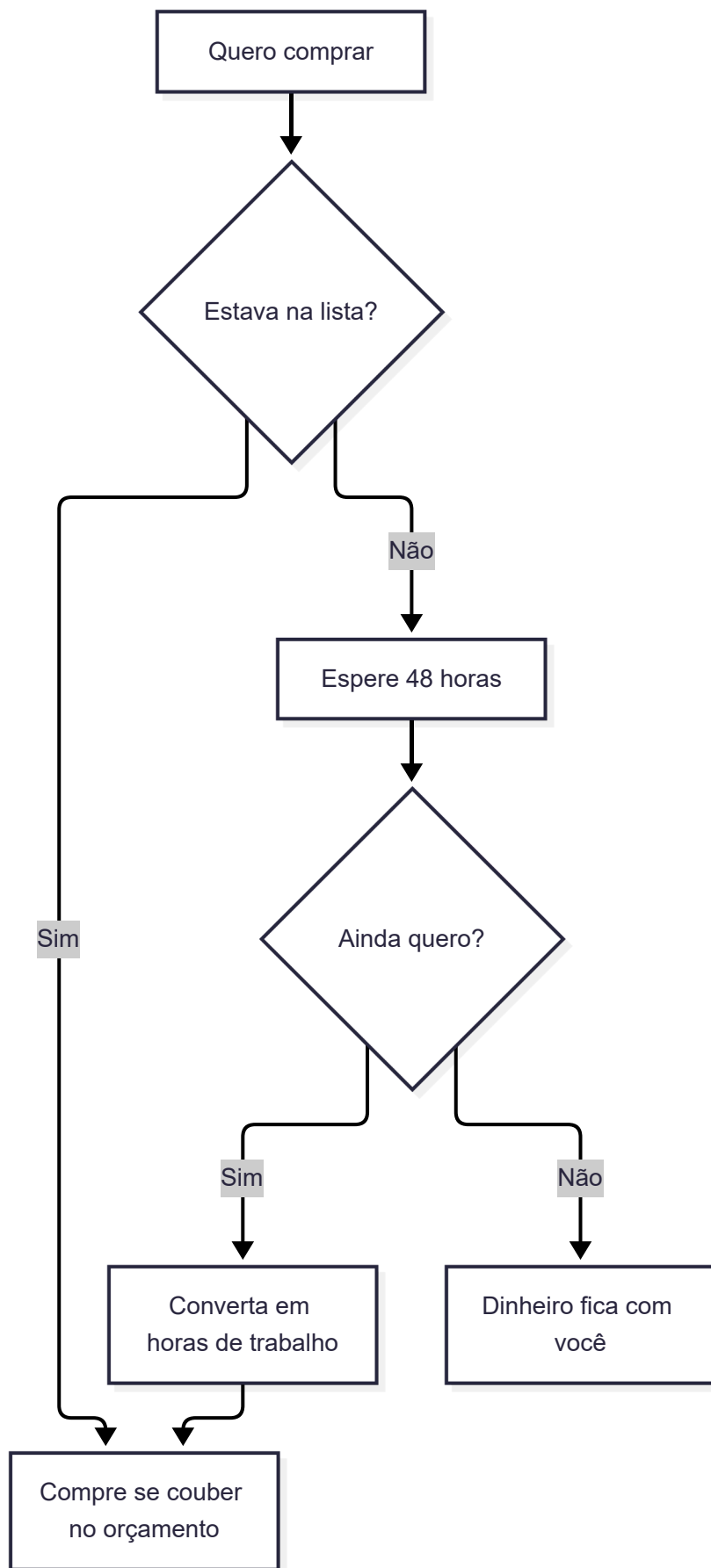
FAÇA A CONTA

Imagine que você recebe R\$ 2.500 líquidos e trabalha 44 horas por semana, o que dá cerca de 220 horas por mês (valores de exemplo).

1. Valor da sua hora: $R\$ 2.500 \div 220 =$ cerca de R\$ 11,36.
2. Um celular de R\$ 1.800 custa: $R\$ 1.800 \div R\$ 11,36 =$ cerca de 158 horas de trabalho.
3. Em dias de 8 horas: $158 \div 8 =$ quase 20 dias de trabalho.

Faça com os seus números: divida o seu salário líquido pelas horas que trabalha no mês. Depois, divida o preço da coisa que você quer pelo valor da sua hora.

A pergunta não é "posso comprar?". É "isso vale quase 20 dias da minha vida?". Às vezes vale, e tudo bem. O que importa é que a resposta seja sua, e não do relógio na tela.



CURIOSIDADE

Comprou pela internet ou por telefone e se arrependeu? O Código de Defesa do Consumidor dá **7 dias** a partir do recebimento do produto, ou da assinatura do contrato, para desistir da compra feita fora da loja física, sem precisar explicar o motivo. É o chamado direito de arrependimento, e o dinheiro deve ser devolvido. Se a loja criar dificuldade, procure o Procon. Na loja física, a troca por arrependimento não é obrigatória; depende da política da loja.

NA PRÁTICA

1. Escolha um app de compras que você usa muito e tire dele o cartão salvo.
2. Desligue as notificações de lojas no celular.
3. Calcule o valor da sua hora de trabalho e anote no celular.
4. Na próxima vontade de compra fora da lista, espere 48 horas e converta o preço em horas.

Resumindo

- Gastar sem querer é a cabeça usando atalhos, e o comércio conhece esses atalhos muito bem.
- Desconfie do "de/por": confira o preço por algumas semanas antes das grandes promoções.
- Parcela pequena esconde o total; multiplique antes de aceitar.
- Redes sociais mostram a vitrine dos outros, não a fatura.
- Esperar 48 horas, levar lista, tirar o cartão salvo e converter o preço em horas de trabalho são defesas simples.



Parte 3 — Dívidas e crédito

CAPÍTULO 10

Crédito: quando ajuda e quando afunda

Lucas abriu o app do banco para ver o saldo e deu de cara com um aviso colorido: "Você tem R\$ 5.000 pré-aprovados. Dinheiro na conta em minutos". Ele não tinha pedido nada. Mesmo assim, ficou pensando no carro, no celular novo, na viagem com os amigos. Se o banco está oferecendo, deve ser bom, certo?

Nem sempre. Crédito pode ser uma ferramenta excelente ou um buraco difícil de sair. A diferença quase nunca está no crédito em si, e sim em **para que** ele é usado e **quanto** ele custa de verdade. Este capítulo ajuda a separar uma coisa da outra.

Crédito é trazer o futuro para hoje

Quando você pega um empréstimo, está usando hoje um dinheiro que só vai ganhar amanhã. O banco adianta o valor, e você devolve aos poucos, com o seu salário dos próximos meses. Em troca, paga **juros**, que são o aluguel desse dinheiro (o capítulo 3 explica isso com calma).

Pense assim: cada parcela é um pedaço do seu salário futuro que já tem dono. Se você financia algo em 24 vezes, os próximos dois anos de salário chegam com uma fatia reservada. Isso não é bom nem ruim por si só. Depende do que você ganhou em troca.

Resumindo a ideia: crédito não cria dinheiro, ele só muda a data em que você gasta o que vai receber.

Existe ainda um custo que não aparece em contrato nenhum: o da flexibilidade perdida. Quem já tem metade do salário em parcelas não consegue reagir a um imprevisto sem pegar mais crédito. Por isso a **reserva de emergência** do capítulo 8 e o crédito andam juntos. Quanto maior o colchão, menos você depende de dinheiro emprestado na hora do aperto, quando as condições costumam ser as piores.

Dívida que ajuda e dívida que afunda

Algumas dívidas deixam a sua vida melhor depois que acabam. Outras só deixam lembrança e boleto. Uma forma simples de separar as duas é perguntar: **isso vai me ajudar a ganhar mais, gastar menos ou ter algo que dura mais que as parcelas?**

Costuma ajudar	Costuma afundar
Casa própria, em condições que cabem no orçamento	Roupas, festas e viagens parceladas
Curso que aumenta a renda de forma realista	Celular trocado todo ano no crediário
Ferramenta de trabalho: máquina, moto de entrega	Empréstimo para pagar outro empréstimo, sem plano
Juntar várias dívidas caras numa mais barata	Rotativo e cheque especial usados todo mês

A tabela é uma referência, não uma regra. Um curso caro que não leva a emprego nenhum vira dívida que afunda. Uma moto financiada para a Aline fazer entregas pode se pagar sozinha, desde que o trabalho continue. Já uma viagem parcelada não é crime: o problema é quando as parcelas se acumulam e o salário acaba antes do mês.

A dívida que afunda costuma ter uma marca registrada: a **bola de neve**. Você paga uma conta com crédito, depois precisa de mais crédito para pagar esse crédito, e os juros vão crescendo por cima de juros. Ninguém entra nisso por falta de caráter. Muitas vezes é um mês ruim, um imprevisto, um remédio. E o crédito está sempre ali, a um toque.

MITO OU VERDADE

"Se o banco me aprovou, é porque eu consigo pagar." **Falso.** A aprovação mostra que o banco acha o risco aceitável para ele, não que a parcela cabe na sua vida. O banco não sabe quanto custa o seu aluguel, o remédio da sua mãe ou o material escolar dos seus filhos. Quem sabe é você.

O custo de verdade: o CET

Na hora de pegar crédito, quase todo mundo olha a taxa de juros. Só que a taxa não é o custo inteiro. Muitas vezes vêm junto um **seguro prestamista** (que quita a dívida se você morrer ou ficar sem renda, em certas condições), tarifas de cadastro e impostos.

Por isso existe o **CET**, o **Custo Efetivo Total**: uma taxa que junta juros, seguros, tarifas e impostos num número só. Os bancos são obrigados a informar o CET antes de você contratar. Ele aparece no contrato, na simulação e muitas vezes em letra miúda. É o número que importa para comparar.

Veja um exemplo inventado, só para mostrar a ideia. Lucas quer R\$ 5.000 em 12 parcelas e recebe duas propostas:

	Proposta A	Proposta B
Juros anunciados	3% ao mês	2,5% ao mês
Seguro embutido	não tem	R\$ 300
Tarifa de cadastro	não tem	R\$ 200
Parcela	cerca de R\$ 502	cerca de R\$ 536
Total pago em 12 meses	cerca de R\$ 6.028	cerca de R\$ 6.434
Custo efetivo, mais ou menos	3% ao mês	4,1% ao mês

A proposta B anuncia juros menores e sai mais cara. Isso acontece porque o seguro e a tarifa entram no valor emprestado e também pagam juros. Na prática, o CET de um contrato real tem mais detalhes, como impostos e datas exatas de pagamento. Mas a lição é a mesma: **compare o CET e o total pago, nunca só a taxa do anúncio.**

CAUIDADO

Seguro embutido no empréstimo sem você pedir é **venda casada**, prática proibida pelo Código de Defesa do Consumidor. Você pode recusar e continuar com o empréstimo. Se o seguro já veio no contrato, pergunte se dá para retirar. O capítulo 18 fala mais de seguros.

"Cabe na parcela?" é a pergunta errada

A loja, o banco e o app de crédito sempre fazem a mesma pergunta: "Qual parcela fica boa para você?". Parece cuidado. Na verdade, é a pergunta que mais esconde o preço.

Com prazo maior, a parcela fica menor e o total fica maior. Veja os mesmos R\$ 5.000, agora com juros de exemplo de 3% ao mês e prazos diferentes:

Prazo	Parcela	Total pago	Quanto foi só de juros
12 meses	cerca de R\$ 502	cerca de R\$ 6.028	cerca de R\$ 1.028
24 meses	cerca de R\$ 295	cerca de R\$ 7.086	cerca de R\$ 2.086
36 meses	cerca de R\$ 229	cerca de R\$ 8.245	cerca de R\$ 3.245

A parcela de 36 meses parece muito mais leve. Mas você paga mais de R\$ 3.000 só de juros, mais que o triplo do prazo de 12 meses. E fica três anos com uma fatia do salário comprometida. Se acontecer qualquer imprevisto nesse tempo, a parcela continua lá.

As perguntas certas são outras:

1. **Quanto vou pagar no total?** Multiplique a parcela pelo número de parcelas.
2. **Quanto disso é juros?** Subtraia o valor que você recebeu ou o preço à vista.
3. **Por quanto tempo meu salário vai ficar preso?**
4. **Se eu juntar o dinheiro antes, quanto tempo levaria?** Às vezes, esperar alguns meses economiza muito. O capítulo 15 compara à vista e parcelado com detalhe.

FAÇA A CONTA

Refaça com qualquer compra parcelada que você tem ou está pensando em fazer.

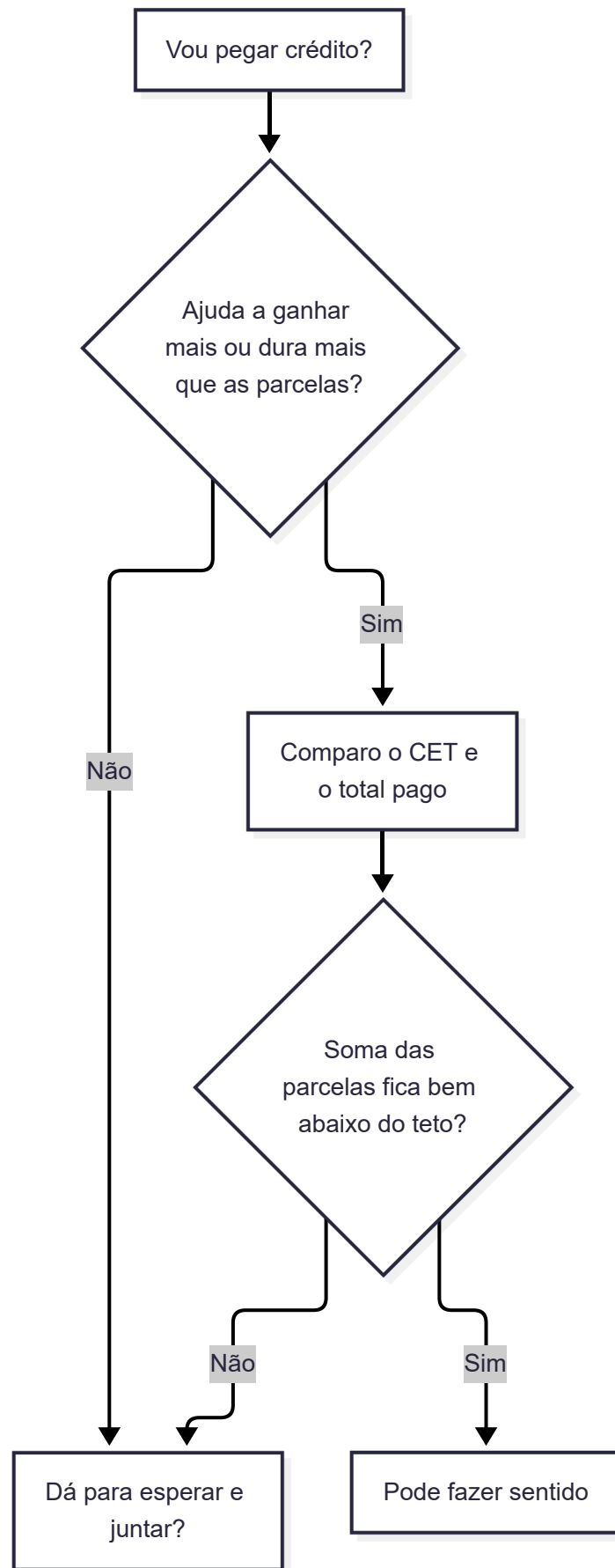
1. Pegue a parcela. Exemplo: uma TV de R\$ 2.000 à vista sai em 12 parcelas de R\$ 220.
2. Multiplique pelo número de parcelas: $220 \times 12 = \text{R\$ } 2.640$.
3. Subtraia o preço à vista: $2.640 - 2.000 = \text{R\$ } 640$. Esse é o custo do crédito.
4. Divida o total pelo preço à vista: $2.640 \div 2.000 = 1,32$. Você está pagando 32% a mais pela mesma TV.

Quanto da renda pode ir para parcelas

Não existe uma lei dizendo quanto do seu salário pode virar parcela (fora casos específicos, como o consignado, que tem um limite próprio e aparece no capítulo 12). Mas existe uma referência muito usada por quem trabalha com finanças: **somar todas as parcelas e não passar de uns 30% da renda líquida**, ou seja, do que cai na conta.

Com renda de R\$ 2.500, isso dá R\$ 750 por mês, no total, para todas as parcelas juntas: cartão parcelado, crediário, empréstimo, financiamento. Para muita família, até isso já é apertado. Se o aluguel e a comida levam quase tudo, o teto seguro é bem menor. Com R\$ 2.500, por exemplo, ficar perto de 15% (R\$ 375) pode ser o mais sensato.

Os 30% são um teto de segurança, não uma meta. Quanto mais perto de zero, mais livre o seu salário fica para imprevistos e para guardar dinheiro.



Como comparar propostas sem cair em conversa

Na hora de pegar crédito, o ambiente costuma ser de pressa. O vendedor diz que a condição vale só hoje. O app mostra um botão grande de "contratar". Respire. Crédito bom continua existindo amanhã.

Algumas regras simples ajudam:

- **Peça a simulação por escrito**, com CET, número de parcelas, valor de cada uma e total pago. Todo banco tem que fornecer isso.
- **Compare pelo menos duas ou três propostas**. Seu banco, outro banco, uma cooperativa de crédito, se houver na sua cidade.
- **Use o mesmo prazo na comparação**. Comparar 12 meses com 24 meses engana, porque a parcela muda muito.
- **Leia o que está incluído**: seguro, tarifa, título de capitalização. Pergunte o que é obrigatório e o que não é.
- **Desconfie de quem pede dinheiro adiantado** para liberar empréstimo. Isso é golpe, e o capítulo 24 mostra como ele funciona.

O site do Banco Central tem uma calculadora do cidadão, onde você consegue simular parcelas e juros com os números do seu caso. Vale testar antes de assinar.

NA PRÁTICA

1. Abra os apps do seu banco e anote todas as parcelas que você paga hoje: cartão parcelado, crediário, empréstimos, financiamento.
2. Some tudo e divida pela sua renda líquida. Exemplo: R\$ 600 de parcelas ÷ R\$ 2.500 de renda = 0,24, ou seja, 24%.
3. Se passar de 30%, evite qualquer parcela nova até esse número baixar.
4. Na próxima vez que alguém oferecer crédito, peça o CET e o total pago antes de olhar a parcela.
5. Desative, se o app permitir, as ofertas de crédito pré-aprovado na tela inicial.

Resumindo

- Crédito é usar hoje o salário de amanhã; cada parcela é um pedaço da sua renda futura com dono.

- Dívida que ajuda costuma aumentar a renda ou durar mais que as parcelas; dívida que afunda vira bola de neve.
- Compare propostas pelo **CET** e pelo total pago, nunca só pela taxa anunciada ou pela parcela.
- Prazo maior deixa a parcela menor e o total bem maior.
- Some todas as parcelas: até uns 30% da renda líquida é um teto de segurança, e menos é melhor.

CAPÍTULO 11

Cartão de crédito sem medo

Renata olhou a fatura de R\$ 1.000 e o saldo da conta, que tinha R\$ 400. O app oferecia um botão tentador: "Pagar mínimo: R\$ 150". Ela pagou o mínimo, aliviada. No mês seguinte, a fatura veio maior, mesmo ela tendo gastado menos. Ela não entendeu de onde saiu a diferença.

Se você já passou por isso, não está sozinho. O cartão de crédito é, ao mesmo tempo, uma das ferramentas mais úteis e uma das mais caras do dia a dia. Tudo depende de como ele é usado. Este capítulo mostra as engrenagens, para que o cartão trabalhe para você, e não o contrário.

Como o cartão funciona por dentro

O cartão de crédito é um empréstimo de curto prazo. Você compra hoje, o banco paga a loja, e você paga o banco depois, de uma vez, na fatura. Se pagar tudo até o vencimento, não paga juros. Por isso ele pode ser bom.

Alguns termos aparecem no app e na fatura:

Termo	O que significa
Limite	O máximo que o banco deixa você dever no cartão ao mesmo tempo
Fechamento	O dia em que a fatura "fecha": compras depois disso vão para o mês seguinte
Vencimento	O dia de pagar a fatura
Melhor dia de compra	O dia logo depois do fechamento, que dá o maior prazo até pagar
Pagamento mínimo	O menor valor aceito para não ficar inadimplente, mas o resto vira dívida com juros

Veja um exemplo de datas. Imagine um cartão que fecha no dia 3 e vence no dia 10. Uma compra feita em 4 de outubro entra na fatura que fecha em 3 de novembro e vence em 10 de novembro. São 37 dias para pagar. Uma compra feita em 2 de outubro já entra na fatura que vence em 10 de outubro, só 8 dias depois. Confira as datas do seu cartão no app.

Limite não é renda

O limite do cartão costuma aparecer em letras grandes no app. Às vezes ele é maior que o seu salário. Isso dá a sensação de que existe dinheiro disponível. Não existe. O limite é só até onde o banco aceita que você se endivida.

Uma forma de pensar: o limite é a altura do muro, não o tamanho do terreno. O seu terreno é a sua renda depois das contas fixas. Imagine um limite de R\$ 5.000 e uma sobra de R\$ 600 por mês depois do aluguel, da comida e das contas. O seu gasto seguro no cartão está perto dos R\$ 600, não dos R\$ 5.000.

Também é comum o banco aumentar o limite sem você pedir. É uma oferta de mais crédito, não um prêmio. Você pode pedir para reduzir o limite pelo app ou pela central, e isso é uma ótima defesa para quem tem dificuldade de controlar os gastos. O capítulo 9 fala de outros truques da cabeça na hora de gastar.

Pagar o mínimo: a porta do rotativo

Quando você paga menos que o total da fatura, o resto não desaparece. Ele vira o **rotativo**, um empréstimo automático com os juros mais altos do mercado. Os juros do rotativo muitas vezes passam de 100% ao ano. Confira a taxa do seu cartão: ela aparece na fatura ou no app.

Veja o que aconteceu com a Renata, com números de exemplo. A fatura era de R\$ 1.000 e ela pagou R\$ 150. Os R\$ 850 restantes entraram no rotativo. Imagine juros de 12% ao mês, só como exemplo. No mês seguinte, só de juros, vêm uns R\$ 102, além de impostos e da fatura nova. É de onde veio a diferença que ela não entendia.

FAÇA A CONTA

Quanto cresce uma dívida de R\$ 1.000 com juros de exemplo de 12% ao mês, se nada for pago?

1. Mês 1: $1.000 \times 1,12 = \text{R\$ } 1.120$.
2. Mês 2: $1.120 \times 1,12 = \text{cerca de R\$ } 1.254$.
3. Continue multiplicando por 1,12 a cada mês. No mês 6, a dívida passa de R\$ 1.970.
4. No mês 12, chegaria a quase R\$ 3.900, ou seja, quase quatro vezes o valor original.

Esse é o efeito dos **juros compostos** contra você, explicado no capítulo 3. Para fazer com a taxa do seu cartão, troque o 1,12 por 1 mais a taxa mensal: 9% vira 1,09; 15% vira 1,15.

A regra de 2024: um teto para o estrago

Para frear esse crescimento, veio a Lei 14.690/2023. Desde janeiro de 2024, os juros e encargos do rotativo e do parcelamento da fatura **não podem passar de 100% do valor original da dívida**. Ou seja, uma dívida de R\$ 1.000 pode chegar, no máximo, a R\$ 2.000 somando juros e encargos.

No exemplo da conta acima, a dívida bateria no teto entre o sexto e o sétimo mês e pararia de crescer por juros. É uma proteção importante. Mas repare: pagar o dobro do que você gastou continua sendo caríssimo. O teto limita o estrago, não o evita.

Outra regra: o rotativo só pode durar até a fatura seguinte. Depois disso, se a dívida continuar, o banco precisa oferecer um **parcelamento da fatura**, normalmente com juros menores que os do rotativo, mas ainda altos.

MITO OU VERDADE

"Pagar o mínimo mantém o cartão em dia, então está tudo bem." **Depende do que você chama de bem.** Pagar o mínimo evita atraso e negativação, e isso é melhor do que não pagar nada. Mas o resto vira dívida cara. Se no mês que vem você também não conseguir pagar o total, o problema cresce. Pagar o mínimo é um socorro de um mês, não um jeito de usar o cartão.

Se você já está no rotativo, a melhor saída costuma ser trocar essa dívida por uma mais barata. Às vezes o próprio parcelamento da fatura, às vezes um empréstimo com juros menores. Compare pelo custo total, como mostra o capítulo 10. O passo a passo completo para sair das dívidas está no capítulo 13.

Parcelado sem juros: amigo com pegadinha

"Em 10 vezes sem juros" é uma das frases mais fortes do comércio brasileiro. E pode ser um bom negócio, de verdade, quando o preço parcelado é igual ao preço à vista. Você fica com o dinheiro na conta por mais tempo e paga o mesmo.

O perigo está em outro lugar: as parcelas se somam. Cada compra parcelada parece pequena sozinha. Juntas, elas formam uma **fatura fantasma**, um pedaço das faturas dos próximos meses que já está gasto antes de você receber o salário.

Veja um exemplo. Renata comprou um celular em 10 vezes de R\$ 150, uma geladeira em 12 vezes de R\$ 200 e um tênis para o Davi em 5 vezes de R\$ 60. Nenhuma parcela parece absurda. Mas olhe as faturas futuras:

Meses	Parcelas que já estão na fatura
1 a 5	R\$ 410 por mês
6 a 10	R\$ 350 por mês
11 e 12	R\$ 200 por mês

Durante cinco meses, R\$ 410 do salário dela já chegam com dono, antes de qualquer compra de mercado ou farmácia. Se o cartão também é usado para o dia a dia, a fatura total fica muito acima do que parece.

A maioria dos apps de banco mostra as faturas futuras. Olhe esse número antes de cada nova compra parcelada. Para saber se vale mais pagar à vista com desconto ou parcelar, veja o capítulo 15.

CUIDADO

"Sem juros" às vezes tem juros escondidos. Se a loja dá desconto para pagar à vista, o parcelado custa mais, e a diferença funciona como juros. Pergunte sempre: "Qual é o preço à vista?". Se for menor, o parcelamento não é sem juros.

Anuidade, adicional, pontos e cashback

Alguns detalhes que mexem no seu bolso:

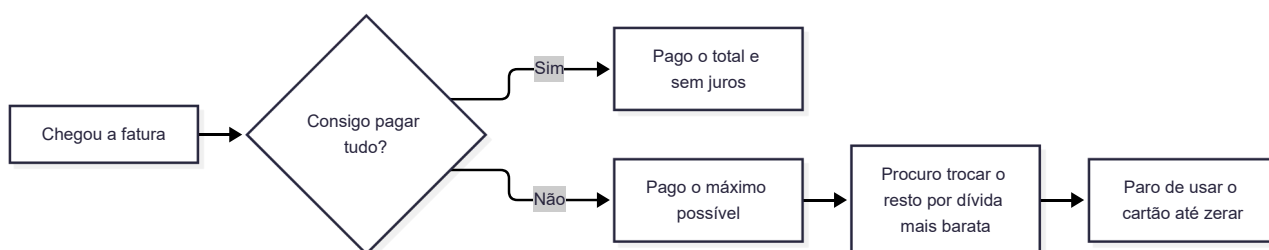
- **Anuidade** é a tarifa para ter o cartão, muitas vezes cobrada em parcelas mensais. Existem muitos cartões sem anuidade. Se o seu cobra, pergunte se dá para tirar ou trocar de cartão.
- **Cartão adicional** é um cartão extra, para um filho ou cônjuge, que usa o seu limite. Todas as compras dele caem na sua fatura e são responsabilidade sua. Combine regras antes.
- **Pontos, milhas e cashback** são uma pequena parte do que você gasta que volta como desconto ou benefício. Eles são bem-vindos para quem já gasta e paga a fatura toda. Mas nenhum programa de pontos devolve mais do que você gastou. Gastar mais para ganhar pontos é pagar R\$ 100 para ganhar alguns reais de volta.

Como usar o cartão a seu favor

O jeito mais seguro de usar o cartão é tratá-lo como se fosse débito. Cada compra no cartão é dinheiro que já precisa estar separado na conta. Assim, quando a fatura chega, o dinheiro está lá.

Algumas práticas ajudam:

- Pague sempre a fatura inteira. Se não der, pague o máximo possível e procure a troca de dívida o quanto antes.
- Ative o aviso de compra no celular. Ver cada gasto na hora ajuda a não perder a conta.
- Use um cartão só. Vários cartões espalham as faturas e escondem o total.
- Reduza o limite para um valor perto do que você realmente pode pagar por mês.
- Tire o cartão salvo dos apps de compra e de entrega. Um passo a mais ajuda a pensar.



NA PRÁTICA

1. Abra o app do cartão e anote três números: o dia do fechamento, o dia do vencimento e a taxa do rotativo.
2. Procure a área de faturas futuras e some quanto já está comprometido nos próximos três meses.
3. Compare esse valor com o que sobra do seu salário depois das contas fixas.
4. Se o limite estiver muito acima do que você consegue pagar, peça para reduzir.
5. Se você está no rotativo agora, siga direto para o capítulo 13.

Resumindo

- Cartão é um empréstimo curto: pagando a fatura toda, você não paga juros.
- Limite não é renda; o gasto seguro é o que sobra depois das contas fixas.
- Pagar o mínimo leva ao **rotativo**, um dos créditos mais caros; desde 2024, juros e encargos não passam de 100% da dívida original, mas ainda é muito caro.
- Parcelado sem juros só é bom quando o preço é igual ao à vista, e as parcelas futuras precisam ser somadas.
- Pontos e cashback nunca justificam gastar mais.

CAPÍTULO 12

Cheque especial, empréstimo e outras armadilhas

Seu Jorge foi pagar o material de uma obra e o app do banco mostrou um saldo maior do que ele lembrava. Pagou tranquilo. Dias depois, viu uma cobrança de juros no extrato. O dinheiro "a mais" não era dele: era o cheque especial. Ele desconfiou do banco, como sempre. Dessa vez, com certa razão, porque a tela não deixava isso claro.

Além do cartão, que ganhou um capítulo só para ele (o 11), existem muitos outros tipos de crédito. Cada um tem seu preço, suas regras e suas armadilhas. Este capítulo é um mapa para você reconhecer cada um e saber quais evitar.

Cheque especial: o limite que parece saldo

O **cheque especial** é um limite de crédito ligado à sua conta corrente. Quando o seu dinheiro acaba, o banco continua pagando suas contas e seus Pix, e você fica devendo. Muitos apps mostram o saldo já somado com esse limite, e é aí que mora o perigo. Você acha que tem dinheiro e está usando empréstimo.

Os juros são cobrados por dia de uso, e estão entre os mais caros do mercado. Desde 2020 existe um teto para eles, definido pelo Conselho Monetário Nacional, mas mesmo com o teto o cheque especial continua muito caro. Confira o valor de hoje no site do Banco Central e a taxa da sua conta no app.

Com números de exemplo: se você ficar um mês inteiro devendo R\$ 1.000 no cheque especial com juros de 7% ao mês, paga uns R\$ 70 só de juros, fora impostos. Se a dívida ficar três meses parada, ela passa de R\$ 1.220. Para emergência de poucos dias, pode quebrar um galho. Como hábito, é um vazamento constante.

CUIDADO

Procure no app a opção de mostrar o saldo **sem** o limite. Se puder, peça para reduzir ou desligar o cheque especial. Se você precisa dele todo mês, isso não é falta de controle: é sinal de que o orçamento está apertado, e o capítulo 13 ajuda a sair disso.

Empréstimo pessoal

O **empréstimo pessoal** é aquele em que você recebe um valor e paga em parcelas fixas, sem dar nenhum bem como garantia. Os juros costumam ser menores que os do rotativo e do cheque especial, mas ainda são altos, porque o banco corre o risco de não receber.

Ele pode ser útil para uma coisa importante: **trocar uma dívida cara por uma mais barata**. Se você deve no rotativo do cartão, pegar um empréstimo pessoal com juros menores para quitar tudo de uma vez pode reduzir muito o custo. A condição é não voltar a usar o cartão até ter controle. Senão, você fica com as duas dívidas.

Consignado: mais barato, mas preso ao salário

No **consignado**, a parcela é descontada direto do seu salário ou da sua aposentadoria, antes de o dinheiro cair na conta. Como o banco tem muito mais certeza de que vai receber, os juros costumam ser bem menores que os de um empréstimo pessoal comum.

Existem consignados para aposentados e pensionistas do INSS, para servidores públicos e para trabalhadores com carteira assinada. Há um limite de quanto do salário pode ir para o consignado, chamado **margem consignável**. As regras mudam de tempos em tempos; confira no seu RH, no Meu INSS ou no banco.

Os cuidados são dois. Primeiro, a parcela sai antes de tudo, então o salário que sobra fica menor por anos. Se a renda cair, a parcela continua. Segundo, aposentados são alvo frequente de golpes de consignado.

CUIDADO

Golpes comuns com consignado: empréstimo que aparece na conta sem você ter pedido, ligação de "central" oferecendo taxa baixíssima em troca de seus dados, pedido de pagamento adiantado para "liberar" o crédito. Nunca passe senha ou foto de documento por telefone ou WhatsApp. Aposentados podem conferir no Meu INSS os empréstimos ligados ao benefício. Qualquer pessoa pode ver no **Registrato**, do Banco Central, os empréstimos em seu nome. Mais sobre golpes no capítulo 24.

Comparando o preço do mesmo dinheiro

Para enxergar o tamanho da diferença, veja R\$ 3.000 pagos em 12 parcelas, com três taxas de exemplo. Elas não são as taxas de hoje; servem só para comparar.

Tipo, com taxa de exemplo	Parcela	Total pago	Só de juros
Consignado, 2% ao mês	cerca de R\$ 284	cerca de R\$ 3.404	cerca de R\$ 404
Empréstimo pessoal, 5% ao mês	cerca de R\$ 338	cerca de R\$ 4.062	cerca de R\$ 1.062
App de "dinheiro na hora", 10% ao mês	cerca de R\$ 440	cerca de R\$ 5.283	cerca de R\$ 2.283

O mesmo dinheiro pode custar cinco vezes mais em juros, dependendo de onde vem. Por isso vale comparar o **CET**, o custo total que o capítulo 10 explica, antes de qualquer contratação.

Crediário de loja

O **crediário** é o parcelamento feito pela própria loja ou por uma financeira ligada a ela, com carnê, boleto ou cartão da loja. Parece prático: a aprovação é rápida e a parcela aparece logo ao lado do preço.

O problema é que os juros vêm embutidos e quase ninguém pergunta o total. Às vezes é razoável, às vezes é muito caro. Faça a conta do capítulo 10: parcela vezes número de parcelas, menos o preço à vista. Se a loja oferece um seguro ou uma garantia estendida

"junto", pergunte se é obrigatório. Não é, e o capítulo 18 explica por quê.

Empréstimo por aplicativo e "dinheiro na hora"

Existem apps de empréstimo sérios, autorizados pelo Banco Central, e alguns têm boas condições. Mas também há muitos anúncios de "dinheiro na hora, sem consulta ao nome sujo" que escondem juros altíssimos ou são golpe puro.

Antes de contratar por app, faça três perguntas:

1. **A empresa é autorizada?** No site do Banco Central dá para consultar as instituições autorizadas a funcionar.
2. **Qual é o CET e o total pago?** Se o app não mostra antes de contratar, desista.
3. **Pediram algum pagamento antes de liberar o dinheiro?** Taxa de cadastro, seguro, "depósito de garantia". Se sim, é golpe. Empréstimo de verdade nunca cobra para liberar.

Antecipação do saque-aniversário do FGTS

Quem trabalha com carteira tem o **FGTS**, um dinheiro que a empresa deposita todo mês numa conta em seu nome, na Caixa. Quem escolhe a modalidade **saque-aniversário** pode sacar uma parte do saldo uma vez por ano, no mês do aniversário. Muitos bancos oferecem "antecipar" esses saques de vários anos de uma vez.

Parece dinheiro seu, e em parte é. Mas na prática é um empréstimo: o banco adianta o valor e cobra juros, descontados do que você recebe. O saldo correspondente fica bloqueado para pagar o banco nos anos seguintes.

O que se perde costuma passar despercebido. Quem está no saque-aniversário e é demitido sem justa causa recebe a multa paga pela empresa, mas não pode sacar o saldo do FGTS, como acontecia antes. Se quiser voltar à regra antiga, a mudança leva tempo para valer. E com parte do saldo comprometida pela antecipação, esse dinheiro não está disponível justo quando o emprego acaba. As regras do FGTS mudam com alguma frequência; confira as atuais no app do FGTS ou na Caixa antes de decidir.

Penhor: a joia como garantia

O **penhor** da Caixa funciona assim: você deixa uma joia ou objeto de ouro como garantia e recebe um empréstimo em dinheiro. Ao pagar, recebe a joia de volta. Como existe uma garantia física, os juros costumam ser menores que os de um empréstimo pessoal.

O risco é perder o objeto. Se a dívida não for paga ou renovada no prazo, a joia pode ir a leilão. Para quem tem uma peça de família com valor sentimental, pense bem antes. Para quem tem ouro parado e precisa trocar uma dívida cara, pode ser uma opção barata.

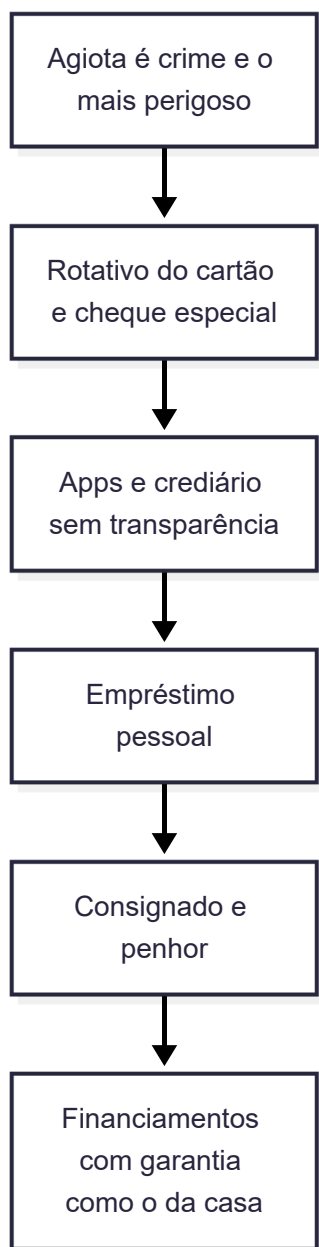
Agiota: nunca

O agiota empresta dinheiro por fora do sistema, sem contrato honesto, com juros abusivos. A cobrança vem com pressão, ameaça e às vezes violência contra a pessoa e a família. **Agiotagem é crime.** Não existe "agiota bonzinho".

Se você já está nas mãos de um agiota e se sente ameaçado, procure a polícia e a Defensoria Pública. A dívida com agiota não deve ser tratada como as outras, e você não está sozinho nisso.

Do mais caro ao mais barato

Juntando tudo, a ordem geral costuma ser esta. É uma tendência, não regra: dentro de cada tipo, as taxas variam muito de um lugar para outro e de uma pessoa para outra.



A lógica por trás é simples: quanto mais garantia o credor tem de receber, mais baratos tendem a ser os juros. Quanto mais fácil e rápido o crédito, mais caro ele costuma ser.

MITO OU VERDADE

"Empréstimo sem consulta é bom porque não importa se meu nome está sujo."

Falso na maioria das vezes. Quem empresta sem olhar nada cobra muito caro para compensar o risco, ou está aplicando um golpe. Nome negativado não impede outras saídas mais baratas, como a negociação direta com o credor. O capítulo 13 mostra como negociar, e o 14 explica o nome sujo.

NA PRÁTICA

1. Abra o app do banco e veja se o saldo mostrado inclui o cheque especial. Se incluir, mude a exibição.
2. Anote cada crédito que você usa hoje e o tipo dele, de acordo com este capítulo.
3. Para cada um, procure no app ou no contrato o CET ou a taxa mensal.
4. Marque os dois mais caros: eles são os primeiros candidatos a troca por dívida mais barata, como no capítulo 13.
5. Consulte o Registrato, no site do Banco Central, e confira se há algum empréstimo em seu nome que você não reconhece.

Resumindo

- O cheque especial parece saldo, mas é um dos créditos mais caros; esconda-o da tela do app.
- O **consignado** é mais barato, mas prende o salário ou a aposentadoria por anos e é alvo de golpes.
- Antecipar o saque-aniversário é um empréstimo e pode deixar você sem o FGTS quando mais precisar.
- Crédito que cobra taxa para liberar é golpe; agiotagem é crime.
- Quanto mais garantia o credor tem, mais barato tende a ser o crédito; use isso para trocar dívida cara por barata.

CAPÍTULO 13

Saindo do vermelho, passo a passo

Renata passou um domingo inteiro com a fatura aberta no celular, uma folha de caderno e um aperto no peito. O cartão estava parcelado, o cheque especial usado, e ainda havia um empréstimo e o carnê da loja. Ela tinha vergonha de contar para alguém. E a sensação era de que, por mais que pagasse, nunca diminuía.

Se você está nesse lugar, comece por aqui: **estar endividado não diz nada sobre o seu caráter**. O crédito é vendido o tempo todo, a renda muitas vezes não acompanha os preços e um imprevisto basta para desmontar o mês. Sair do vermelho é possível, e quase sempre segue a mesma sequência. Este capítulo acompanha a Renata nesse caminho, em sete passos.

Passo 1: parar de cavar

Quando você está num buraco, o primeiro passo é parar de cavar. Antes de pensar em quitar, é preciso parar de criar dívida nova. Senão, cada real pago é coberto por outro real emprestado.

Na prática, a Renata fez três coisas. Tirou o cartão salvo dos apps de compra e de entrega. Pediu para reduzir o limite do cartão. E mudou o app do banco para mostrar o saldo sem o cheque especial. Não foi um corte radical na vida. Foi fechar as torneiras mais fáceis de abrir sem perceber.

Se algum gasto essencial ainda depende do cartão, tudo bem. O objetivo não é a perfeição, é que a soma das dívidas pare de subir.

Passo 2: colocar tudo no papel

Dívida que você não vê não tem como ser resolvida. Por isso o segundo passo é fazer uma lista completa, com quatro colunas: para quem você deve, quanto deve hoje, qual é a taxa de juros e qual é a parcela.

Para não esquecer nada, use o **Registrato**, um serviço gratuito do Banco Central que você acessa com a conta gov.br. Ele mostra os empréstimos e financiamentos registrados no seu nome em todos os bancos. Muita gente descobre ali uma dívida que tinha esquecido.

A lista da Renata ficou assim, com números de exemplo:

Dívida	Quanto deve	Juros de exemplo	Juros de um mês
Parcelamento da fatura do cartão	R\$ 3.000	8% ao mês	R\$ 240
Cheque especial	R\$ 800	7% ao mês	R\$ 56
Empréstimo pessoal	R\$ 2.000	5% ao mês	R\$ 100
Crediário da loja	R\$ 600	3% ao mês	R\$ 18
Total	R\$ 6.400		R\$ 414

Olhar para a última coluna mudou a cabeça dela. Só de juros, saíam uns R\$ 414 por mês. E mais da metade disso vinha de uma única dívida, a do cartão.

FAÇA A CONTA

Faça a última coluna com as suas dívidas.

1. Pegue o saldo de cada dívida. Exemplo: R\$ 3.000.
2. Multiplique pela taxa mensal. Para 8%, multiplique por 0,08: $3.000 \times 0,08 = \text{R\$ } 240$.
3. Repita para cada dívida e some.

O resultado é quanto você paga por mês só para a dívida não crescer. É o "aluguel" das suas dívidas.

Passo 3: garantir o essencial primeiro

Antes de pagar qualquer dívida, a casa precisa ficar de pé: moradia, comida, luz, água, gás, transporte para trabalhar e remédios. Isso não é irresponsabilidade com o credor. É o que permite que você continue trabalhando e, portanto, pagando.

Faça a conta: renda líquida menos esses gastos essenciais. O que sobra é o valor que, de verdade, pode ir para as dívidas. No caso da Renata, o orçamento do capítulo 6 deixava uns R\$ 480. Ela cortou o que deu dos gastos não essenciais e passou a vender bolo de pote no fim de semana. Com isso, chegou a R\$ 900 por mês para as dívidas. Para muitas famílias sobra bem menos, e tudo bem: o plano se ajusta ao número real, não o contrário.

Se não sobra nada, ou se falta para o básico, o problema não é de organização. É de renda. Os passos 5 e 7 ajudam nesse caso.

Passo 4: trocar dívida cara por barata

Se você tem uma dívida com juros altos e consegue um crédito mais barato para quitá-la, a conta melhora na hora. Algumas formas:

- **Empréstimo pessoal ou consignado** para quitar rotativo e cheque especial. O consignado tem juros menores, mas prende o salário por anos (veja o capítulo 12).
- **Portabilidade de crédito:** você leva um empréstimo de um banco para outro que cobre juros menores. A **portabilidade** é um direito; o banco novo quita a dívida no antigo, e você passa a pagar o novo.
- **Pedir ao próprio banco** uma taxa menor. Às vezes, só a ameaça de fazer a portabilidade já traz uma oferta melhor.

A regra de ouro: só troque se o **CET** novo for menor e se você não voltar a usar o crédito antigo. Quitar o cartão com empréstimo e voltar a usar o cartão é o caminho mais rápido para ter duas dívidas no lugar de uma.

Passo 5: negociar

Credores preferem receber parte do dinheiro a não receber nada. Por isso, dívidas antigas e atrasadas costumam ter descontos grandes para pagamento à vista ou parcelas negociadas. Os lugares mais comuns para negociar são:

- O próprio credor, pelo app, site ou telefone.
- Plataformas de negociação dos birôs de crédito, como o Serasa Limpa Nome.
- Feirões e mutirões de renegociação, que acontecem de tempos em tempos.
- O Procon da sua cidade e o site consumidor.gov.br, quando o credor não colabora.

Duas regras protegem você. Primeira: **nunca aceite uma parcela que não cabe** no valor que sobrou no passo 3. Um acordo que você quebra no terceiro mês volta a virar dívida, muitas vezes sem o desconto. Segunda: se tiver algum dinheiro guardado, peça o desconto à vista e compare.

Veja um exemplo de proposta. Uma dívida antiga de R\$ 4.000 pode ser quitada à vista por R\$ 1.600, ou em 10 parcelas de R\$ 280. As parcelas somam R\$ 2.800, ou seja, R\$ 1.200 a mais que à vista. Se der para juntar os R\$ 1.600 em poucos meses, talvez valha esperar a próxima oferta. Se não der, a parcela de R\$ 280 pode fazer sentido, desde que caiba.

CUIDADO

Desconfie de quem cobra para "limpar seu nome" ou para negociar por você com promessa de desconto garantido. Muitas vezes é golpe. Negocie direto com o credor ou nos canais oficiais e guarde o comprovante de cada acordo e de cada pagamento. O capítulo 14 fala mais sobre isso.

Passo 6: escolher a ordem

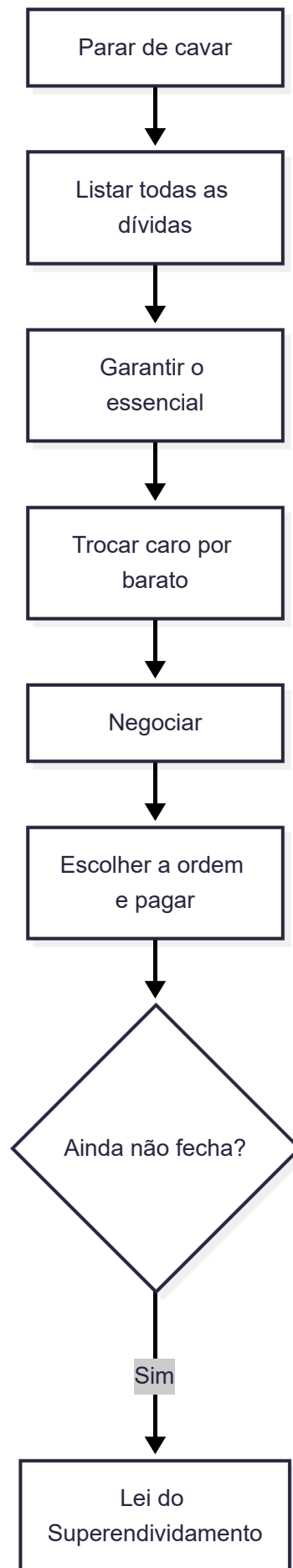
Com o valor mensal definido, falta decidir para qual dívida vai o dinheiro extra. Todas recebem pelo menos o mínimo para não crescer. O que sobra vai inteiro para uma só, até ela acabar. Depois, a próxima. Existem dois métodos famosos.

Na **avalanche**, você ataca primeiro a dívida com os **juros mais altos**. É o método que, na conta, costuma sair mais barato. Na **bola de neve**, você ataca primeiro a dívida de **menor saldo**. Ela some rápido, e essa vitória dá ânimo para continuar.

Veja a simulação da Renata, com os números de exemplo da tabela e R\$ 900 por mês. É uma conta simplificada: as dívidas que não são a "da vez" recebem só o suficiente para não crescer.

	Avalanche	Bola de neve
Ordem	Cartão, cheque especial, empréstimo, crediário	Crediário, cheque especial, empréstimo, cartão
Primeira dívida quitada	no 6º mês	no 2º mês
Tudo quitado em	10 meses	11 meses
Total pago de juros	cerca de R\$ 2.124	cerca de R\$ 2.769

A avalanche economizou uns R\$ 645 e terminou um mês antes. Mas a bola de neve deu a primeira vitória já no segundo mês. Para quem está desanimado, isso pode ser o que mantém o plano de pé. O melhor método é aquele que você consegue seguir até o fim.



Passo 7: quando não dá, a lei ajuda

Às vezes, mesmo com tudo isso, a conta não fecha. A renda não cobre o básico e as parcelas juntas. Para esses casos existe a **Lei do Superendividamento** (Lei 14.181/2021).

Ela protege o chamado **mínimo existencial**, a parte da renda necessária para viver com dignidade. E permite pedir a **repactuação** das dívidas de consumo: reunir os credores e montar um plano de pagamento que caiba na sua vida. Isso pode ser feito por meio de conciliação, no Procon ou na Justiça. A Defensoria Pública pode orientar quem não pode pagar advogado.

Ela não vale para todo tipo de dívida. Financiamento imobiliário com garantia e crédito rural, por exemplo, ficam de fora. Na prática, há mais regras, e quem orienta o caso concreto é o Procon ou a Defensoria.

A cabeça também precisa de cuidado

Dívida pesa. Tira o sono, causa briga em casa, dá vergonha de atender o telefone. Se isso está acontecendo com você, saiba que é muito comum, e que falar ajuda. Conte para alguém de confiança. Se a angústia estiver grande demais, o **CVV** atende de graça pelo telefone 188, a qualquer hora. Os **CAPS**, do SUS, também acolhem.

Recaídas acontecem. Um mês ruim não apaga o plano. Volte para o passo 1 e siga.

NA PRÁTICA

1. Esta semana, desligue uma fonte de dívida nova: cartão salvo em app, limite alto ou saldo com cheque especial.
2. Acesse o Registrato com a conta gov.br e monte a lista de dívidas com as quatro colunas.
3. Calcule quanto sobra por mês depois do essencial. Esse é o seu valor para as dívidas.
4. Escolha avalanche ou bola de neve e escreva a ordem num papel.
5. Ligue para o credor da dívida mais cara e pergunte por desconto, taxa menor ou portabilidade.

Resumindo

- Primeiro, pare de criar dívida nova; depois, liste todas, com a ajuda do Registrato.
- O essencial vem antes das dívidas; o plano usa só o que sobra de verdade.
- Trocar dívida cara por barata e negociar podem reduzir muito o total; nunca aceite parcela que não cabe.
- **Avalanche** economiza mais juros; **bola de neve** dá vitórias rápidas; vale a que você consegue seguir.
- Se a conta não fecha, a Lei do Superendividamento existe para isso, e cuidar da cabeça também faz parte.

CAPÍTULO 14

Nome sujo, score e Cadastro Positivo

Aline tentou comprar uma máquina de lavar no crediário e ouviu da vendedora: "Seu CPF não foi aprovado". Ela ficou vermelha no meio da loja. Lembrou de uma conta de celular de dois anos atrás, de um plano que tinha cancelado e que, pelo jeito, continuou cobrando. Em casa, ficou se perguntando: o que exatamente está escrito sobre mim, e onde?

Expressões como "nome sujo", "score baixo" e "CPF negativado" assustam porque parecem um julgamento. Não são. São registros e cálculos feitos por empresas, com regras que dá para entender. Este capítulo explica o que cada coisa significa, como consultar de graça e como se proteger de cobranças abusivas.

O que é ficar negativado

Quando você atrasa uma conta, o credor pode informar essa dívida a empresas chamadas **birôs de crédito**, como Serasa, SPC e Boa Vista. Elas mantêm cadastros que lojas e bancos consultam antes de vender a prazo ou emprestar. Estar nesse cadastro de inadimplentes é o que se chama de **nome sujo** ou **negativado**.

Na prática, isso dificulta conseguir crédito, crediário, cartão e às vezes até alugar um imóvel ou fazer certos contratos. Não impede você de trabalhar, abrir uma conta simples, receber salário ou usar Pix.

Antes de negativar, o consumidor tem que ser avisado por escrito, segundo o Código de Defesa do Consumidor. É comum esse aviso chegar por carta, e-mail ou mensagem. Se você descobriu a negativação sem nunca ter sido avisado, vale procurar o Procon.

Como consultar o seu nome de graça

Você não precisa pagar nada para saber se está negativado. Serasa, SPC e Boa Vista oferecem consulta gratuita do próprio CPF nos sites e apps oficiais. Como cada birô tem o seu cadastro, uma dívida pode aparecer em um e não em outro. Vale olhar os três.

Para os empréstimos e financiamentos em seu nome, mesmo os que estão em dia, use também o **Registrato**, do Banco Central, que você acessa com a conta gov.br. E, já que está lá, aproveite para olhar o **Valores a Receber**, também do Banco Central, que mostra se você tem algum dinheiro esquecido em banco.

Ao consultar, confira se reconhece cada dívida. Uma dívida que você não fez pode ser sinal de fraude com seus documentos. Nesse caso, registre um boletim de ocorrência e conteste junto ao credor e ao birô.

CUIDADO

Ninguém precisa cobrar para "limpar seu nome". Empresas e perfis que prometem tirar o seu CPF do cadastro mediante pagamento de uma taxa, sem quitar ou negociar a dívida, costumam ser golpe. O nome só sai do cadastro quando a dívida é paga, negociada, contestada com sucesso ou quando passa o prazo de 5 anos. Negocie direto com o credor ou nos canais oficiais, como mostra o capítulo 13.

Paguei. E agora?

Quando você quita a dívida ou paga a primeira parcela de um acordo, cabe ao credor pedir a retirada do seu nome do cadastro. Isso deve acontecer em poucos dias úteis. Guarde sempre o comprovante de pagamento e o documento do acordo.

Se o prazo passar e o nome continuar sujo, entre em contato com o credor com o comprovante na mão. Se não resolver, procure o Procon ou o site consumidor.gov.br.

Cinco anos: o nome sai, a dívida não some

Uma dívida não pode ficar no cadastro de inadimplentes para sempre. Depois de **5 anos**, ela sai do cadastro, mesmo que não tenha sido paga. É por isso que muita gente fala em "caducar".

MITO OU VERDADE

"Depois de 5 anos a dívida some." **Falso.** O que acaba é a negativação: a dívida não pode mais sujar o seu nome nos cadastros. Mas ela pode continuar existindo e ser cobrada pelo credor. Além disso, o próprio credor guarda o histórico, e pode ser difícil conseguir crédito de novo com ele. Na prática há mais detalhes jurídicos, mas a ideia é essa: nome limpo não é a mesma coisa que dívida quitada.

Score de crédito: uma nota, não uma sentença

O **score de crédito** é uma pontuação que os birôs calculam para estimar a chance de uma pessoa pagar suas contas em dia. Lojas e bancos usam essa nota, junto com outras informações, para decidir se aprovam crédito e com que juros.

Cada empresa (Serasa, Boa Vista, SPC, Quod) tem o seu próprio modelo, e nenhuma divulga a fórmula completa. Por isso, desconfie de quem promete "o segredo para subir o score em 7 dias". O que se sabe, de forma geral, é que algumas coisas costumam ajudar:

- **Pagar as contas em dia**, inclusive as pequenas: luz, água, celular, parcelas.
- **Ter histórico**: usar crédito com moderação ao longo do tempo e pagar direitinho.
- **Não estar negativado**, ou resolver as dívidas que estão no cadastro.
- **Participar do Cadastro Positivo**, que registra também as contas pagas em dia.

Score baixo não é sentença. Ele muda com o tempo, conforme o seu comportamento muda. E score alto também não é motivo para pegar crédito: ele só mostra que os bancos gostariam de emprestar para você.

O Cadastro Positivo

Durante muito tempo, os cadastros só registravam o que dava errado: as dívidas atrasadas. O **Cadastro Positivo** registra também o que dá certo: as contas e parcelas pagas em dia. A ideia é que quem paga direito possa mostrar isso, mesmo sem ter muito

crédito na praça.

CURIOSIDADE

Desde 2019, a inclusão no Cadastro Positivo é automática. Antes, a pessoa precisava pedir para entrar. Hoje, quem não quiser participar pode pedir para sair, pelos sites dos birôs de crédito.

Reconstruindo o histórico, sem pressa

Depois de resolver as dívidas, é natural querer "provar" para o mercado que agora está tudo bem. A tentação é pedir vários cartões ao mesmo tempo ou aceitar qualquer limite oferecido. Não é preciso, e pode atrapalhar. O caminho mais seguro é lento e sem graça, e por isso funciona.

Comece pelo que você já paga todo mês. Luz, água, internet e celular em dia já contam história. Se tiver um cartão, use pouco, só para gastos que já estavam no orçamento, e pague a fatura inteira. Mantenha os seus dados atualizados nos birôs, como endereço e telefone, para receber os avisos que importam.

Também ajuda saber que o score não é a única coisa que um banco olha. Renda, tempo de conta, relacionamento com a instituição e o valor pedido entram na decisão. Por isso uma pessoa pode ter crédito negado com score razoável, ou aprovado com score mais baixo. Se o pedido for negado, não saia pedindo em todo lugar no mesmo dia. Espere, organize o orçamento e tente de novo mais tarde.

E lembre do capítulo 10: crédito aprovado não é crédito necessário. O objetivo de ter um bom histórico é poder contar com juros menores quando realmente precisar, como num financiamento de casa, e não ter mais dívidas.

E a conta de celular da Aline?

A dívida da Aline era de um plano que ela já tinha cancelado. Ela achou, no e-mail antigo, o número do protocolo do cancelamento. Com ele em mãos, contestou a cobrança com a operadora e, como não teve resposta, abriu uma reclamação no consumidor.gov.br.

O caso dela mostra três lições. Guarde protocolos de cancelamento e comprovantes. Consulte o seu CPF de vez em quando, mesmo sem estar devendo. E não aceite uma cobrança só porque ela chegou com cara de oficial: você tem o direito de pedir explicação e contestar.

Mitos sobre score e nome sujo

Frase	Verdade
"Consultar o meu próprio score faz ele baixar"	Falso. Consultar o seu próprio CPF não prejudica a sua nota.
"Pagando uma taxa, limpam meu nome"	Falso, e é golpe comum. O nome sai quando a dívida é resolvida ou após 5 anos.
"Com nome sujo eu não consigo negociar"	Falso. Dívidas atrasadas costumam ter os maiores descontos de negociação.
"Score alto quer dizer que posso pegar mais crédito"	Não. O score mede o risco para o banco, não o que cabe no seu orçamento.
"Depois de 5 anos a dívida acabou"	Falso. Sai do cadastro, mas pode continuar existindo e sendo cobrada.

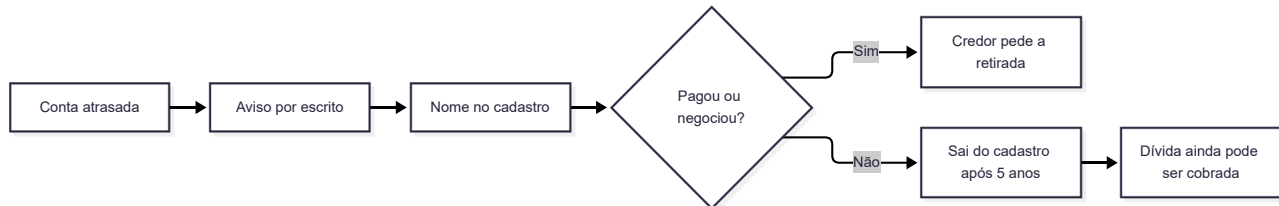
Cobrança tem limite

Estar devendo não tira os seus direitos. O Código de Defesa do Consumidor diz que, na cobrança de dívidas, o consumidor não pode ser exposto ao ridículo nem sofrer constrangimento ou ameaça. A cobrança também não pode interferir de forma injustificada no seu trabalho, no seu descanso ou no seu lazer.

Na vida real, alguns exemplos de cobrança abusiva são:

- Ligar de madrugada ou dezenas de vezes por dia.
- Contar da dívida para o seu chefe, seus vizinhos ou seus parentes.
- Ameaçar com prisão. Dívida comum de consumo não dá cadeia.
- Mandar mensagens com xingamentos ou expor você em grupos e redes sociais.

Se isso acontecer, anote datas, horários e números, e guarde prints das mensagens. Depois, reclame no Procon, no site consumidor.gov.br ou, se for grave, na Defensoria Pública. E se você pagou um valor que não devia, por cobrança indevida, a lei prevê em regra a devolução em dobro do que foi pago a mais.



NA PRÁTICA

1. Consulte o seu CPF de graça no Serasa, no SPC e na Boa Vista, pelos sites ou apps oficiais.
2. Acesse o Registrato com a conta gov.br e confira os empréstimos em seu nome.
3. Aproveite e olhe o Valores a Receber, do Banco Central.
4. Se aparecer uma dívida que você não reconhece, registre boletim de ocorrência e conteste.
5. Coloque as contas fixas em débito automático ou com lembrete no celular, para não atrasar por esquecimento.

Resumindo

- Nome sujo é estar no cadastro de inadimplentes dos birôs; consultar é gratuito no Serasa, SPC e Boa Vista.
- O **score** é uma estimativa feita por cada empresa com seu próprio modelo; pagar em dia e ter histórico ajudam.
- Quem cobra taxa para limpar o nome sem resolver a dívida costuma ser golpista.
- Depois de 5 anos o nome sai do cadastro, mas a dívida pode continuar existindo.
- Cobrança com ameaça, exposição ou constrangimento é proibida; registre e reclame no Procon.



Parte 4 — Decisões grandes

CAPÍTULO 15

À vista, parcelado ou esperar?

Renata precisa trocar a TV, que queimou depois de uma queda de energia. Na loja, o vendedor oferece duas opções: R\$ 2.000 em 10 vezes de R\$ 200 sem juros, ou R\$ 1.800 à vista no Pix. Ela tem R\$ 2.000 guardados. O vendedor diz que "parcelado sem juros é sempre melhor, porque o dinheiro fica rendendo". Será?

Essa dúvida aparece toda semana na vida de quase todo mundo. Na geladeira, no material escolar, no celular novo, na passagem de ônibus para as férias. Este capítulo mostra como decidir com uma conta simples, que cabe na calculadora do celular.

Um real hoje vale mais que um real daqui a um ano

Imagine que alguém te ofereça R\$ 100 agora ou R\$ 100 daqui a um ano. Quase todo mundo escolhe agora. E faz sentido, por três motivos que você já viu nos capítulos 2 e 3.

Primeiro, a inflação: daqui a um ano, R\$ 100 comprem menos coisas. Segundo, os juros: com R\$ 100 hoje, você pode deixar o dinheiro rendendo e ter mais que R\$ 100 depois. Terceiro, a incerteza: a promessa de amanhã pode não se cumprir.

Essa é a ideia central do capítulo. **Pagar mais tarde tem valor**, porque o seu dinheiro fica com você por mais tempo. **Receber desconto para pagar agora também tem valor**. A pergunta é qual dos dois vale mais no seu caso.

Resumindo em uma frase: parcelar é "pegar o dinheiro emprestado da loja", e desconto à vista é "o que a loja te paga para não pegar".

A conta da TV da Renata

Vamos fazer a conta do jeito mais honesto possível. Suponha que Renata deixe o dinheiro numa aplicação segura que rende 0,8% ao mês. É um número de exemplo, não uma promessa. Confira quanto rendem as aplicações seguras hoje, porque isso muda com a taxa de juros do país (capítulo 4).

Opção 1: parcelado. Ela deixa os R\$ 2.000 rendendo e tira R\$ 200 todo mês para pagar a parcela. Depois de 10 meses, a TV está paga e sobram uns R\$ 92 de rendimento na aplicação.

Opção 2: à vista. Ela paga R\$ 1.800 e sobram R\$ 200 na hora. Esses R\$ 200 ficam rendendo os mesmos 0,8% ao mês. Depois de 10 meses, viram uns R\$ 217.

Opção	Paga	O que sobra depois de 10 meses
10 x R\$ 200 sem juros	R\$ 2.000	cerca de R\$ 92
À vista com 10% de desconto	R\$ 1.800	cerca de R\$ 217

O à vista ganha com folga. O vendedor estava errado nesse caso. O rendimento de 10 meses não chega nem perto do desconto de 10%.

FAÇA A CONTA

Faça a conta para qualquer compra.

1. Veja o desconto à vista em porcentagem. Exemplo: de R\$ 2.000 por R\$ 1.800 é 10% (200 dividido por 2.000).
2. Veja quanto rende o seu dinheiro guardado por mês. Exemplo: 0,8%.
3. Conte em quantos meses seria o parcelamento e divida por 2. Exemplo: 10 parcelas, dá 5. Isso é mais ou menos o tempo médio que o dinheiro fica com você.
4. Multiplique: 0,8 vezes 5 dá 4. É, mais ou menos, quanto você ganharia, em porcentagem, por parcelar.
5. Compare: se o desconto (10%) for maior que esse número (4%), o à vista vale mais. Se for menor, parcelar sem juros pode valer mais.

É uma conta aproximada, mas acerta na grande maioria dos casos do dia a dia.

Quando o parcelado sem juros vale a pena

Agora mude um detalhe. A mesma loja oferece R\$ 2.000 em 10 vezes ou R\$ 1.900 à vista, só 5% de desconto. Refazendo a conta com os mesmos 0,8% ao mês, o à vista ainda ganha, mas por pouco: sobram uns R\$ 108 contra uns R\$ 92. Com 4% de desconto ou menos, o parcelado passaria a valer mais.

E se não houver desconto nenhum? Se o preço à vista e o parcelado são iguais, parcelar sem juros é vantagem. Você paga o mesmo valor e fica com o dinheiro rendendo por mais tempo.

Mas há três condições para essa vantagem ser real:

1. **O dinheiro precisa existir e ficar guardado.** Parcelar sem juros só rende se os R\$ 2.000 estão numa aplicação. Se o dinheiro não existe, você não está "aproveitando o prazo". Está gastando a renda dos próximos meses.
2. **As parcelas precisam caber junto com as outras.** Cada parcela nova se soma às que já estão na fatura. Dez compras de R\$ 100 em 10 vezes parecem pequenas, mas viram R\$ 1.000 por mês de compromisso. O capítulo 11 chama isso de "fatura fantasma".
3. **Você precisa ter certeza de que vai pagar em dia.** Um atraso no cartão leva ao rotativo, que custa muito mais do que qualquer rendimento.

MITO OU VERDADE

"Parcelado sem juros é sempre melhor que à vista." **Depende.** Se o preço à vista é igual ao parcelado, é verdade, desde que o dinheiro fique guardado e você não se enrole com as parcelas. Se há desconto à vista, quase sempre o desconto ganha. Muitas vezes, o "sem juros" só existe porque os juros já estão no preço cheio.

Juros escondidos no "sem juros"

Pense na loja. Ela também sabe que dinheiro hoje vale mais. Quando recebe em 10 vezes, ela espera, paga taxas para a máquina de cartão e corre o risco de calote. Alguém paga essa conta. Normalmente, é quem compra.

Por isso, muitas lojas montam o preço "cheio" já contando com o parcelamento. O desconto à vista é a parte desse custo que volta para você. Quando o desconto é grande, é sinal de que havia juros escondidos no parcelado.

Dá para descobrir quanto. No caso da TV, pagar R\$ 200 por 10 meses em vez de R\$ 1.800 hoje equivale a pagar juros de cerca de 2% ao mês. Essa conta supõe que a primeira parcela vence daqui a um mês. Se a primeira for paga na hora da compra, os juros escondidos são ainda maiores. É mais do que o dobro do que a aplicação de exemplo renderia.

CUIDADO

Em algumas lojas, o preço anunciado "à vista" já é o mesmo do parcelado, e o desconto só aparece se você pedir. Pergunte sempre: "qual o melhor preço para pagar no Pix?". A pergunta é de graça e a resposta, às vezes, vale 5% ou 10% da compra.

A armadilha do celular em 21 vezes

Lucas está de olho num celular que custa R\$ 3.000 à vista. No site, aparece em destaque: "21 x R\$ 189". A parcela parece pequena, menos de 10% do salário dele. Mas a conta completa é outra:

O que olhar	Valor
Preço à vista	R\$ 3.000
Parcela	R\$ 189
Número de parcelas	21
Total pago	R\$ 3.969
Diferença	R\$ 969

Lucas pagaria quase R\$ 1.000 a mais, cerca de um terço do preço do celular. Em taxa, isso dá uns 2,7% ao mês, o que equivale a mais de 37% ao ano. São juros de empréstimo, só que escondidos atrás de uma parcela pequena.

Repare em outra coisa. Vinte e um meses são quase dois anos. Muita gente troca de celular, perde ou quebra o aparelho antes de terminar de pagar. Aí começa a pagar dois celulares ao mesmo tempo.

Como no capítulo 10, a pergunta certa não é "cabe na parcela?". É "quanto eu pago no total, e quanto a mais isso é do preço à vista?". O capítulo 9 explica por que a parcela pequena engana tanto o nosso cérebro.

E se eu esperar?

Existe uma terceira opção que quase nunca aparece na vitrine: juntar o dinheiro antes e comprar depois. Parece óbvio, mas muda tudo.

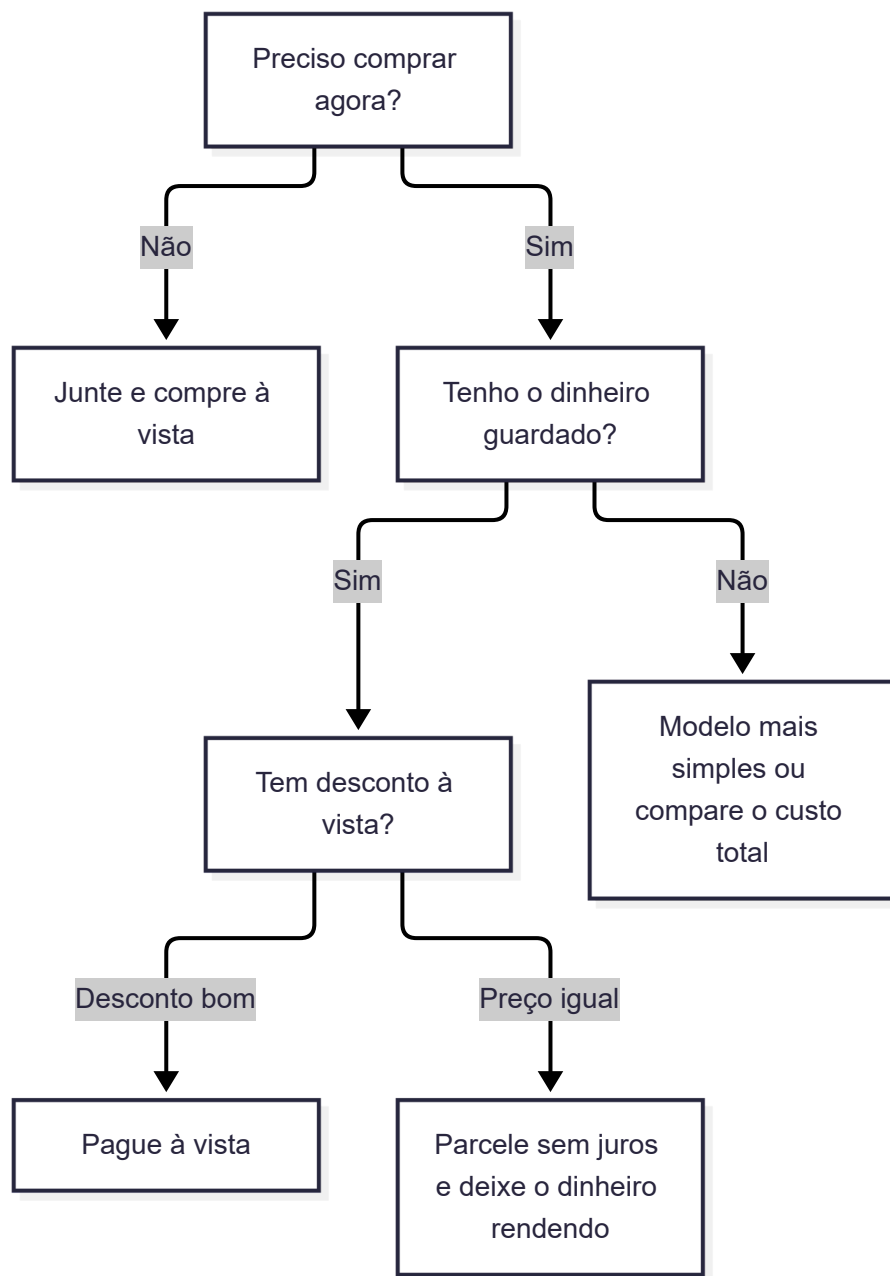
Lucas poderia guardar os mesmos R\$ 189 por mês que pagaria de parcela. Com rendimento de 0,8% ao mês, de exemplo, em 15 meses ele teria praticamente os R\$ 3.000. Ou seja, juntando, ele chega ao celular uns seis meses antes do que terminaria de pagar o parcelado, e sem pagar R\$ 969 a mais.

Esperar tem outras vantagens que não aparecem na conta:

- Muitas vezes a vontade passa. O que parecia urgente na segunda-feira, na outra semana já não importa tanto.
- O próprio produto costuma baixar de preço com o tempo, principalmente eletrônicos depois que sai um modelo novo.
- Você negocia melhor com dinheiro na mão. Quem paga à vista pode pedir desconto; quem parcela, em geral, não.

Claro que nem tudo pode esperar. Se a geladeira quebrou, a comida estraga. Se o celular é ferramenta de trabalho, como o da Aline, que faz entregas pelo aplicativo, ficar sem ele custa dinheiro todo dia. Nesses casos, a ordem de preferência costuma ser esta:

1. Usar a reserva de emergência (capítulo 8), que existe exatamente para isso, e recompor depois.
2. Parcelar sem juros, se o preço for igual ao à vista, e com as parcelas cabendo no orçamento.
3. Comprar um modelo mais simples, usado em bom estado ou recondicionado, à vista.
4. Só em último caso, parcelar com juros, comparando o custo total entre lojas e com o de um empréstimo mais barato.



Compras grandes de eletrônicos

Celular, notebook, TV e videogame têm algo em comum: perdem valor rápido e ficam velhos rápido. Isso pesa na decisão.

Uma compra que você ainda está pagando quando ela já perdeu metade do valor é um mau negócio duplo. Por isso, para eletrônicos, vale uma regra prática: tente não parcelar por mais tempo do que você pretende usar o aparelho. E, se for parcelar, que seja em poucas vezes e sem juros de verdade.

Também desconfie dos "planos" que vêm junto: seguro do aparelho, garantia estendida, assinatura de algum serviço. Eles somam ao total e nem sempre fazem sentido. O capítulo 18 trata disso com calma.

NA PRÁTICA

Antes da próxima compra acima de R\$ 300:

1. Pergunte o preço à vista no Pix e o preço parcelado. Anote os dois.
2. Calcule o total do parcelado (parcela vezes número de parcelas) e a diferença para o à vista.
3. Se tiver desconto, faça a conta da caixa "Faça a conta" deste capítulo.
4. Some a nova parcela às que você já tem. Se o total de parcelas passar do que cabe no seu orçamento, não compre agora.
5. Se puder esperar, abra um "pote" no app do banco com o nome do produto e guarde nele o valor da parcela todo mês.

Resumindo

- Dinheiro hoje vale mais que dinheiro amanhã; parcelar e ter desconto à vista são duas formas de pagar por isso.
- Com desconto à vista razoável, pagar à vista quase sempre ganha do parcelado sem juros.
- Sem desconto, parcelar sem juros pode valer a pena, se o dinheiro estiver guardado e as parcelas couberem.
- Parcela pequena em muitas vezes costuma esconder juros altos: olhe sempre o total.
- Juntar antes e comprar depois é a opção mais barata quando a compra pode esperar.

CAPÍTULO 16

Casa: alugar ou comprar?

Renata paga aluguel há doze anos. Todo almoço de família, alguém repete a mesma frase: "aluguel é jogar dinheiro fora, você precisa comprar a sua casa". Ela olha os anúncios de financiamento e vê parcelas que parecem até parecidas com o aluguel. Mas não entende o que está assinando, nem quanto vai pagar no total.

Comprar a casa própria é o maior sonho financeiro de muita gente no Brasil. Também é a maior dívida que a maioria das pessoas vai fazer na vida. Por isso merece uma conta com calma, sem pressa e sem frase pronta.

Não existe resposta única

Alugar e comprar são duas formas diferentes de pagar para ter onde morar. Nenhuma é sempre melhor. A resposta muda conforme a cidade, o preço do imóvel, o valor do aluguel, os juros do momento e, principalmente, a sua vida.

Comprar costuma fazer mais sentido para quem pretende ficar muitos anos na mesma cidade, tem renda estável e já tem uma entrada guardada. Alugar costuma fazer mais sentido para quem pode mudar de emprego ou de cidade, ainda não tem reserva, ou está numa fase de vida que pode mudar, como recém-casado ou recém-separado.

A segurança de ter a casa também conta, e não é pouco. Não ter reajuste de aluguel, poder reformar do seu jeito e não depender do dono são coisas que a planilha não mede bem. Só não vale decidir apenas pela emoção.

O que custa comprar, além do preço

Quem olha só o preço do imóvel se assusta depois. Comprar envolve vários custos:

- **Entrada.** O banco costuma financiar só uma parte do valor. O resto você paga na hora, com dinheiro guardado ou FGTS.
- **ITBI.** É o **Imposto sobre Transmissão de Bens Imóveis**, cobrado pela prefeitura quando o imóvel muda de dono. A porcentagem varia de cidade para cidade.

- **Escritura e registro.** São pagos ao cartório para o imóvel passar a ficar no seu nome. Sem registro, a casa não é oficialmente sua.
- **Custos do financiamento.** Avaliação do imóvel, tarifas e seguros obrigatórios que vêm dentro da parcela.
- **Depois da compra.** Condomínio, IPTU, manutenção e reformas. Telhado, encanamento e pintura agora são problema seu.

FAÇA A CONTA

Imagine um imóvel de R\$ 250.000. Suponha, só de exemplo, que ITBI, escritura e registro somem 5% do valor.

1. 5% de R\$ 250.000: multiplique 250.000 por 0,05. Dá R\$ 12.500.
2. Some à entrada. Se o banco financiar 80%, a entrada é 20%: R\$ 50.000.
3. Total que você precisa ter antes de pegar a chave: R\$ 50.000 mais R\$ 12.500, ou R\$ 62.500.

Para saber os valores reais, pergunte na prefeitura da sua cidade (ITBI) e no cartório de registro de imóveis.

O que custa alugar

Alugar também tem custos, só que mais visíveis. Há o aluguel, que costuma ser reajustado uma vez por ano por um índice previsto no contrato. Há a garantia exigida pelo dono: fiador, caução (alguns meses de aluguel adiantados) ou seguro-fiança. E há a mudança, que custa dinheiro toda vez que você precisa sair.

Em troca, você tem liberdade. Se o emprego mudar de bairro, se a família crescer, se o vizinho for insuportável, você muda. E o dinheiro da entrada, que não foi gasto, pode ficar rendendo ou servir de reserva.

MITO OU VERDADE

"Aluguel é jogar dinheiro fora." **Falso.** Aluguel é o preço de morar, assim como os juros são o preço de morar no imóvel do banco enquanto você paga. Quem financia também "joga fora" uma parte grande da parcela, que vai para juros e seguros. E o contrário também é falso: "comprar é sempre melhor" depende dos números e da sua vida.

A conta do primeiro mês

Vamos continuar com o imóvel de R\$ 250.000. Imagine uma família que dê R\$ 50.000 de entrada e financiaria R\$ 200.000 em 30 anos. Imagine juros de 0,8% ao mês, o que dá cerca de 10% ao ano. É um número de exemplo; a taxa real depende do banco, do programa e do momento.

No primeiro mês, os juros sobre R\$ 200.000 seriam de R\$ 1.600 (200.000 vezes 0,008). Esse valor não diminui a dívida. É o "aluguel" do dinheiro do banco.

Agora suponha que um imóvel parecido, no mesmo bairro, seja alugado por R\$ 1.200. Só os juros do financiamento já passam do aluguel. E os R\$ 50.000 da entrada também deixariam de render. Por outro lado, quem compra vai pagando a dívida aos poucos e, no fim, tem o imóvel, que pode valorizar ou não.

A conta completa depende de muita coisa que ninguém sabe de antemão. Mas essa comparação simples, juros do primeiro mês contra o aluguel, já mostra que "a parcela é parecida com o aluguel" não quer dizer que as duas coisas custam o mesmo.

Financiamento: SAC e Price

Quando você paga uma dívida, cada parcela tem duas partes. Uma parte são os juros do mês. A outra é a **amortização**, que é o pedaço que de fato diminui o que você deve. Os dois sistemas mais comuns no Brasil dividem isso de jeitos diferentes.

No **SAC** (Sistema de Amortização Constante), você abate a mesma quantia da dívida todo mês. Como a dívida vai caindo, os juros caem junto, e a parcela começa alta e vai diminuindo. Na **tabela Price**, a parcela é igual do começo ao fim. No início, quase tudo é juros; a amortização cresce aos poucos.

Veja um exemplo pequeno, para enxergar o mecanismo: uma dívida de R\$ 10.000, paga em 5 meses, com juros de 1% ao mês.

Mês	SAC: juros	SAC: parcela	Price: juros	Price: parcela
1	R\$ 100,00	R\$ 2.100,00	R\$ 100,00	R\$ 2.060,40
2	R\$ 80,00	R\$ 2.080,00	R\$ 80,40	R\$ 2.060,40
3	R\$ 60,00	R\$ 2.060,00	R\$ 60,60	R\$ 2.060,40
4	R\$ 40,00	R\$ 2.040,00	R\$ 40,60	R\$ 2.060,40
5	R\$ 20,00	R\$ 2.020,00	R\$ 20,40	R\$ 2.060,40
Total	R\$ 300,00	R\$ 10.300,00	R\$ 301,99	R\$ 10.301,99

No SAC, todo mês R\$ 2.000 vão para abater a dívida. Na Price, no primeiro mês só R\$ 1.960,40 abatem a dívida, e o resto é juros. Em 5 meses a diferença é de dois reais. Em 30 anos, como você vai ver, é enorme.

Quanto se paga de juros em 30 anos

Agora o exemplo de verdade: R\$ 200.000 financiados em 360 meses, com juros de exemplo de 0,8% ao mês.

	SAC	Price
Primeira parcela	cerca de R\$ 2.156	cerca de R\$ 1.696
Parcela depois de 10 anos	cerca de R\$ 1.622	cerca de R\$ 1.696
Parcela depois de 20 anos	cerca de R\$ 1.089	cerca de R\$ 1.696
Última parcela	R\$ 560	cerca de R\$ 1.696
Total pago	cerca de R\$ 488.800	cerca de R\$ 610.675
Só de juros	cerca de R\$ 288.800	cerca de R\$ 410.675

Leia a tabela com calma. Nos dois casos, a pessoa paga bem mais que o dobro do valor emprestado. Na Price, só de juros, paga mais que o dobro do que pegou. E a diferença entre os sistemas passa de R\$ 120 mil.

Por que a Price custa mais? Porque, no começo, a dívida quase não diminui. No exemplo, depois de 10 anos pagando a Price, ainda faltariam uns R\$ 180.700. No SAC, faltariam uns R\$ 133.300. Dívida maior por mais tempo gera mais juros.

Então o SAC é sempre melhor? Ele sai mais barato no total, mas exige uma parcela inicial maior. No exemplo, são uns R\$ 460 a mais por mês no começo. Se essa diferença não cabe no orçamento, a Price pode ser a forma possível de comprar. O importante é escolher sabendo a diferença.

Na prática tem mais detalhes. A parcela real inclui seguros obrigatórios e pode ter correção por algum índice previsto no contrato. Peça sempre ao banco a simulação completa, com o **CET** (Custo Efetivo Total, que junta juros, seguros e tarifas, como no capítulo 10), nos dois sistemas.

CUIDADO

Pagar parcelas extras ou adiantar parte da dívida (a chamada amortização extraordinária) pode economizar muito em juros. Ao fazer isso, o banco costuma perguntar se você quer diminuir o valor da parcela ou o prazo. Diminuir o prazo, em geral, economiza mais juros. Peça a simulação das duas opções antes de escolher.

FGTS e programas habitacionais

O FGTS, aquele depósito de 8% que a empresa faz todo mês para quem tem carteira assinada (capítulo 7), pode ajudar na casa própria. Ele pode ser usado na entrada, para abater o saldo devedor ou para pagar parte das parcelas.

Há regras. Em geral, é preciso ter um tempo mínimo de trabalho com FGTS, e o imóvel precisa ser residencial e para você morar. Você também não pode já ter imóvel na cidade onde mora ou trabalha, nem outro financiamento habitacional ativo. Também há limite de valor do imóvel. As regras mudam, então confira na Caixa, que opera o FGTS, antes de contar com esse dinheiro.

Existem também programas do governo, como o Minha Casa, Minha Vida, operado pela Caixa. Eles podem dar juros menores e até um desconto no valor, conforme a faixa de renda da família. Faixas, valores e regras mudam com frequência. Consulte o site do programa no gov.br ou uma agência da Caixa para ver em qual situação você se encaixa.

Consórcio: sem juros, mas não de graça

O **consórcio** é um grupo de pessoas que pagam parcelas todo mês para formar um fundo. Todo mês, uma ou mais pessoas são **contempladas** e recebem uma **carta de crédito** para comprar o bem. A contemplação acontece por sorteio ou por **lance**, que é oferecer pagar adiantado uma parte maior para passar na frente.

Consórcio não tem juros. Tem **taxa de administração**, que é o pagamento à empresa que organiza o grupo, e costuma ter fundo de reserva e seguro. Veja um exemplo: uma carta de R\$ 100.000, com taxa de administração de 18% no total, em 180 meses. A parcela seria de uns R\$ 656 (118.000 dividido por 180), antes de reajustes e outros encargos.

O preço do consórcio é a espera. Você pode ser contemplado no primeiro mês ou no último. Quem precisa do imóvel agora não resolve o problema com consórcio. Quem pode esperar e quer se obrigar a guardar todo mês pode achar útil. Compare sempre com a alternativa de guardar o mesmo valor numa aplicação e comprar quando juntar.

NA PRÁTICA

Se você pensa em comprar um imóvel nos próximos anos:

1. Descubra o valor do aluguel de um imóvel parecido com o que você quer comprar.
2. Calcule os juros do primeiro mês: valor a financiar vezes a taxa mensal. Compare com esse aluguel.
3. Peça a dois ou três bancos a simulação completa em SAC e em Price, com o CET e o total pago.
4. Some entrada, ITBI, escritura e registro. Confira os valores na prefeitura e no cartório.
5. Consulte seu saldo de FGTS no aplicativo oficial e as regras na Caixa.
6. Só assine se a parcela couber com folga e a sua reserva de emergência continuar de pé.

Resumindo

- Alugar ou comprar depende da sua vida, da cidade e dos números; nenhum é sempre melhor.

- Comprar tem custos além do preço: entrada, ITBI, cartório, seguros, IPTU e manutenção.
- No SAC a parcela começa alta e cai; na Price é fixa, mas o total de juros costuma ser bem maior.
- Num financiamento longo, os juros podem passar do valor emprestado: peça sempre o total e o CET.
- Consórcio não tem juros, mas tem taxa de administração e espera.

CAPÍTULO 17

Carro e outras compras grandes

Lucas está no primeiro emprego, ganha uns R\$ 3.200 líquidos e mora com os pais. Na concessionária, o vendedor fez a conta para ele: carro de R\$ 60.000, entrada de R\$ 12.000 e "parcelas que cabem no seu bolso". Ele saiu de lá com o folheto na mão e o coração acelerado. Faltou alguém fazer a outra conta, a de quanto custa ter o carro depois que ele está na garagem.

Carro é, para muita gente, a segunda maior compra da vida, depois da casa. E tem uma diferença importante em relação à casa: quase sempre perde valor com o tempo. Este capítulo mostra como enxergar o custo inteiro antes de assinar.

A parcela é só o começo

Quem compra um carro passa a ter vários gastos novos, alguns todo mês, outros uma vez por ano. Vale listar todos:

- **Seguro**, contra roubo, batida e danos a outras pessoas.
- **IPVA**, o imposto anual sobre veículos, cobrado pelo estado. A porcentagem muda de estado para estado.
- **Licenciamento**, a taxa anual para o carro poder circular.
- **Combustível**, que depende de quanto você roda.
- **Manutenção**: revisões, pneus, óleo, freios, bateria e os consertos que ninguém espera.
- **Estacionamento**, pedágio e lavagem.
- **Depreciação**, que é a perda de valor do carro com o tempo. Você não paga isso em boleto, mas perde do mesmo jeito quando vende.

A depreciação é o custo mais esquecido. Um carro comprado por R\$ 60.000 pode valer bem menos alguns anos depois. Essa diferença saiu do seu bolso, mesmo que você só perceba na hora de vender.

O custo do carro por mês

Vamos montar o custo mensal do carro de Lucas. Todos os números abaixo são de exemplo. Os seus vão ser diferentes, conforme o carro, a cidade e o quanto você roda.

Gasto	Conta de exemplo	Por mês
Seguro	R\$ 3.000 por ano, dividido por 12	R\$ 250
IPVA	4% de R\$ 60.000 por ano, dividido por 12	R\$ 200
Licenciamento	R\$ 180 por ano, dividido por 12	R\$ 15
Combustível	800 km, 10 km por litro, R\$ 6 o litro	R\$ 480
Manutenção	R\$ 2.400 por ano, dividido por 12	R\$ 200
Estacionamento	valor de exemplo	R\$ 150
Depreciação	10% de R\$ 60.000 por ano, dividido por 12	R\$ 500
Total sem a parcela		R\$ 1.795

Ou seja, mesmo com o carro quitado, ele custaria uns R\$ 1.795 por mês nesse exemplo. Por ano, são mais de R\$ 21 mil. E isso antes de pagar uma única parcela do financiamento.

FAÇA A CONTA

Faça a conta com o carro que você tem ou quer ter.

1. Liste os gastos anuais: seguro, IPVA, licenciamento, manutenção. Some e divida por 12.
2. Calcule o combustível: quilômetros por mês divididos pelos quilômetros que o carro faz por litro, vezes o preço do litro.
3. Some estacionamento, pedágio e lavagem do mês.
4. Estime a depreciação: pesquise quanto vale hoje o mesmo modelo com 3 anos de uso, veja quanto ele perdeu e divida pelos 36 meses.
5. Some tudo e, se for financiar, acrescente a parcela.
6. Divida o total por 30. Esse é o custo do carro por dia, usando ou não.

Financiar o carro

Agora a parcela. Suponha que Lucas financie R\$ 48.000 em 48 meses, com juros de 1,8% ao mês. É uma taxa de exemplo; ela equivale a quase 24% ao ano. A parcela ficaria em uns R\$ 1.502.

O que olhar	Valor de exemplo
Valor financiado	R\$ 48.000
Parcela	cerca de R\$ 1.502
Total das 48 parcelas	cerca de R\$ 72.091
Só de juros	cerca de R\$ 24.091
Total pago pelo carro, com a entrada	cerca de R\$ 84.091

Juntando a parcela aos R\$ 1.795 de custos do carro, Lucas gastaria uns R\$ 3.297 por mês. É mais do que o salário dele inteiro. A "parcela que cabe no bolso" do folheto não contava nada disso.

E tem um detalhe cruel. Depois de quatro anos pagando, o carro de R\$ 60.000, que custou uns R\$ 84 mil, vale bem menos do que custou. Lucas pagou juros sobre um bem que perde valor todo mês.

Na hora de comparar propostas, use o que você viu no capítulo 10. Peça o **CET** (Custo Efetivo Total), que junta juros, tarifas e seguros em uma taxa só. Compare o CET de pelo menos dois ou três lugares: a concessionária, o seu banco e outro banco. E olhe o total pago, não só a parcela.

CUIDADO

É comum o financiamento vir com seguros e "pacotes" já incluídos: seguro prestamista, proteção de parcelas, garantia estendida. Você tem o direito de recusar o que não pediu. Condicionar o empréstimo à compra de outro produto é venda casada, proibida pelo Código de Defesa do Consumidor. Peça a simulação sem os extras e compare.

Uma entrada maior ajuda muito. Quanto menos você financia, menos juros paga. Às vezes, esperar um ano juntando para dar uma entrada maior, ou comprar um carro mais simples, economiza milhares de reais.

Comparar com outras formas de se locomover

Antes de decidir, compare com o que você gastaria sem carro. Imagine que Lucas faça duas corridas de aplicativo por dia, em 22 dias úteis do mês, a R\$ 20 cada uma. Dá R\$ 880 por mês, bem menos que os R\$ 1.795 do carro quitado.

O ônibus ou o metrô costumam sair ainda mais baratos, e para quem tem carteira assinada há o vale-transporte, que limita o desconto no salário (capítulo 7). Para viagens de fim de semana, alugar um carro por alguns dias pode sair mais barato que manter um o ano inteiro.

Claro que a conta não é só de dinheiro. Há lugares sem transporte público decente, horários sem ônibus, filhos pequenos para levar, segurança. Esses motivos são reais e podem justificar o carro. O ponto é decidir sabendo quanto ele custa de verdade.

Há também a pressão de fora. Carro ainda é símbolo de "ter dado certo", e os amigos, a família e as redes sociais reforçam isso. Não tem nada de errado em querer um carro. Só vale perguntar se você quer o carro ou quer o que ele representa, porque a segunda vontade costuma custar mais caro.

No caso de Lucas, a conta mostrou que o carro financiado agora comeria mais que o salário inteiro. Um caminho possível seria continuar de ônibus e aplicativo por mais um tempo, guardar todo mês e voltar à concessionária com uma entrada bem maior. Outro seria um carro usado mais simples, com parcela e custos menores. Nenhuma das duas é "desistir do sonho". É chegar nele sem se afundar.

MITO OU VERDADE

"Carro é investimento." **Em geral, falso.** Investimento é algo que tende a trazer dinheiro de volta. Um carro de passeio costuma perder valor todo ano e gerar gastos todo mês. Ele pode valer muito a pena pelo conforto e pela liberdade, mas isso é consumo, não investimento. A exceção é quando ele é ferramenta de trabalho e gera renda.

Quando o veículo é ferramenta de trabalho

Aline faz entregas de moto pelo aplicativo. Para ela, a moto não é status: é o que paga as contas. Nesse caso, a pergunta muda. Não é "posso ter uma moto?", e sim "quanto a moto me custa por dia de trabalho, e quanto ela me rende?".

Imagine que, somando parcela, combustível, manutenção, seguro, IPVA e depreciação, a moto de Aline custe R\$ 600 por mês, número de exemplo. Se ela trabalha 26 dias no mês, cada dia começa com uns R\$ 23 de custo antes de qualquer lucro. Saber esse número ajuda a decidir quais entregas compensam e quanto ela precisa faturar por dia.

Para quem trabalha com o veículo, algumas coisas que parecem gasto viram proteção:

- **Manutenção em dia.** Moto parada é renda zero.
- **Seguro.** Um roubo ou uma batida sem seguro pode tirar a ferramenta de trabalho de uma vez. O capítulo 18 fala disso.
- **Uma reserva para o veículo,** separada da reserva de emergência, para pneus e consertos.

A moto, em geral, custa bem menos que o carro para comprar e manter, e por isso é tão usada no trabalho. Mas também tem riscos maiores para quem pilota. Equipamento de segurança não é lugar para economizar.

Comprar usado com cuidado

Um carro ou moto usado costuma ser bem mais barato, porque a maior perda de valor já aconteceu com o primeiro dono. Mas exige mais atenção. Antes de fechar negócio:

1. **Consulte a situação do veículo** no site do Detran do seu estado: multas, IPVA atrasado, licenciamento, restrições de roubo ou de justiça.
2. **Veja se há gravame,** que é a marca de que o veículo ainda está financiado e é garantia de uma dívida. Se houver, o veículo ainda não é totalmente do vendedor.
3. **Faça uma vistoria** com um mecânico de confiança e, se possível, uma vistoria que verifica se o carro foi batido, adulterado ou recuperado de roubo.
4. **Confira o documento** e se o nome do vendedor bate com o do dono.
5. **Desconfie de preço muito abaixo do mercado** e de vendedor com pressa. Preço bom demais é isca clássica de golpe, como você verá no capítulo 24.
6. **Não pague antes** de ver o carro e de ter a transferência encaminhada.

NA PRÁTICA

Antes de comprar um carro ou moto:

1. Faça a conta do custo mensal da caixa "Faça a conta", com números reais do modelo que você quer.
2. Compare com o que você gasta hoje com ônibus, aplicativo ou carona.
3. Peça a simulação do financiamento em três lugares, com o CET e o total pago, e sem seguros que você não pediu.
4. Veja se a parcela mais os custos cabem no orçamento sem mexer na reserva de emergência.
5. Se for usado, consulte o Detran e leve um mecânico antes de pagar qualquer coisa.

Resumindo

- O custo de ter carro vai muito além da parcela: seguro, IPVA, combustível, manutenção e depreciação.
- Calcule o custo por mês e por dia; compare com aplicativo, transporte público e aluguel de carro.
- No financiamento, olhe o CET e o total pago, e recuse os extras que você não pediu.
- Carro de passeio é consumo; veículo de trabalho é ferramenta e merece manutenção e seguro.
- Usado pode ser ótimo negócio, desde que você consulte débitos, gravame e faça vistoria.

CAPÍTULO 18

Seguros e proteção da família

Renata ouviu de uma colega de trabalho uma história que não sai da cabeça. O marido dela morreu num acidente, e a família ficou sem a renda dele de um mês para o outro. Além da dor, vieram as contas, os documentos que ninguém sabia onde estavam e as senhas do banco que só ele conhecia. Renata olhou para Bia e Davi e pensou: "e se fosse comigo?".

Ninguém gosta de pensar nisso. Mas proteger a família é, em boa parte, uma decisão de dinheiro e organização. Este capítulo trata de seguros, dos que costumam valer a pena e dos que muitas vezes não valem, e de como deixar as coisas em ordem.

O que é um seguro, de verdade

Imagine mil motoboys de uma mesma cidade. Cada um tem medo de ter a moto roubada, o que custaria uns R\$ 20.000. Sozinho, nenhum deles consegue guardar esse valor rápido. Então eles combinam: cada um põe R\$ 50 por ano num fundo comum. Juntos, somam R\$ 50.000.

Se, num ano, duas motos forem roubadas, o fundo paga R\$ 40.000 aos dois azarados. Sobram R\$ 10.000 para pagar quem organiza tudo e para dar lucro a ele. Ninguém precisou carregar o risco sozinho.

Um seguro é isso: muita gente dividindo o risco de uma perda grande que poucos vão sofrer. A empresa que organiza é a **seguradora**. O valor que você paga se chama **prêmio** (sim, o nome confunde). O que a seguradora paga quando acontece o problema se chama **indenização**. E o contrato com todas as regras é a **apólice**.

A analogia falha num ponto: na vida real, a seguradora calcula o prêmio olhando o risco de cada pessoa. Um motoboy que roda à noite numa região perigosa paga mais que outro. Mas a ideia de dividir o risco é a mesma.

Resumindo em uma frase: você paga um valor pequeno e certo para não correr o risco de uma perda grande e incerta.

A regra de ouro: segure o que você não aguentaria perder

Como a seguradora precisa pagar os custos dela e ter lucro, na média as pessoas pagam mais em prêmios do que recebem de volta. Isso não é golpe, é o preço do serviço. Mas mostra quando o seguro faz sentido.

Seguro vale a pena para perdas que **destruiriam** a sua vida financeira: a morte de quem sustenta a casa, uma doença grave, o roubo da ferramenta de trabalho, um incêndio. Para perdas pequenas, que você conseguiria pagar com a reserva de emergência (capítulo 8), em geral é melhor guardar o dinheiro do que pagar seguro.

A reserva de emergência funciona como um "seguro próprio" para os imprevistos pequenos e médios. O seguro de verdade entra onde a reserva não alcança.

MITO OU VERDADE

"Seguro é dinheiro jogado fora, porque quase nunca acontece nada." **Depende.** É verdade que, na média, se paga mais do que se recebe. Mas o seguro não é para ganhar dinheiro. É para que um acontecimento raro não derrube a família. Seguro de vida para quem tem filhos pequenos dificilmente é dinheiro jogado fora. Seguro para um fone de ouvido, muitas vezes é.

Os que costumam valer a pena

Seguro de vida, para quem tem dependentes. Se alguém depende da sua renda, como filhos pequenos ou pais idosos, o seguro de vida paga um valor a quem você indicar se você morrer. Ele não é para quem mora sozinho e não sustenta ninguém. Para Renata, com dois filhos, faz muito sentido. Uma vantagem pouco conhecida: o valor do seguro de vida vai direto para as pessoas indicadas como **beneficiários** e não entra no inventário.

FAÇA A CONTA

Quanto de seguro de vida faz sentido? Uma forma simples de pensar:

1. Veja quanto a família gasta por mês. Exemplo: R\$ 3.500.
2. Pense por quantos anos ela precisaria de ajuda até se reorganizar. Exemplo: 5 anos.
3. Multiplique: 3.500 vezes 12 meses dá R\$ 42.000 por ano; vezes 5 anos dá R\$ 210.000.
4. Desconte o que a família já teria: outras rendas, reservas, pensão do INSS se houver direito.

O resultado é uma ideia do valor a contratar. Peça cotações em mais de um lugar e compare o prêmio para o mesmo valor de cobertura.

Seguro do veículo que é ferramenta de trabalho. Para Aline, a moto é o emprego. Se ela for roubada sem seguro, a renda para no mesmo dia. Aqui, o seguro protege a renda, não só o bem. Atenção à **franquia**, que é a parte do prejuízo que você paga do bolso antes de o seguro cobrir. Franquia mais alta deixa o prêmio mais barato, mas você precisa ter esse valor guardado.

Plano de saúde, quando cabe no orçamento. Para quem pode pagar, o plano dá acesso mais rápido a consultas e exames. Mas leia o contrato: há **carência** (tempo de espera antes de poder usar certos serviços), reajustes anuais e reajustes por faixa de idade. Um plano que cabe hoje pode não caber daqui a alguns anos.

Como comparar seguros

Dois seguros com o mesmo nome podem ser muito diferentes. Antes de contratar, procure na proposta quatro coisas:

1. **O que cobre.** Morte por qualquer causa ou só por acidente? Roubo e furto, ou só roubo?
2. **O que não cobre.** Toda apólice tem uma lista de exclusões. É ali que mora a maior parte das surpresas.
3. **Quanto você paga do bolso.** Franquia, carência e limites de valor.
4. **Quanto custa por ano.** Some o prêmio do ano inteiro, inclusive o que vem diluído em parcelas.

Peça pelo menos duas ou três cotações para a mesma cobertura. Desconfie de quem pressiona para fechar na hora. Um seguro bom continua bom amanhã.

SUS: uma proteção real

No Brasil, toda pessoa tem direito ao SUS, o Sistema Único de Saúde, sem pagar nada na hora do atendimento. Vacinas, atendimento de urgência, tratamentos longos e caros, transplantes e muitos remédios estão no SUS.

Isso muda a conta. Quem não consegue pagar um plano de saúde não está "sem proteção nenhuma". O SUS tem filas e problemas conhecidos, mas protege contra o pior cenário financeiro: uma doença grave que custaria tudo o que a família tem. Por isso, faz sentido conhecer a unidade de saúde do seu bairro e manter o cartão do SUS em dia, mesmo tendo plano.

Os que muitas vezes não valem

Garantia estendida e seguro de celular empurrados no caixa. Você vai pagar um celular de R\$ 1.500 e o vendedor oferece garantia estendida por R\$ 300, valor de exemplo. São 20% do preço do aparelho. Lembre que o produto já tem a garantia legal do Código de Defesa do Consumidor, de 90 dias para bens duráveis, e geralmente a garantia do fabricante. Pergunte: o que essa proteção cobre a mais, e o que fica de fora? Muitas vezes, guardar esses R\$ 300 é melhor.

Seguro prestamista embutido sem você pedir. O **seguro prestamista** quita a dívida se você morrer ou, em alguns casos, perder o emprego. Pode até ser útil. O problema é quando ele aparece dentro do empréstimo ou do crediário sem você ter escolhido.

CUIDADO

Condicionar um empréstimo, financiamento ou compra à contratação de um seguro é **venda casada**, proibida pelo Código de Defesa do Consumidor. Você pode recusar, ou escolher outra seguradora. Antes de assinar, leia o contrato procurando a palavra "seguro". Se ele foi incluído sem você pedir, reclame no banco, no Procon ou no consumidor.gov.br.

Também desconfie de seguros e "assistências" que aparecem na fatura do cartão ou na conta de luz sem você lembrar de ter contratado. Às vezes, foi um "sim" dado por telefone sem entender a pergunta. Verifique o extrato e cancele o que não quer.

Herança em uma frase

Quando alguém morre, os bens passam para os herdeiros por meio do **inventário**, que pode ser feito em cartório, quando todos concordam e cumprem as regras, ou na Justiça. Um **testamento** permite deixar por escrito parte das suas vontades. As regras têm muitos detalhes; para isso, procure um advogado ou a Defensoria Pública.

Organizar a vida para quem fica

A colega de Renata sofreu tanto com a papelada quanto com a falta de dinheiro. Isso tem solução simples e barata: deixar tudo organizado e avisar alguém de confiança onde está.

O que vale reunir:

O quê	Por quê
Documentos pessoais e certidões	Tudo começa por eles
Lista de contas em bancos e aplicações	Para a família saber o que existe
Apólices de seguro e quem são os beneficiários	Para pedir a indenização
Lista de dívidas e financiamentos	Para saber o que pagar e o que tem seguro
Escritura ou contrato do imóvel e documento do veículo	Para o inventário e a transferência
Contatos importantes	Empregador, contador, advogado, médico

Senhas merecem cuidado especial. Nunca deixe senhas soltas num papel na carteira ou numa mensagem no celular. Uma opção é um gerenciador de senhas com acesso de emergência para alguém de confiança. Outra é uma carta lacrada guardada num lugar

seguro, que só a pessoa certa sabe onde está. Lembre que senha vazada é porta aberta para golpe, como no capítulo 24.

NA PRÁTICA

Nas próximas semanas:

1. Liste os seguros que você paga hoje. Procure no extrato do banco, na fatura do cartão e nos contratos de empréstimo.
2. Para cada um, pergunte: "se acontecer o pior, eu aguentaria pagar do meu bolso?". Se sim, pense em cancelar.
3. Se alguém depende da sua renda, faça a conta do seguro de vida da caixa "Faça a conta" e peça cotações.
4. Monte uma pasta, de papel ou digital, com os itens da tabela acima.
5. Conte para uma pessoa de confiança onde essa pasta está.

Resumindo

- Seguro é dividir o risco de uma perda grande entre muitas pessoas; na média, paga-se mais do que se recebe.
- Segure o que destruiria sua vida financeira; para perdas pequenas, a reserva de emergência faz o papel de seguro.
- Seguro de vida para quem tem dependentes e seguro da ferramenta de trabalho costumam valer a pena.
- Garantia estendida e seguros embutidos sem você pedir merecem desconfiança; venda casada é proibida.
- Documentos e senhas organizados poupam a família de muito sofrimento.



Parte 5 — Fazer o dinheiro trabalhar

CAPÍTULO 19

Investir: os primeiros passos

Lucas sobrou com R\$ 300 no fim do mês pela primeira vez. No grupo dos amigos, cada um tem uma dica: um fala de ação, outro de cripto, outro de um "robô" que promete 5% ao mês. Seu Jorge, do outro lado, guarda dinheiro em casa e na poupança porque "banco não é confiável e investimento é coisa de rico". Os dois têm a mesma dúvida, só que de jeitos opostos: por onde começar?

Investir é simplesmente pôr o dinheiro para trabalhar, em vez de deixá-lo parado. Não é coisa de rico, não exige muito dinheiro e não precisa ser complicado. Mas tem uma ordem certa, e pular etapas costuma sair caro.

Antes de investir: a ordem das coisas

Imagine um balde furado. Não adianta encher de água sem tapar o furo antes. Com dinheiro é parecido.

Primeiro, a dívida cara. Se você está no rotativo do cartão ou no cheque especial, pagar essa dívida é o melhor "investimento" que existe. Pense assim: imagine uma dívida com juros de 8% ao mês e uma aplicação que rende 0,8% ao mês, números de exemplo. Cada real usado para quitar a dívida "rende" dez vezes mais do que se fosse aplicado. Nenhum investimento seguro chega perto disso. Os capítulos 11 a 13 mostram como sair dessa.

Depois, a reserva de emergência. Antes de pensar em longo prazo, tenha pelo menos uma parte da reserva montada, como no capítulo 8. Sem ela, qualquer imprevisto faz você resgatar o investimento na hora errada, ou voltar a se endividar.

Então, os objetivos. Com a dívida cara resolvida e a reserva começando, chegou a hora de investir para outras coisas: um curso, a entrada de uma casa, a aposentadoria.

Resumindo em uma frase: primeiro tape o furo, depois monte o colchão, só então pense em fazer o dinheiro crescer.

Os três pilares: retorno, risco e acesso

Todo investimento pode ser olhado por três lados:

- **Rentabilidade** é quanto o investimento rende, o ganho em relação ao que você aplicou.
- **Risco** é a chance de as coisas não saírem como o esperado: render menos, oscilar ou até perder dinheiro.
- **Liquidez** é a facilidade e a rapidez para transformar o investimento de volta em dinheiro na conta, sem perder valor.

O ponto principal é que não existe investimento que seja ótimo nos três ao mesmo tempo. Se algo rende muito, é seguro e você pode sacar quando quiser, desconfie. Em geral, para ter mais rendimento, você aceita mais risco ou menos liquidez.

O que você quer	O que costuma abrir mão
Sacar a qualquer hora e com segurança	Rendimento mais alto
Rendimento maior com segurança	Poder sacar quando quiser
Chance de rendimento bem maior	Segurança; pode oscilar e perder

A analogia que ajuda é a de um banquinho de três pernas: se você puxa uma para cima, outra desce. Ela falha num ponto: na vida real, os produtos têm misturas variadas desses três lados, e a escolha não é tão "certinha".

MITO OU VERDADE

"Investimento bom é o que rende mais." **Falso.** Investimento bom é o que serve para o seu objetivo. Para a reserva de emergência, o mais importante é segurança e liquidez, não o maior rendimento. Para a aposentadoria, daqui a 30 anos, faz sentido aceitar outras coisas. Uma aplicação que rende muito, mas que você não pode resgatar quando precisa, pode ser um péssimo negócio.

Prazo e perfil

Antes de escolher onde aplicar, responda: **para que é esse dinheiro, e quando vou precisar dele?**

- **Curto prazo**, até uns 2 anos: reserva, conserto do carro, viagem do fim do ano. Aqui, segurança e liquidez vêm primeiro.
- **Médio prazo**, de 2 a 5 anos: entrada da casa, troca de carro, um curso. Dá para aceitar um pouco menos de liquidez.
- **Longo prazo**, mais de 5 anos: aposentadoria, estudo dos filhos. Aqui o tempo trabalha a seu favor, e dá para pensar em mais risco, se você entender o que está fazendo.

Quando você abre conta para investir num banco ou corretora, eles são obrigados pelas regras da CVM a aplicar um questionário. Ele se chama **perfil de investidor**, ou **suitability** (em inglês, "adequação"). As respostas classificam você como mais conservador, moderado ou mais arrojado. A ideia é proteger você de produtos que não combinam com o seu objetivo e com o quanto você aguenta ver o dinheiro oscilar.

Responda com sinceridade. Não existe resposta "certa" nem perfil "melhor". Quem nunca investiu e ficaria sem dormir vendo o saldo cair 10% é conservador, e tudo bem.

Onde investir: banco ou corretora

Você pode investir pelo banco onde já tem conta, por um banco digital ou por uma **corretora**, que é uma empresa autorizada a intermediar investimentos. As diferenças principais são:

- **Variedade.** Corretoras costumam oferecer mais opções, de vários bancos e emissores. Bancos tendem a oferecer os produtos deles.
- **Custos.** Alguns investimentos cobram taxas: de administração, de custódia (guarda dos títulos), de corretagem. Leia a tabela de tarifas antes. Uma taxa que parece pequena, cobrada todo ano, come uma parte grande do rendimento ao longo do tempo.
- **Atendimento.** Gerente de banco muitas vezes tem meta para bater. Pergunte sempre quanto o produto cobra e por que ele é bom para você.

Confira se a instituição é autorizada pelo Banco Central ou pela CVM. Isso se consulta nos sites deles.

CURIOSIDADE

O **FGC** (Fundo Garantidor de Créditos) protege parte do seu dinheiro se um banco quebrar. Ele garante até R\$ 250 mil por CPF em cada instituição, com teto de R\$ 1 milhão por CPF a cada 4 anos. Cobre poupança, conta corrente, CDB, LCI e LCA. Não cobre o Tesouro Direto, que é dívida do governo federal e tem outro tipo de garantia, nem ações e fundos. O capítulo 20 explica cada um desses.

Desconfie de promessa de ganho alto e garantido

Lembra do "robô" que promete 5% ao mês para os amigos de Lucas? Faça a conta: 5% ao mês, juros sobre juros, dá quase 80% ao ano. Nenhum investimento sério garante algo assim. Quem promete costuma estar vendendo uma **pirâmide financeira**, que paga os primeiros com o dinheiro dos que entram depois, até desabar.

Os sinais de alerta são sempre parecidos:

1. Rendimento alto e "garantido".
2. Pressa: "só hoje", "vagas limitadas".
3. Ganho por indicar amigos.
4. Explicação vaga de como o dinheiro rende.
5. Empresa sem registro na CVM.

Pirâmide é crime no Brasil. O capítulo 24 mostra como reconhecer e o que fazer se cair numa.

CUIDADO

Antes de investir em qualquer coisa oferecida ao público, consulte no site da CVM se a empresa e a oferta são autorizadas. Se alguém disser "não precisa de registro" ou "é tudo pelo WhatsApp", pare por ali.

Começar com pouco e com regularidade

Muita gente acha que precisa de muito dinheiro para começar. Não precisa. Há investimentos seguros que aceitam valores pequenos, às vezes poucas dezenas de reais. Mais importante que o valor é o hábito: investir um pouco todo mês, de preferência no dia em que o dinheiro entra, como no "pague-se primeiro" do capítulo 6.

Aqui os juros compostos, que você viu no capítulo 3, finalmente trabalham a seu favor. Imagine investir R\$ 100 por mês, durante 20 anos, numa aplicação que renda 0,5% ao mês. É uma taxa de exemplo, que dá cerca de 6,2% ao ano.

Tempo	Você colocou	Total acumulado	Parte que veio dos juros
5 anos	R\$ 6.000	cerca de R\$ 6.977	cerca de R\$ 977
10 anos	R\$ 12.000	cerca de R\$ 16.388	cerca de R\$ 4.388
15 anos	R\$ 18.000	cerca de R\$ 29.082	cerca de R\$ 11.082
20 anos	R\$ 24.000	cerca de R\$ 46.204	cerca de R\$ 22.204

Repare que, nos primeiros 5 anos, os juros parecem pouca coisa. No fim dos 20 anos, quase metade do total veio deles. É a "bola de neve" a seu favor: os juros passam a render juros.

FAÇA A CONTA

Veja o peso do tempo. Compare duas pessoas que colocam o mesmo total, R\$ 24.000, com a mesma taxa de exemplo de 0,5% ao mês:

1. A primeira investe R\$ 100 por mês durante 20 anos. Termina com cerca de R\$ 46.204.
2. A segunda espera 10 anos e investe R\$ 200 por mês durante os outros 10. Termina com cerca de R\$ 32.776.
3. Diferença: uns R\$ 13.400, só por ter começado antes.

Para refazer com os seus números, use uma calculadora de juros compostos com aportes mensais, como a calculadora do cidadão, no site do Banco Central.

Dois avisos honestos sobre essa tabela. Primeiro, os valores não descontam a inflação. Daqui a 20 anos, R\$ 46 mil vão comprar menos do que compram hoje (capítulo 2). Segundo, ela não desconta imposto nem taxas, que existem em muitos investimentos. Na prática tem mais detalhes, mas a ideia central não muda: começar cedo e manter a regularidade pesa mais do que o valor de cada mês.

NA PRÁTICA

Para dar o primeiro passo este mês:

1. Liste suas dívidas. Se alguma tem juros altos, como rotativo ou cheque especial, comece por ela.
2. Veja quanto da reserva de emergência você já tem. Se não tem nada, o primeiro investimento é a reserva.
3. Escreva um objetivo com valor e prazo, por exemplo: "R\$ 3.000 para um curso, em 2 anos".
4. Escolha onde abrir a conta de investimento, confira se é autorizada pelo Banco Central ou pela CVM e leia a tabela de tarifas.
5. Responda ao questionário de perfil com sinceridade.
6. Programe um valor fixo para investir todo mês, mesmo que seja R\$ 50.

Resumindo

- Antes de investir, quite a dívida cara e comece a reserva de emergência.
- Rentabilidade, risco e liquidez andam juntos: não existe investimento ótimo nos três.
- Escolha o investimento pelo objetivo e pelo prazo, não pelo maior rendimento.
- O FGC protege parte do dinheiro em bancos; promessa de ganho alto e garantido é sinal de golpe.
- Começar cedo e investir todo mês, mesmo pouco, faz os juros compostos trabalharem a seu favor.

CAPÍTULO 20

Renda fixa: emprestar seu dinheiro

Seu Jorge guarda as economias em dois lugares: numa lata dentro do armário e na poupança. Um dia, o sobrinho comenta que tem "dinheiro no Tesouro" e num "CDB de banco digital". Seu Jorge desconfia na hora: "Isso aí é coisa de quem tem muito dinheiro, ou de quem gosta de arriscar". Não é nem uma coisa nem outra. Este capítulo mostra o que existe por trás desses nomes e como comparar.

Investir em renda fixa é emprestar

Quando você coloca dinheiro em **renda fixa**, você está emprestando esse dinheiro para alguém: o governo, um banco ou uma empresa. Em troca, quem pegou emprestado promete devolver o valor com juros, em regras combinadas desde o começo. É o mesmo raciocínio dos juros do capítulo 3, só que agora quem recebe o aluguel do dinheiro é você.

O nome "fixa" engana um pouco. Não quer dizer que o rendimento é sempre o mesmo. Quer dizer que a **regra** do rendimento é conhecida no dia em que você aplica. Você sabe como o dinheiro vai render, mesmo que não saiba o número exato.

Em resumo: renda fixa é emprestar dinheiro com a regra do pagamento combinada de antemão.

As três regras de rendimento

Quase todo investimento de renda fixa segue uma de três regras.

Tipo	Como rende	Exemplo de como aparece	Bom para
Pós-fixado	Acompanha uma taxa que muda ao longo do tempo	"100% do CDI" ou "Selic + 0,1%"	Reserva e objetivos com data incerta
Prefixado	Taxa travada no dia da compra	"11% ao ano"	Quem vai esperar até o vencimento
Híbrido	Inflação mais uma taxa travada	"IPCA + 6% ao ano"	Objetivos longos, como aposentadoria

No **pós-fixado**, o rendimento sobe ou desce conforme a taxa de referência. A mais comum é o **CDI**, a taxa que os bancos usam para emprestar dinheiro entre si, que anda quase colada na **Selic**, a taxa básica de juros definida pelo Banco Central (capítulo 4). Se a Selic sobe, seu rendimento sobe junto. Se cai, cai junto.

No **prefixado**, você sabe desde o primeiro dia quanto vai ter no vencimento. É ótimo se os juros do país caírem depois da sua compra. É ruim se subirem, porque você ficou preso a uma taxa menor.

No **híbrido**, o rendimento é a inflação oficial, o **IPCA** (capítulo 2), mais uma taxa fixa. Ele protege o seu poder de compra: se a inflação disparar, o rendimento acompanha.

Os números da tabela são só de exemplo. As taxas de hoje você confere no app do banco, da corretora ou no site do Tesouro Direto.

A poupança

A poupança é o investimento mais conhecido do Brasil. É simples, não cobra Imposto de Renda de pessoa física e é coberta pelo **FGC**, o Fundo Garantidor de Créditos, que devolve até R\$ 250 mil por CPF em cada instituição se o banco quebrar.

A regra de rendimento é fixada em lei. Quando a Selic está acima de 8,5% ao ano, a poupança rende 0,5% ao mês mais a TR (uma taxa de referência que muitas vezes fica perto de zero). Quando a Selic está em 8,5% ou abaixo, rende 70% da Selic mais a TR.

FAÇA A CONTA

Quanto rende 0,5% ao mês em um ano? Não é 6%, porque os juros se acumulam.

1. Na calculadora, digite 1,005.
2. Multiplique por 1,005 mais 11 vezes (12 meses ao todo).
3. O resultado é cerca de 1,0617.
4. Isso quer dizer uns 6,17% ao ano, mais a TR.

Compare com o que outros investimentos estão pagando hoje. Quando a Selic está alta, a poupança costuma ficar para trás.

Um detalhe que pouca gente conhece: a poupança só rende no "aniversário" do depósito, uma vez por mês. Se você tira o dinheiro um dia antes do aniversário, perde o rendimento daquele mês inteiro. Outros investimentos rendem todo dia útil.

Tesouro Direto: emprestar para o governo

No **Tesouro Direto**, você compra títulos públicos, que são empréstimos ao governo federal. Compra pela internet, por um banco ou uma corretora, a partir de valores baixos. Não é coberto pelo FGC; a garantia é o próprio governo federal, que é quem tem o menor risco de calote no país.

Os principais tipos:

- **Tesouro Selic:** pós-fixado, acompanha a Selic. Varia pouco no dia a dia e é muito usado para a reserva de emergência (capítulo 8).
- **Tesouro Prefixado:** taxa travada. No vencimento, você recebe exatamente o combinado.
- **Tesouro IPCA+:** inflação mais uma taxa. Feito para prazos longos.
- **Tesouro RendA+:** também ligado à inflação, mas pensado para a aposentadoria. A partir da data escolhida, paga uma renda mensal por 20 anos (capítulo 22).
- **Tesouro Educa+:** parecido, pensado para pagar estudos. Paga uma renda mensal por 5 anos.

A B3, a empresa que guarda os títulos, cobra uma **taxa de custódia** anual em alguns casos. Os valores e as isenções mudam; confira no site do Tesouro Direto antes de comprar.

CDB, LCI e LCA: emprestar para o banco

O **CDB** (Certificado de Depósito Bancário) é um empréstimo que você faz ao banco. O banco usa o dinheiro para emprestar a outras pessoas, cobrando mais caro do que paga a você. A maioria dos CDBs é pós-fixada e aparece assim: "100% do CDI", "90% do CDI", "110% do CDI". Esse percentual faz muita diferença.

FAÇA A CONTA

Imagine R\$ 5.000 aplicados por um ano, com o CDI de exemplo em 10% ao ano.

1. A 100% do CDI: $5.000 \times 0,10 = \text{R\$ } 500$ de rendimento antes do imposto.
2. A 90% do CDI: $500 \times 0,90 = \text{R\$ } 450$.
3. Com o imposto de um ano (17,5%, veja abaixo): $500 \times 0,825 = \text{R\$ } 412,50$ e $450 \times 0,825 = \text{R\$ } 371,25$.

A diferença de "só 10%" no percentual virou mais de R\$ 40 no ano. Faça a conta com o seu valor.

A **LCI** (Letra de Crédito Imobiliário) e a **LCA** (Letra de Crédito do Agronegócio) também são empréstimos ao banco, mas o dinheiro vai para o setor imobiliário ou para o agronegócio. A grande vantagem: para pessoa física, são **isentas de Imposto de Renda**. Por isso, costumam pagar um percentual menor do CDI e, mesmo assim, podem render mais no bolso.

CDB, LCI e LCA têm cobertura do FGC, dentro dos limites do capítulo 19. Fique de olho em duas coisas:

- **Carência:** LCI e LCA costumam ter um prazo mínimo, de meses, antes do qual você não pode resgatar.
- **Liquidez diária:** alguns CDBs deixam sacar a qualquer dia; outros só no vencimento. **Liquidez** é a facilidade de transformar o investimento de volta em dinheiro na conta.

Existem também as **debêntures**: empréstimos diretamente a empresas. Podem pagar mais, mas não têm FGC; se a empresa quebrar, você pode perder o dinheiro.

O imposto que morde o rendimento

Em CDB, Tesouro Direto e debêntures comuns, há Imposto de Renda. Ele é cobrado só sobre o rendimento, nunca sobre o valor que você colocou, e já vem descontado na hora do resgate. A alíquota cai conforme o tempo que o dinheiro fica aplicado. É a chamada **tabela regressiva**.

Tempo aplicado	Imposto sobre o rendimento
Até 180 dias	22,5%
De 181 a 360 dias	20%
De 361 a 720 dias	17,5%
Acima de 720 dias	15%

Além disso, quem resgata nos primeiros 30 dias paga **IOF** (Imposto sobre Operações Financeiras) sobre o rendimento. Ele começa muito alto e vai caindo até zerar no 30º dia. Na prática, para a reserva, isso pesa pouco, porque o rendimento de poucos dias é pequeno.

Regras de imposto podem mudar. Antes de decidir, confira no site da Receita Federal ou no app da sua corretora.

FAÇA A CONTA

Como comparar um CDB com uma LCI isenta? Descubra quanto o CDB rende depois do imposto.

1. Pegue a taxa do CDB. Exemplo: 10% ao ano.
2. Veja por quanto tempo vai deixar. Exemplo: um ano, alíquota de 17,5%.
3. Multiplique a taxa por 0,825 (o que sobra tirando 17,5%): $10 \times 0,825 = 8,25\%$.
4. Agora compare: uma LCI que paga 8,5% ao ano, sem imposto, rende mais que esse CDB no período.

Para outros prazos, troque o 0,825 por 0,775 (até 180 dias), 0,80 (até 360) ou 0,85 (mais de 720 dias).

Marcação a mercado sem trauma

Seu Jorge olhou o extrato do sobrinho e viu um título do Tesouro "no negativo". Levou um susto. O que aconteceu tem nome: **marcação a mercado**, que é a atualização diária do preço de um título conforme os juros do país mudam.

Veja um exemplo simplificado. Um título prefixado paga R\$ 1.000 daqui a 5 anos, com taxa de 10% ao ano. Hoje, ele custa cerca de R\$ 620,92. No dia seguinte, os juros do país sobem e os títulos novos passam a pagar 12% ao ano.

Quem comprar o seu título agora vai querer os mesmos 12%. Para isso, só aceita pagar cerca de R\$ 567,43 por ele. Se você vender hoje, perde uns R\$ 53. Se os juros caíssem para 8%, aconteceria o contrário: seu título passaria a valer cerca de R\$ 680,58, e você poderia vender com lucro.

A parte que acalma: **se você ficar com o título até o vencimento, recebe exatamente o que foi combinado**, os R\$ 1.000. A oscilação no meio do caminho só vira perda de verdade se você vender antes. Na prática tem mais detalhes, mas a ideia é essa.

CUIDADO

Prefixado e IPCA+ de prazo longo podem oscilar bastante antes do vencimento. Por isso, não servem para a reserva de emergência. Para a reserva, prefira o que varia pouco: Tesouro Selic, CDB com liquidez diária perto de 100% do CDI ou a poupança.

Para que serve cada um

Não existe o melhor investimento de renda fixa. Existe o que combina com o seu objetivo e com o seu prazo.

Investimento	Tem FGC?	Imposto de Renda	Pode oscilar antes do vencimento?	Costuma servir para
Poupança	Sim	Isenta	Não	Reserva simples, valores pequenos
Tesouro Selic	Não; garantia do governo	Tabela regressiva	Muito pouco	Reserva de emergência
Tesouro Prefixado	Não; garantia do governo	Tabela regressiva	Sim	Objetivo com data certa
Tesouro IPCA+ e RendA+	Não; garantia do governo	Tabela regressiva	Sim, bastante	Longo prazo e aposentadoria
CDB	Sim	Tabela regressiva	Depende do tipo	Reserva, se tiver liquidez diária, ou objetivos
LCI e LCA	Sim	Isentas	Não se resgata na carência	Objetivos de médio prazo
Debêntures	Não	Depende do tipo	Sim	Quem já entende e aceita o risco da empresa

MITO OU VERDADE

"Poupança é sempre o investimento mais seguro e o melhor para guardar dinheiro." **Depende.** Ela é segura, tem FGC e é simples. Mas não é a única segura: Tesouro Selic e CDB com FGC também são. E muitas vezes rende menos que eles, principalmente com a Selic alta. Compare antes de decidir.

NA PRÁTICA

1. Abra o app do seu banco e procure a área de investimentos. Veja se há CDB com liquidez diária e quanto ele paga, em percentual do CDI.
2. No site do Tesouro Direto, veja a taxa atual do Tesouro Selic.
3. Compare os dois com a poupança, usando a conta de multiplicar pelo que sobra depois do imposto.
4. Escolha onde ficará a sua reserva com base em segurança e liquidez, não só no maior número.
5. Antes de comprar qualquer título, anote a data de vencimento e se ele pode oscilar.

Resumindo

- Renda fixa é emprestar dinheiro com a regra do rendimento combinada desde o começo.
- Pós-fixado acompanha o CDI ou a Selic; prefixado trava a taxa; híbrido paga inflação mais uma taxa.
- Poupança, LCI e LCA são isentas de IR para pessoa física; CDB e Tesouro pagam imposto, que cai com o tempo.
- CDB, LCI, LCA e poupança têm FGC; o Tesouro tem a garantia do governo federal.
- Marcação a mercado só vira perda se você vender antes do vencimento.

CAPÍTULO 21

Renda variável sem ilusão

Lucas viu no celular o vídeo de um rapaz da idade dele, na frente de três monitores cheios de gráficos. "Larguei o emprego e vivo da bolsa", dizia a legenda. Dois amigos do trabalho já estão "operando" e mostram prints de lucro. Lucas tem R\$ 1.500 guardados e uma dúvida: será que é a hora de entrar? Este capítulo não vai dizer o que comprar. Vai mostrar como esse mundo funciona, com os riscos à vista.

O que muda em relação à renda fixa

Na **renda fixa** (capítulo 20), você empresta dinheiro e sabe a regra do rendimento desde o início. Na **renda variável**, não existe regra combinada. Você compra algo cujo preço sobe e desce todos os dias, e o resultado depende de como as coisas vão andar.

Pode ganhar bem mais do que na renda fixa. Pode ganhar menos. Pode perder parte do dinheiro, às vezes por anos. Não há **FGC** (o fundo que devolve o dinheiro se um banco quebrar) nem garantia do governo para nada disso.

Em uma frase: na renda variável, você troca a previsibilidade por uma chance de ganhar mais, junto com o risco de perder.

Ações: um pedaço de empresa

Uma **ação** é uma fração bem pequena de uma empresa. Quem compra uma ação vira sócio, mesmo que de um pedaço minúsculo. As ações das empresas abertas são negociadas na bolsa de valores, a B3, por meio de uma corretora.

Você pode ganhar de dois jeitos. O primeiro é a valorização: comprar a um preço e, um dia, vender mais caro. O segundo são os **dividendos**, a parte do lucro que a empresa distribui aos sócios.

FAÇA A CONTA

Imagine que você tem 100 ações de uma empresa fictícia, que custam R\$ 20 cada.

1. Valor investido: $100 \times 20 = \text{R\$ } 2.000$.
2. No ano, a empresa paga R\$ 1,20 por ação em dividendos.
3. Você recebe $100 \times 1,20 = \text{R\$ } 120$.
4. Isso dá $120 \div 2.000 = 0,06$, ou seja, 6% do valor investido.

Mas atenção: se no mesmo ano o preço da ação caiu de R\$ 20 para R\$ 16, você perdeu R\$ 400 no valor. O dividendo não compensou. Olhe sempre os dois lados.

O preço de uma ação muda porque milhares de pessoas compram e vendem o tempo todo. Ele reage a lucros, notícias, juros do país, eleições, crises lá fora e até a boatos. No dia a dia, boa parte desse sobe e desce é barulho.

Fundos imobiliários e ETFs

Os **fundos imobiliários**, ou FIs, juntam o dinheiro de muitos investidores para comprar imóveis (galpões, prédios de escritório, shoppings) ou papéis ligados ao setor. O fundo recebe aluguéis ou juros e costuma distribuir parte disso todo mês aos cotistas. As cotas são negociadas na bolsa e o preço também sobe e desce. Alugar não é garantido: um imóvel vazio para de pagar.

Os **ETFs** são fundos que copiam um índice, uma cesta de ações escolhida por uma regra. Com uma única compra, você leva um pedacinho de dezenas de empresas. É um jeito barato de **diversificar**, ou seja, de não depender de uma empresa só. Se uma delas vai mal, as outras amortecem a queda.

Existem ETFs que copiam índices do Brasil e de outros países. Também dá para investir lá fora por fundos e por corretoras internacionais, o que expõe você ao dólar: ajuda a diversificar, mas o câmbio também oscila.

Fundos de investimento e suas taxas

Num **fundo de investimento**, um gestor profissional decide onde aplicar o dinheiro de todos os cotistas. Existem fundos de renda fixa, de ações, multimercado e outros. A comodidade tem preço.

- **Taxa de administração:** um percentual ao ano sobre todo o dinheiro que você tem no fundo, cobrado ganhe ou perca.
- **Taxa de performance:** alguns fundos cobram uma parte extra do ganho que passar de uma meta.
- **Come-cotas:** nos fundos abertos mais comuns, parte do Imposto de Renda é recolhida de forma antecipada duas vezes por ano, em maio e novembro, diminuindo o número de cotas.

Parece pouco, mas a taxa de administração trabalha contra você todo ano, com juros compostos.

FAÇA A CONTA

Imagine R\$ 10.000 por 20 anos, num fundo que ganha 8% ao ano antes das taxas (número de exemplo). Para simplificar, vamos tirar a taxa direto do rendimento.

1. Com taxa de 0,5% ao ano, sobra uns 7,5%: o dinheiro vira cerca de R\$ 42.479.
2. Com taxa de 2% ao ano, sobra uns 6%: o dinheiro vira cerca de R\$ 32.071.
3. Diferença: uns R\$ 10.400, antes do imposto.

Na calculadora, multiplique 10.000 por 1,075 vinte vezes, depois por 1,06 vinte vezes. Na prática tem mais detalhes, mas a lição é essa: compare a taxa antes de entrar.

Diversificar: não pôr todos os ovos na mesma cesta

O ditado é velho e funciona. Se você carrega todos os ovos numa cesta só e ela cai, perde tudo. Com várias cestas, um tombo estraga só uma parte. No investimento, isso significa espalhar o dinheiro entre várias empresas, vários setores e até tipos diferentes

de investimento, incluindo a renda fixa.

A analogia falha num ponto. Em crises fortes, quase tudo na bolsa cai junto, como se todas as cestas tropeçassem ao mesmo tempo. Diversificar não elimina o risco de queda; diminui o estrago de um tropeço isolado, como uma empresa que quebra ou um setor que passa anos mal.

Por isso, muita gente mantém uma parte do dinheiro em renda fixa e outra em renda variável. A proporção depende do seu prazo, do seu estômago para ver o saldo cair e dos seus objetivos. Quanto mais perto você está de precisar do dinheiro, mais faz sentido ter a parte maior no que oscila pouco.

O risco de verdade

Renda variável não sobe em linha reta. Há anos bons, anos ruins e períodos longos em que o preço fica abaixo do que você pagou. Uma queda de 30% ou 50% numa ação ou num índice não é raridade na história das bolsas.

E tem um detalhe que pega muita gente. Para recuperar uma queda, a alta precisa ser maior do que a queda.

Se o investimento cair	Valor de R\$ 1.000 vira	Para voltar a R\$ 1.000, precisa subir
10%	R\$ 900	uns 11,1%
30%	R\$ 700	uns 42,9%
50%	R\$ 500	100%

Por isso, só faz sentido colocar em renda variável o dinheiro que você não vai precisar por muitos anos. Se você precisar vender no meio de uma queda, a perda vira real. A reserva de emergência (capítulo 8) nunca deve estar aqui.

Ninguém prevê o mercado no curto prazo

Nem o gestor mais experiente sabe o que a bolsa vai fazer na semana que vem. Quem acerta algumas vezes pode ter tido sorte, e quem mostra só os prints de lucro não mostra os de prejuízo. Desconfie de quem vende certeza.

O que costuma funcionar melhor para gente comum é chato: diversificar, investir aos poucos e com regularidade, olhar os custos e manter o plano por muitos anos. Sem tentar adivinhar o melhor dia para entrar ou sair.

MITO OU VERDADE

"Dá para viver de day trade começando com pouco." **Falso para a imensa maioria.**

O **day trade** é comprar e vender no mesmo dia, tentando lucrar com pequenas oscilações. A maioria das pessoas que tenta perde dinheiro, e poucas conseguem algo parecido com um salário. Há custos em cada operação, imposto mais alto e uma disputa com profissionais e robôs.

Criptomoedas: cuidado redobrado

Criptomoedas são moedas digitais que não são emitidas por nenhum governo nem banco central. Os preços podem subir muito, mas também despencar mais da metade em pouco tempo. Muitas surgem e somem.

Além do sobe e desce, o mundo das criptos é cheio de golpes: falsas corretoras, "robôs que rendem 1% ao dia", promessas de ganho garantido. Ganho alto garantido é a marca registrada de pirâmide financeira (capítulo 24).

CUIDADO

Se mesmo assim quiser mexer com cripto, use só uma parte pequena do que você investe, que você aceite perder inteira sem prejudicar a sua vida. Nunca coloque ali a reserva, dinheiro de dívida ou o aluguel. Desconfie de qualquer pessoa que peça para você mandar dinheiro para ela "operar por você".

Comparando sem se iludir

Para avaliar qualquer investimento de renda variável, não pergunte só quanto ele rendeu no ano passado. Faça também as perguntas da tabela.

Pergunta	Por que importa
Quanto ele pode cair num ano ruim?	Mostra se você aguenta ficar dentro
Quanto custa ter isso?	Taxas e corretagem comem o ganho todo ano
Estou dependendo de uma empresa só?	Diversificar reduz o estrago de um tropeço
Por quanto tempo esse dinheiro pode ficar parado?	Menos de 5 anos costuma ser pouco tempo
Quem está me vendendo ganha com a minha compra?	Influenciador e assessor podem ter comissão

A **rentabilidade** passada, isto é, quanto o investimento rendeu em percentual, ajuda a entender o histórico, mas não garante nada para o futuro. Ganhos em ações, fundos e FIIs têm regras próprias de imposto, que o capítulo 23 resume.

Lucas, no fim das contas, percebeu que os R\$ 1.500 eram toda a reserva dele. Decidiu primeiro completar o colchão e, depois, começar com um valor pequeno por mês num investimento diversificado e barato, para aprender sem se machucar.

NA PRÁTICA

1. Antes de qualquer coisa, confira se você não tem dívida cara e se tem pelo menos parte da reserva pronta.
2. Escolha um valor pequeno por mês que você aceite ver oscilar por anos.
3. Se for investir, prefira começar por algo diversificado, como um ETF ou fundo de índice, e compare as taxas.
4. Desinstale ou silencie os apps e grupos que prometem lucro rápido; eles só aumentam a ansiedade.
5. Antes de confiar em qualquer empresa ou pessoa que oferece investimento, consulte no site da CVM se ela é autorizada.

Resumindo

- Renda variável não tem regra de rendimento: pode ganhar mais, ganhar menos ou perder.
- Ações são pedaços de empresas; FIs reúnem imóveis; ETFs são cestas que diversificam com pouco dinheiro.
- Taxas de fundo parecem pequenas, mas pesam muito em 20 anos.
- Ninguém prevê o mercado no curto prazo; day trade faz a maioria perder.
- Cripto, se tiver, só uma parte pequena que você aceite perder.

CAPÍTULO 22

Aposentadoria: o seu eu do futuro

Seu Jorge tem 59 anos e as costas já reclamam depois de um dia inteiro de obra. Trabalhou boa parte da vida sem carteira assinada e só nos últimos anos virou MEI. Agora ele quer saber: "Quando eu posso parar? E quanto vou receber?". Ele não sabe por onde começar, e tem medo de descobrir que não tem direito a nada. Este capítulo ajuda Seu Jorge, e ajuda também quem tem 25 anos e acha que aposentadoria é assunto para depois.

Como o INSS funciona, em linhas gerais

O INSS (Instituto Nacional do Seguro Social) paga aposentadorias, pensões e auxílios a quem contribui para a Previdência Social. A lógica é de solidariedade entre gerações: quem trabalha hoje contribui, e esse dinheiro paga os benefícios de quem já se aposentou. Não é uma conta individual com o seu nome, como uma poupança.

Quem tem carteira assinada contribui automaticamente: o desconto do INSS aparece no holerite (capítulo 7). Quem trabalha por conta própria precisa pagar por iniciativa própria, por meio de guia, como contribuinte individual. O MEI contribui dentro do valor mensal fixo que paga, o DAS.

Para se aposentar, em geral, a pessoa precisa cumprir duas condições ao mesmo tempo:

- **Idade mínima**, que é diferente para homens e mulheres.
- **Tempo mínimo de contribuição**, isto é, um número mínimo de anos pagando o INSS.

Essas regras mudaram bastante com a reforma da Previdência de 2019. Para quem já contribuía antes dela, existem **regras de transição**, que misturam a regra antiga e a nova. Professores, trabalhadores rurais e quem trabalha em condições prejudiciais à saúde podem ter regras diferentes. Por isso, este livro não vai citar números: o caminho certo é simular.

NA PRÁTICA

1. Entre no Meu INSS (site ou aplicativo), com a sua conta gov.br.
2. Abra o **extrato de contribuições**, o CNIS. Ele mostra cada período em que você contribuiu.
3. Confira se não falta nenhum emprego ou período. Se faltar, reúna carteira de trabalho, holerites e carnês antigos e peça a correção no próprio Meu INSS.
4. Use o simulador de aposentadoria. Ele mostra quando você pode se aposentar em cada regra.
5. Se ficar em dúvida, ligue para o 135 ou procure a Defensoria Pública. Desconfie de quem cobra adiantado para "resolver" a sua aposentadoria.

Autônomo e MEI também contam

Seu Jorge achava que, por não ter tido carteira assinada, não tinha direito a nada. Não é bem assim. Os anos em que ele pagou como MEI contam. E, se em algum momento ele contribuiu como autônomo pelo carnê, esses períodos também contam.

O MEI paga uma contribuição pequena dentro do DAS. Em regra, ela dá direito à aposentadoria por idade no valor de um salário mínimo, além de auxílio por incapacidade, salário-maternidade e pensão para a família, com as carências de cada benefício. Quem quer se aposentar com um valor acima do mínimo pode, em alguns casos, pagar uma complementação. As regras e os percentuais estão no Meu INSS e no Portal do Empreendedor, no gov.br.

CUIDADO

Ficar meses sem pagar o DAS ou o carnê não é só uma dívida pequena: são meses que não contam para a aposentadoria e podem deixar a família sem proteção se acontecer um acidente. Se a renda apertar, tente ao menos manter a contribuição em dia.

O INSS é mais do que aposentadoria

Muita gente pensa no INSS só como a aposentadoria lá no fim. Mas, enquanto você contribui, ele também funciona como um seguro. Se você ficar doente e não puder trabalhar, pode ter direito a auxílio. Se morrer, a família pode receber pensão. A mulher que contribui tem salário-maternidade.

Para Aline, que vive de entregas e manicure, isso pesa muito. Uma queda de moto pode deixá-la semanas sem renda. Com a contribuição em dia e a carência cumprida, ela tem uma rede de proteção. Sem contribuir, não tem. Cada benefício tem as próprias regras e carências; confira no Meu INSS.

O INSS sozinho costuma pagar menos

Mesmo com tudo em dia, a aposentadoria do INSS costuma ser menor do que a renda que a pessoa tinha trabalhando. Há um **teto**, um valor máximo que ninguém recebe acima, por mais que tenha ganhado. E o cálculo usa a média das contribuições, o que tende a puxar o valor para baixo. O teto e as regras de cálculo mudam; confira o valor do ano no gov.br.

Para quem ganha perto do salário mínimo, o INSS pode cobrir quase toda a renda. Para quem ganha mais, a diferença tende a ser maior. Em qualquer caso, vale perguntar: "Com quanto eu vou viver, e de onde vem o que faltar?".

A resposta, para a maioria das pessoas, tem duas partes. A base é o INSS, que vale muito por ser vitalícia e reajustada todo ano. O complemento é o que você mesmo guardar, seja por previdência privada, seja investindo por conta própria.

Quanto antes, melhor: a conta que convence

O maior aliado de quem guarda para a aposentadoria não é o valor, é o tempo. Os juros compostos (capítulo 3) precisam de anos para fazer efeito.

Imagine duas pessoas que guardam R\$ 200 por mês até os 65 anos. O dinheiro rende 4% ao ano **acima da inflação** (número de exemplo), por isso os valores da tabela estão em dinheiro de hoje.

	Começa aos 25	Começa aos 40
Anos guardando	40	25
Total que saiu do bolso	R\$ 96.000	R\$ 60.000
Valor aos 65 anos	cerca de R\$ 232.200	cerca de R\$ 101.800
Quanto veio dos juros	cerca de R\$ 136.200	cerca de R\$ 41.800

FAÇA A CONTA

Refaça a parte simples da tabela com os seus números.

1. Multiplique o valor mensal por 12: $200 \times 12 = \text{R\$ } 2.400$ por ano.
2. Multiplique pelos anos que faltam: $2.400 \times 40 = \text{R\$ } 96.000$ do seu bolso.
3. Tudo o que aparecer acima disso no fim veio dos juros.

Quem começou aos 25 colocou R\$ 36.000 a mais do próprio bolso, mas terminou com uns R\$ 130.000 a mais. Para chegar ao mesmo valor começando aos 40, seria preciso guardar uns R\$ 456 por mês, mais que o dobro. Para a parte dos juros, use uma calculadora de investimentos, como a calculadora do cidadão do Banco Central.

Isso não é motivo para desespero se você tem 40, 50 ou 59 anos, como Seu Jorge. Começar tarde é muito melhor do que não começar. E, para quem está perto de parar, outras decisões pesam mais: acertar o extrato do INSS, quitar dívidas antes da aposentadoria e, se possível, chegar a ela com a casa paga.

MITO OU VERDADE

"Os meus filhos vão cuidar de mim, não preciso me preocupar." **Depende, e é arriscado contar só com isso.** Muitas famílias se ajudam, e isso é bonito. Mas os filhos podem ter as próprias dificuldades, e depender deles pode pesar nas duas pontas. Ter alguma renda própria na velhice dá dignidade a você e alívio a eles. O capítulo 26 fala de como ajudar os pais sem se afundar.

Previdência privada: PGBL e VGBL

A **previdência privada** é um tipo de investimento vendido por bancos e seguradoras, pensado para o longo prazo. Você deposita mensalmente ou quando puder, o dinheiro é aplicado num fundo e, lá na frente, você resgata tudo ou recebe uma renda. Há dois tipos principais.

	PGBL	VGBL
Para quem costuma servir	Quem faz a declaração completa do Imposto de Renda e contribui para o INSS	Quem faz a declaração simplificada, é isento ou já usou o limite do PGBL
Benefício hoje	Pode abater as contribuições da renda tributável, até 12% da renda bruta tributável do ano	Nenhum abatimento
Imposto no resgate	Sobre o valor total resgatado	Só sobre o rendimento

O **PGBL** adia o imposto: você paga menos agora e paga depois, sobre tudo. O **VGBL** não dá desconto agora, mas na saída o imposto incide só sobre o ganho. Com uma renda de R\$ 60.000 por ano, por exemplo, o limite de 12% permitiria abater até R\$ 7.200 em contribuições ao PGBL. Para quem é isento de IR, o PGBL não traz vantagem.

Na hora de contratar, você também escolhe a tabela de imposto: a progressiva (a mesma do salário) ou a regressiva, em que a alíquota cai conforme o dinheiro fica mais anos no plano. Uma vantagem prática da previdência é que, em geral, ela não entra em inventário e vai mais rápido para os beneficiários indicados. As regras de imposto podem mudar; confira na Receita Federal antes de decidir.

CUIDADO

Olhe as taxas antes de assinar. A **taxa de administração** é cobrada todo ano sobre todo o saldo, e algumas previdências cobram também **taxa de carregamento**, um percentual de cada depósito. Taxas altas, ao longo de décadas, podem comer uma parte enorme do resultado (o capítulo 21 mostra a conta). Não aceite previdência empurrada junto com empréstimo ou na abertura de conta.

Previdência privada faz sentido quando as taxas são baixas, quando o benefício do PGBL se aplica a você ou quando você quer facilitar a sucessão. Se as taxas forem altas e não houver benefício fiscal, investir por conta própria costuma sair mais barato.

Investir por conta própria para o longo prazo

Você também pode montar a sua aposentadoria sem previdência privada, usando o que viu nos capítulos 20 e 21. Títulos públicos ligados ao **IPCA**, a inflação oficial, são feitos para prazos longos e protegem o poder de compra. O Tesouro RendA+ foi criado justamente para isso: a partir da data escolhida, paga uma renda mensal por 20 anos, corrigida pela inflação.

Uma parte em **renda variável** diversificada e barata pode ajudar a crescer no prazo longo, desde que você aguente as oscilações. Conforme a aposentadoria se aproxima, faz sentido ir passando para o que oscila menos.

O mais importante é a regularidade. Um débito automático no dia do salário, mesmo pequeno, vence qualquer plano ambicioso que só existe na cabeça.

Seu Jorge, depois de ver o extrato no Meu INSS, descobriu três anos de obra com carteira assinada que ele nem lembrava e que já estavam lá. Ainda falta tempo, mas agora ele sabe quanto, e decidiu manter o DAS em dia e tirar o dinheiro da lata do armário (capítulo 8).

Resumindo

- O INSS exige idade mínima e tempo de contribuição; simule a sua situação no Meu INSS.
- Autônomo e MEI também contribuem e têm direitos; manter o pagamento em dia é proteção.
- A aposentadoria do INSS costuma ser menor que a renda de quem trabalha; planeje um complemento.
- PGBL serve para quem faz declaração completa; VGBL para os demais; compare sempre as taxas.
- Começar cedo faz os juros trabalharem por décadas, mas começar tarde é melhor do que nunca.

CAPÍTULO 23

Impostos: os que você vê e os que não vê

Renata sempre achou que imposto era coisa de quem ganha muito. "Eu nem declaro Imposto de Renda", diz ela. Mas toda vez que passa no mercado, na farmácia ou paga a conta de luz, ela paga imposto, só que sem ver. E uma colega do trabalho comentou que recebeu dinheiro de volta da Receita depois de declarar os gastos com dentista. Renata ficou pensando se não está deixando dinheiro na mesa. Este capítulo separa o imposto que aparece do que fica escondido no preço.

O imposto escondido no preço

Quando você compra um pacote de arroz, um celular ou paga a conta de luz, parte do valor é imposto. Ele não aparece como uma linha separada na hora de pagar: já vem **embutido no preço**. Quem recolhe ao governo é a empresa, mas quem paga, no fim, é você.

Hoje, os principais impostos sobre o consumo são:

Imposto	Quem cobra	Onde aparece
ICMS	Estados	Quase tudo que é mercadoria, luz, combustível, telefone
ISS	Municípios	Serviços, como academia, salão, conserto
IPI	Governo federal	Produtos industrializados
PIS e Cofins	Governo federal	Quase tudo que se vende

Esse tipo de imposto pesa mais, proporcionalmente, para quem ganha pouco. Quem ganha R\$ 1.800 gasta quase tudo em consumo, então quase toda a renda passa por esses impostos. Quem ganha muito mais consegue guardar uma parte, que não passa pelo caixa do mercado.

FAÇA A CONTA

Quanto imposto você paga no mercado? A parte do preço que é imposto varia muito de produto para produto. Vamos usar um número de exemplo, só para ter ideia.

1. Gasto da família no mercado por mês: R\$ 600.
2. Imagine que 30% do preço seja imposto (exemplo).
3. Por mês: $600 \times 0,30 = \text{R\$ } 180$.
4. Por ano: $180 \times 12 = \text{R\$ } 2.160$.

Quer ver o número real? A nota fiscal costuma trazer o valor aproximado dos tributos daquela compra. Olhe o pé da sua próxima nota.

A reforma tributária, só a ideia geral

O Brasil aprovou uma reforma dos impostos sobre consumo. A ideia central é trocar vários impostos por poucos. O PIS e a Cofins viram a **CBS** (Contribuição sobre Bens e Serviços), federal. O ICMS e o ISS viram o **IBS** (Imposto sobre Bens e Serviços), de estados e municípios. Também foi criado um imposto extra para produtos que fazem mal à saúde ou ao meio ambiente, o **Imposto Seletivo**.

A troca é lenta. A transição começa em 2026, com uma fase de teste, e vai até 2033, quando os impostos antigos devem sair de cena. A reforma também prevê devolver parte do imposto a famílias de baixa renda inscritas no CadÚnico.

As alíquotas e os detalhes ainda estão sendo definidos e implantados ao longo dos anos. Desconfie de quem diz com certeza quanto o preço de algo vai subir ou cair por causa da reforma. Para informação oficial, procure o site da Receita Federal e do Ministério da Fazenda.

Imposto de Renda: o que aparece no holerite

O **Imposto de Renda** (IR) incide sobre o que você ganha. Para quem tem carteira assinada, ele é descontado direto no salário, o chamado imposto retido na fonte (capítulo 7). A tabela é progressiva: quem ganha mais paga uma parte maior.

Desde 2026, quem ganha até R\$ 5 mil por mês ficou isento de IR, e há uma redução gradual para quem ganha um pouco mais, até cerca de R\$ 7.350. As faixas exatas mudam; confira a tabela do ano no gov.br.

Mesmo isento, você pode ter que fazer a declaração. A obrigação depende de várias regras: quanto você recebeu no ano, se tem bens acima de certo valor, se vendeu imóvel com lucro, se fez certas operações na bolsa, entre outras. Os limites mudam todo ano. O jeito seguro é conferir as regras do ano no site da Receita Federal.

Declaração e restituição

A **declaração de Imposto de Renda** é um resumo do seu ano financeiro que você envia à Receita. Ela é feita uma vez por ano, em geral no primeiro semestre, pelo programa da Receita, pelo site ou pelo aplicativo. Existe a **declaração pré-preenchida**, que já traz muitos dados que a Receita recebeu de empresas, bancos e médicos.

Na declaração, a Receita compara o imposto que você já pagou durante o ano com o imposto que você realmente devia.

FAÇA A CONTA

Imagine que, ao longo do ano, foram retidos R\$ 1.200 de IR no seu salário.

1. Depois de lançar dependentes e despesas médicas, a declaração calcula que o imposto devido era R\$ 900.
2. Você pagou a mais: $1.200 - 900 = \text{R\$ } 300$.
3. Esses R\$ 300 voltam para você como **restituição**, corrigidos pela Selic, a taxa básica de juros.

Se o imposto devido fosse R\$ 1.500, a conta inverteria: faltariam R\$ 300, e você teria que pagar a diferença.

A restituição é paga em lotes ao longo dos meses seguintes. Pessoas idosas e com algumas condições têm prioridade. Quem usa a declaração pré-preenchida e informa uma chave Pix com o CPF costuma receber antes. Confira as regras do ano.

Por que guardar recibos

Algumas despesas podem ser abatidas na declaração completa e reduzem o imposto devido:

- **Saúde:** médico, dentista, psicólogo, fisioterapeuta, exames, hospital e plano de saúde, seus e dos dependentes. Não há limite de valor, mas precisa de recibo ou nota com o CPF ou CNPJ de quem prestou o serviço. Remédio comprado na farmácia, em geral, não entra.
- **Educação:** escola, faculdade e pós-graduação, com um limite anual por pessoa. Cursos livres, como idiomas, não entram.
- **Dependentes:** filhos e outras pessoas que dependem de você, dentro das regras.
- **Previdência:** contribuição ao INSS e, para quem faz a declaração completa, ao PGBL (capítulo 22).

Existe também a declaração simplificada, que troca todas essas deduções por um desconto padrão. O programa da Receita mostra qual das duas é melhor para você. Guarde os comprovantes por pelo menos cinco anos: é o prazo em que a Receita pode pedir para conferir.

MITO OU VERDADE

"Se eu não declaro, a Receita não fica sabendo." **Falso.** Empresas, bancos, corretoras, imobiliárias, cartórios e profissionais de saúde mandam informações à Receita. Ela cruza esses dados com o que você declara. Esconder renda não costuma dar certo e pode gerar multa e juros.

Malha fina sem pânico

Cair na **malha fina** significa que a Receita encontrou alguma diferença entre o que você declarou e o que ela recebeu de outras fontes. Pode ser um recibo médico digitado errado, um rendimento esquecido ou um dependente declarado por dois pais ao mesmo tempo.

Não é crime nem acusação. É um aviso de que algo precisa ser conferido. Você pode consultar a situação da declaração no site ou no aplicativo da Receita. Se achar o erro, envia uma **declaração retificadora**, com os dados corrigidos. Se a Receita pedir documentos, você apresenta os recibos. Por isso eles são tão importantes.

CUIDADO

Golpistas mandam e-mails e mensagens falsas sobre "pendências no CPF", "restituição liberada" ou "malha fina", com link ou boleto. A Receita não manda link para você pagar nem pede senha por mensagem. Consulte sempre direto no site ou no aplicativo oficial (capítulo 24).

IPTU e IPVA

O **IPTU** é o imposto municipal sobre imóveis urbanos. Quem paga é o dono, mas, no aluguel, o contrato costuma passar o valor para o inquilino. O **IPVA** é o imposto estadual sobre veículos, cobrado todo ano de quem tem carro ou moto.

Os dois costumam oferecer desconto para pagamento à vista. Vale comparar: com um IPTU de R\$ 1.200 e 5% de desconto (exemplo), pagar à vista economiza R\$ 60. Se esse dinheiro ficaria parado na conta, o desconto costuma valer mais. O raciocínio é o mesmo do capítulo 15. E lembre de dividir esses gastos por 12 no orçamento (capítulo 5), para não ser pego de surpresa em janeiro.

Nota fiscal e CPF na nota

Pedir a nota fiscal ajuda a garantir que o imposto que você já pagou no preço chegue aos cofres públicos. Também é o seu comprovante para trocas e garantia. Vários estados têm programas que devolvem parte do imposto ou fazem sorteios para quem coloca o CPF na nota. Procure o programa do seu estado no site da Secretaria da Fazenda.

Impostos sobre investimentos, em resumo

Investimento	Imposto de Renda, de forma simplificada	Onde ver mais
Poupança, LCI e LCA	Isentas para pessoa física	Capítulo 20
CDB, Tesouro Direto, debêntures comuns	Tabela regressiva sobre o rendimento, retida no resgate	Capítulo 20
Fundos de investimento	Retido pelo fundo, com come-cotas em maio e novembro	Capítulo 21
Ações e FIIs	Regras próprias: há isenções e alíquotas diferentes; o investidor calcula e paga em certos casos	Capítulo 21
Previdência privada	Depende de PGDL ou VGDL e da tabela escolhida	Capítulo 22

Na **renda fixa**, quase sempre o próprio banco ou corretora desconta o imposto. Na **renda variável**, em muitos casos quem calcula e paga é você, por meio de uma guia chamada DARF. As regras sobre ações, fundos e **dividendos** (a parte do lucro que a empresa reparte com os sócios) passaram por propostas e mudanças nos últimos anos, principalmente para quem recebe valores altos. Antes de investir na bolsa, confira as regras do ano no site da Receita Federal.

Renata, por fim, juntou os recibos do dentista do Davi e entrou no aplicativo da Receita. Descobriu que vale a pena fazer a declaração completa, mesmo sem ser obrigada.

NA PRÁTICA

1. Crie ou recupere a sua conta gov.br, de preferência no nível prata ou ouro. Ela dá acesso aos serviços da Receita.
2. Separe uma pasta, de papel ou no celular, para recibos de saúde e educação do ano.
3. Peça CPF na nota nas próximas compras e veja se o seu estado tem programa de devolução.
4. Na época da declaração, consulte as regras do ano na Receita e veja se você é obrigado ou se pode ter restituição.
5. Se receber mensagem sobre "pendência no CPF", não clique. Entre direto no aplicativo oficial.

Resumindo

- Você paga imposto em quase tudo o que compra, mesmo sem ver; a nota fiscal mostra uma estimativa.
- A reforma tributária troca vários impostos de consumo por CBS e IBS, aos poucos, de 2026 a 2033.
- Quem ganha até R\$ 5 mil ficou isento de IR desde 2026, mas a obrigação de declarar depende de outras regras.
- Recibos de saúde e educação podem reduzir o imposto ou aumentar a restituição.
- Malha fina é um aviso para corrigir, não uma acusação.



Parte 6 — Proteger e ensinar

CAPÍTULO 24

Golpes e promessas fáceis

O telefone de Seu Jorge tocou numa terça à tarde. Uma voz educada disse que era da central do banco e que havia uma compra suspeita de R\$ 3.800 no cartão dele. Para "proteger o dinheiro", ele precisava transferir o saldo da poupança para uma "conta segura" enquanto o problema era resolvido. A voz sabia o nome completo dele e os últimos números do CPF. Seu Jorge já estava com o aplicativo aberto quando a neta, que estava na sala, perguntou com quem ele falava.

Seu Jorge não é ingênuo. Ele desconfia de banco há trinta anos. O golpe quase funcionou justamente porque o golpista usou o medo dele contra ele. Este capítulo mostra os golpes mais comuns, o que eles têm em comum e o que fazer se você cair em um. Ninguém aqui vai chamar a vítima de boba: golpista é profissional, treina o discurso e escolhe a hora em que você está distraído.

O que quase todo golpe tem em comum

Os golpes mudam de roupa toda semana, mas o esqueleto é sempre parecido. Quase todos usam pelo menos três destes ingredientes:

- **Pressa.** "Tem que ser agora", "a oferta acaba hoje", "seu dinheiro vai sumir em uma hora". Pressa existe para você não parar para pensar nem perguntar a alguém.
- **Emoção forte.** Medo (sua conta foi invadida), vergonha (seu nome vai ser protestado), carinho (seu filho precisa de ajuda) ou ganância (lucro de 5% ao mês garantido).
- **Um pedido de dinheiro ou de dados.** No fim, sempre aparece um Pix, um boleto, uma senha, um código que chegou por SMS ou uma foto do documento.
- **Uma história que só eles contam.** O golpista pede segredo ou diz para não ligar para ninguém. Quem é honesto não se incomoda que você confirme.

Quando você sentir pressa e emoção ao mesmo tempo, num assunto de dinheiro, pare. Desligue, respire e confirme por outro caminho. Essa pausa sozinha desarma a maioria dos golpes.

Os golpes mais comuns hoje

A lista abaixo não é completa, porque os golpistas inventam variações o tempo todo. Mas ela cobre a maior parte do que chega ao celular de um brasileiro comum.

Golpe	Como chega	O sinal de alerta
Falsa central do banco	Ligação ou SMS sobre "compra suspeita"	Pedem senha, código ou transferência para "conta segura"
WhatsApp "mudei de número"	Mensagem com foto de um parente	Pede Pix urgente e evita ligação de vídeo
Pix errado	Alguém diz que mandou Pix por engano e pede de volta	Pede para devolver para outra chave, não para a de origem
Boleto falso	E-mail ou mensagem com boleto de conta real	Nome do recebedor diferente da empresa
Loja ou leilão falso	Anúncio com preço bom demais	Só aceita Pix para pessoa física, site novo
Emprego falso	Vaga ótima que cobra taxa de cadastro, curso ou uniforme	Empresa séria não cobra para contratar
"Ganhe curtindo vídeos"	Grupo de mensagem que paga por tarefas simples	Primeiro paga pouco, depois pede um "investimento"
Empréstimo com taxa adiantada	Crédito fácil, mesmo para negativado	Pede depósito antes de liberar o dinheiro
Golpe do consignado ou do INSS	Ligação oferecendo benefício ou revisão	Pede dados, documentos ou selfie

Vale explicar alguns com mais calma.

Falsa central. O golpista liga, às vezes com um número que parece o do banco, e já sabe alguns dados seus, que vazaram em algum lugar. Ele pede para você digitar a senha no telefone, informar um código, instalar um aplicativo de "segurança" ou transferir o dinheiro para uma conta "protegida". Nenhum banco faz nada disso.

Pix errado. Cai um Pix na sua conta e logo vem a mensagem pedindo a devolução para outra chave. Às vezes o Pix original foi feito com dinheiro de outra vítima, ou o golpista depois pede ao banco a devolução do Pix que mandou. Aí você perde duas vezes. Se cair um Pix desconhecido, devolva só pelo botão de devolução do próprio aplicativo, que manda o dinheiro de volta para a mesma conta de origem. Na dúvida, fale com o seu banco.

WhatsApp "mudei de número". A foto é da sua filha, o jeito de escrever parece o dela. "Esse é meu número novo, salva aí." Pouco depois vem o pedido de um Pix para pagar uma conta urgente. Ligue para o número antigo, ou faça uma pergunta que só a pessoa saberia responder. Muitas famílias combinam uma palavra-código para essas horas.

Golpe do consignado e do INSS. Aposentados e pensionistas são alvo frequente. Alguém liga oferecendo uma "revisão" do benefício ou um empréstimo com juros baixíssimos e pede documentos, foto ou uma selfie. Com isso, faz um empréstimo em seu nome ou cadastra descontos que você nunca autorizou. Olhe o extrato do benefício no Meu INSS todo mês e estranhe qualquer desconto que você não reconhece. O capítulo 12 fala mais do consignado.

CUIDADO

A regra de ouro: o banco não liga pedindo senha, código de SMS, transferência para "conta segura" nem instalação de aplicativo. Nunca. Se alguém do "banco" pedir uma dessas coisas, é golpe. Desligue e ligue você mesmo para o número que está atrás do seu cartão, de preferência de outro telefone.

Seu Jorge desligou. A neta ligou para o número do cartão, e o atendente confirmou que não havia compra nenhuma. O golpista tinha só o nome e parte do CPF, dados que circulam por aí. O resto ele conseguiria se Seu Jorge seguisse as instruções.

Pirâmide: quando o lucro vem de quem entra depois

Existe um tipo de golpe que não chega como ameaça, e sim como oportunidade. Um conhecido conta que entrou num "clubes de investimentos" que paga 5% ao mês, garantido. Ele mostra o extrato, e o dinheiro de fato caiu. Para ganhar mais, basta trazer amigos.

Isso tem nome: **pirâmide financeira**, um esquema em que o dinheiro de quem entra paga o lucro de quem entrou antes. Um golpe parecido é o **esquema Ponzi**. Nele, não há nem a parte de indicar amigos: o "gestor" usa o dinheiro dos novos para pagar os antigos e diz que é lucro de algum negócio. Nos dois casos, não existe um negócio de verdade que gere aquele dinheiro. No Brasil, pirâmide financeira é crime contra a economia popular.

O problema é matemático. Para o esquema continuar pagando, precisa entrar gente nova sem parar. E gente acaba.

FAÇA A CONTA

Imagine uma pirâmide em que cada participante precisa trazer 6 pessoas novas. Faça a conta na calculadora, multiplicando por 6 a cada nível:

1. Nível 1: 6 pessoas.
2. Nível 2: $6 \times 6 = 36$.
3. Nível 5: 7.776.
4. Nível 8: cerca de 1,7 milhão.
5. Nível 10: cerca de 60 milhões.
6. Nível 11: cerca de 363 milhões de pessoas novas.

No nível 11, seria preciso recrutar mais gente do que todo o Brasil tem, que passa um pouco de 200 milhões. Muito antes disso, as entradas diminuem e o esquema quebra. Quem entrou por último, que é a maioria, perde.

Olhe também o tamanho da promessa. Com 5% ao mês, a conta de juros compostos dá quase 80% ao ano. É uma taxa muito maior do que a de qualquer aplicação segura, e mesmo assim chamada de "garantida". Os juros compostos foram explicados no capítulo 3.

Como reconhecer uma pirâmide ou uma promessa fácil:

- Lucro alto e **garantido**. Investimento que pode render muito também pode perder muito; ninguém garante as duas coisas juntas.
- Você ganha mais por **indicar** gente do que por qualquer produto.
- Ninguém explica direito de onde vem o dinheiro ("robô de inteligência artificial", "arbitragem de cripto", "operações secretas").
- Pressão para entrar logo e para colocar mais dinheiro, inclusive de empréstimo.
- Dificuldade para sacar, com taxas e prazos que surgem do nada.

MITO OU VERDADE

"Já recebi três meses de rendimento, então não é golpe." **Falso.** Pagar direitinho no começo faz parte da estratégia. É assim que a pirâmide ganha a sua confiança e a dos seus amigos. Ela paga até o dia em que para de entrar gente nova.

Antes de colocar dinheiro em qualquer oferta de investimento, consulte o site da **CVM**, a Comissão de Valores Mobiliários, que fiscaliza o mercado de investimentos.

Investimento oferecido ao público em geral precisa de registro ou dispensa na CVM, e lá dá para ver se a empresa é autorizada. A CVM também publica alertas sobre empresas que oferecem investimento sem autorização. Se a empresa não aparece, ou aparece num alerta, fique longe.

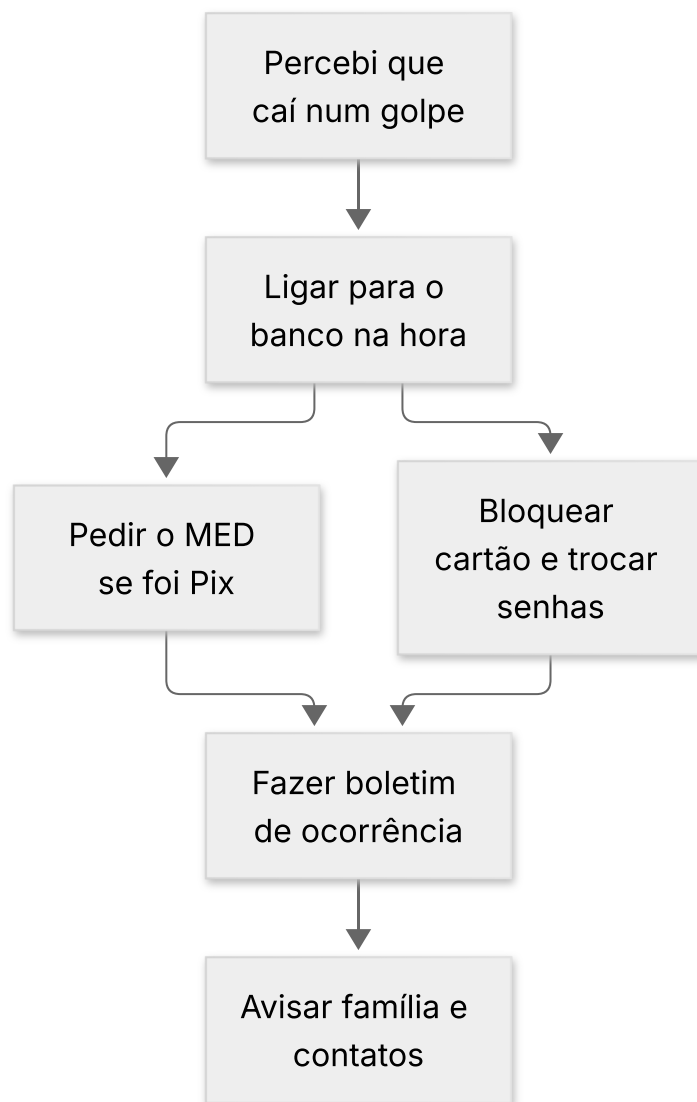
Promessas fáceis que não chegam a ser crime

Nem toda promessa exagerada é pirâmide. Às vezes é só um curso caro que promete "renda passiva", ou alguém que vende a ideia de ganhar com apostas, com day trade ou com o "método secreto" de alguém. Pode não ser crime, mas merece a mesma desconfiança.

Uma pergunta ajuda muito: se o método é tão bom, por que a pessoa está vendendo o método em vez de usá-lo em silêncio? Quase sempre, o dinheiro de verdade está na venda do curso, não no método. Sobre apostas, o capítulo 25 mostra a conta. Sobre investimentos de risco, o capítulo 21.

Se você caiu num golpe

Acontece com gente esperta, estudada e desconfiada. Vergonha é o pior conselheiro, porque faz a vítima esperar e esconder. E, em golpe, tempo é dinheiro de verdade.



- 1. Ligue para o seu banco imediatamente**, pelo número oficial do cartão ou do aplicativo. Conte o que aconteceu.
- 2. Se foi Pix, peça o MED.** O **MED** (Mecanismo Especial de Devolução) é uma ferramenta do Pix criada pelo Banco Central para casos de golpe e fraude. O seu banco aciona o banco de quem recebeu, que pode bloquear o dinheiro se ainda estiver lá. Não há garantia de devolução, mas quanto mais rápido você pedir, maior a chance.
- 3. Bloqueie e troque.** Bloqueie cartões e troque senhas do banco, do e-mail e do WhatsApp. No WhatsApp, ative a verificação em duas etapas, que pede um PIN quando alguém tenta usar a sua conta em outro celular.
- 4. Faça um boletim de ocorrência.** Em muitos estados dá para registrar pela internet, na delegacia virtual. O banco pode pedir esse documento.

5. **Avise seus contatos** se a sua conta de mensagem foi clonada, para que ninguém mande dinheiro "para você".
6. **Confira o Registrato**, no site do Banco Central. Ele mostra empréstimos, contas e chaves Pix em seu nome. Se aparecer algo que você não fez, avise o banco e registre a ocorrência.

Se o banco não resolver, você pode reclamar no Procon, no consumidor.gov.br e no próprio Banco Central. E se o golpe mexeu com você a ponto de não dormir, converse com alguém. O CVV atende pelo 188, de graça.

CURIOSIDADE

O Pix foi lançado pelo Banco Central em novembro de 2020. Como o dinheiro cai em segundos, os golpistas logo passaram a preferir o Pix. Foi para isso que o MED foi criado: dar um caminho rápido para tentar recuperar o dinheiro, pelo banco, quando há suspeita de golpe.

Proteções que valem para a família toda

Seu Jorge saiu do susto com uma lista de mudanças. São coisas simples, que ele ensinou aos filhos no domingo seguinte:

- Combinar uma **palavra-código** com a família para pedidos de dinheiro urgentes.
- Ligar de volta, sempre, por um número que você mesmo procurou.
- Ativar a verificação em duas etapas no WhatsApp e não repassar código de SMS para ninguém.
- Diminuir o limite do Pix noturno e o limite diário no aplicativo do banco. Se alguém pegar o celular, o estrago é menor.
- Conferir o nome de quem vai receber antes de confirmar qualquer Pix ou boleto.
- Desconfiar de link em mensagem. Para ver uma conta, uma entrega ou um prêmio, abra você mesmo o aplicativo ou o site oficial.

Pessoas mais velhas da família costumam ser alvo preferido, e muitas sentem vergonha de perguntar. Vale combinar com elas, sem tom de bronca: "antes de mandar qualquer dinheiro por telefone, me liga".

NA PRÁTICA

Esta semana:

1. Combine uma palavra-código com as pessoas mais próximas da família.
2. Ative a verificação em duas etapas no seu WhatsApp.
3. Abra o aplicativo do banco e reduza o limite do Pix para um valor que cubra o seu uso normal.
4. Salve no celular o número oficial do seu banco, copiado do verso do cartão.
5. Entre no Registrato e confira se não há nada em seu nome que você não reconheça.

Resumindo

- Pressa, emoção forte e pedido de dinheiro ou dados, tudo junto, é o retrato de um golpe.
- Banco não liga pedindo senha, código nem transferência para "conta segura".
- Lucro alto e garantido, que cresce quando você indica amigos, é sinal de pirâmide; consulte a CVM.
- Se cair, aja rápido: banco, MED do Pix, boletim de ocorrência e aviso aos contatos.
- Cair em golpe não é burrice; é ser alvo de um profissional. Peça ajuda sem vergonha.

CAPÍTULO 25

Apostas e bets: a conta que não fecha

Sexta à noite, Lucas e três amigos assistem ao jogo no bar. Todo mundo está com o aplicativo de apostas aberto. Um deles acertou um placar no mês passado e ganhou R\$ 400 com R\$ 20. Lucas apostou R\$ 30 no time da casa e perdeu, mas no intervalo já está escolhendo a próxima aposta "para recuperar". No caminho de volta, ele faz uma conta de cabeça e não gosta do resultado: não sabe dizer se, desde o começo do ano, ganhou ou perdeu.

Este capítulo não vai dizer que apostar é pecado nem que quem aposta é fraco. Vai mostrar a conta que o aplicativo não mostra. Com ela, você decide de olhos abertos.

Como a casa ganha: a moeda que paga 1,90

Comece por um jogo que todo mundo entende: cara ou coroa. A moeda é honesta, então cara sai metade das vezes. Num jogo justo entre dois amigos, quem aposta R\$ 10 e acerta recebe R\$ 20: os seus R\$ 10 de volta mais R\$ 10 de prêmio. Em muitas jogadas, ninguém ganha nada de ninguém.

Agora imagine uma casa de apostas que oferece esse mesmo jogo. Ela não paga R\$ 20. Paga R\$ 19. Na linguagem das apostas, ela oferece **odd** de 1,90. A odd é o número pelo qual o valor apostado é multiplicado se você acertar. Parece um detalhe, só R\$ 1 a menos. É aí que mora todo o negócio.

FAÇA A CONTA

Aposta de exemplo: R\$ 10 em cara, com odd 1,90.

1. Se acertar: recebe $10 \times 1,90 = \text{R\$ } 19$. Lucro de R\$ 9.
2. Se errar: perde os R\$ 10.
3. Em 100 apostas, o esperado é acertar umas 50 e errar umas 50.
4. Ganhos: $50 \times \text{R\$ } 9 = \text{R\$ } 450$.
5. Perdas: $50 \times \text{R\$ } 10 = \text{R\$ } 500$.
6. Resultado: $\text{R\$ } 450 - \text{R\$ } 500 = \text{R\$ } 50$ de prejuízo.

Você apostou R\$ 1.000 no total e, na média, deixou R\$ 50 na casa: 5% de tudo o que apostou. Isso é a **margem da casa**, a parte de cada aposta que, no longo prazo, fica com quem organiza o jogo.

Outra forma de ver a mesma coisa. Uma odd de 1,90 só seria justa se a chance de acertar fosse de uns 52,6% (é só dividir 1 por 1,90). Mas a chance real é de 50%. A casa paga como se o seu acerto fosse mais provável do que é. Some as duas pontas, cara e coroa, e dá uns 105%: os 5% a mais são a margem.

No futebol é igual, só que mais difícil de enxergar. A casa calcula as chances de vitória, empate e derrota e paga um pouco menos do que seria justo em cada uma. Ninguém sabe a chance "real" de um jogo de futebol com a mesma certeza da moeda. Mas a margem está lá, embutida em todas as odds. Na prática tem mais detalhes, como odds que mudam durante o jogo, mas a ideia é essa.

Por que se ganha às vezes e se perde no total

Se a casa sempre leva vantagem, como o amigo de Lucas ganhou R\$ 400? Porque, no curto prazo, a sorte manda. No longo prazo, quem manda é a margem.

Esse fenômeno tem nome: **lei dos grandes números**. Em poucas jogadas, o resultado pode ficar longe da média. Em muitas jogadas, ele vai se aproximando da média, e a média é prejuízo. Veja a mesma moeda com odd 1,90 e apostas de R\$ 10, calculando a

chance de terminar no lucro:

Número de apostas	Total apostado	Prejuízo médio esperado	Chance de terminar no lucro
10	R\$ 100	R\$ 5	cerca de 38%
100	R\$ 1.000	R\$ 50	cerca de 31%
1.000	R\$ 10.000	R\$ 500	cerca de 5%
10.000	R\$ 100.000	R\$ 5.000	praticamente zero

Repare no que a tabela diz. Numa noite de dez apostas, mais de um terço das pessoas sai ganhando. Elas contam a história no grupo. Quem perdeu fica quieto. Mas quanto mais tempo se joga, mais o resultado se aproxima do prejuízo de 5%, e a chance de estar no lucro some.

A casa não precisa que você perca hoje. Ela recebe milhões de apostas de milhares de pessoas. Para ela, o resultado é sempre a média, e a média é a margem. Ela tem a tabela inteira do lado dela; você tem só uma linha.

MITO OU VERDADE

"Perdi cinco seguidas, agora a próxima vem." **Falso.** A moeda não tem memória. Depois de cinco coroas, a chance de dar cara continua sendo 50%. Esse engano é tão comum que tem nome: falácia do apostador. Ele é perigoso porque leva a apostar mais justamente depois de perder.

O dinheiro que gira

Tem um detalhe que pega muita gente. Quem ganha raramente saca. O dinheiro do prêmio volta para a próxima aposta, e o saldo vai girando dentro do aplicativo.

Fizemos uma simulação simples. Lucas deposita R\$ 100 e aposta R\$ 10 por vez, na moeda com odd 1,90. Ele reaposta tudo o que ganha e só para quando o saldo não dá mais para uma aposta. Em média, ele faz umas 190 apostas antes de zerar. Ou seja, com R\$ 100 de depósito, ele chega a apostar perto de R\$ 1.900.

Os 5% parecem pouco porque são cobrados sobre o que você aposta, não sobre o que você deposita. Como o mesmo dinheiro é apostado de novo e de novo, a margem morde várias vezes a mesma nota. No fim, quase todos os R\$ 100 ficaram na casa. Sobra só um troco que não paga mais uma aposta.

Tigrinho e cassino online

Os jogos de cassino online, como o famoso "jogo do tigrinho" e outros caça-níqueis, seguem a mesma lógica, só que mais rápida. Cada giro leva poucos segundos. Não tem intervalo, não tem fim de jogo, não tem hora para acabar.

Imagine um caça-níquel que devolve, em média, 96 centavos de cada R\$ 1 apostado. O número é de exemplo, mas a ideia vale para todos: o jogo é programado para devolver menos do que recebe. Mil giros de R\$ 1 são R\$ 1.000 apostados, e o prejuízo esperado é de R\$ 40. Em uma hora de jogo, mil giros não é muito.

Esses jogos também mostram animações e sons de vitória quando você ganha menos do que apostou. A tela comemora um prêmio de R\$ 0,50 numa aposta de R\$ 1. Repare nisso da próxima vez: a festa na tela não quer dizer que você ganhou dinheiro.

O que a lei diz

As apostas de quota fixa, nome oficial das bets, foram regulamentadas pela Lei 14.790/2023. Desde janeiro de 2025, só podem operar no Brasil as empresas autorizadas pelo Ministério da Fazenda. O site delas termina em **.bet.br**. Apostar é proibido para menores de 18 anos.

Isso quer dizer duas coisas práticas. Primeiro, se o site não termina em **.bet.br**, ele não está autorizado a operar no país, e você tem ainda menos proteção se algo der errado. Segundo, estar autorizado não muda a matemática. A casa autorizada também tem margem, e o caça-níquel autorizado também devolve menos do que recebe.

CUIDADO

Bônus e influenciadores. O "bônus de boas-vindas" quase sempre vem com regras: é preciso apostar o valor do bônus várias vezes antes de poder sacar. Pelo que você viu na seção anterior, apostar muitas vezes é exatamente o que favorece a casa. E o influenciador que aparece ganhando está fazendo publicidade. Você vê o vídeo do prêmio, não o extrato do mês inteiro.

Diversão com limite ou "renda extra"?

Existe um jeito de apostar com menos estrago: tratar a aposta como um gasto de lazer, igual ao ingresso do cinema ou à cerveja com os amigos. Você separa um valor pequeno, que pode perder sem que isso afete as contas. Quando acaba, acabou. Ganhou? Ótimo, foi sorte. Perdeu? Era o preço da diversão.

O que não funciona é tratar aposta como renda. A conta deste capítulo mostra por quê: no longo prazo, o resultado esperado é negativo. Quem aposta para pagar o aluguel, cobrir a fatura do cartão ou "recuperar" o que perdeu está usando um jogo programado para perder como se fosse um salário.

Aposta como diversão	Aposta como "renda"
Valor separado antes de começar	Valor que sai do dinheiro das contas
Quando acaba, para	Quando perde, aposta mais para recuperar
Ganhar é sorte	Ganhar é "método" ou "estratégia"
Não muda o mês	Faz falta no mercado, no aluguel, na fatura

Quando virou problema

Apostar pode virar vício, e isso não é falta de vergonha nem de força de vontade. É um problema de saúde reconhecido, que tem tratamento. Alguns sinais merecem atenção:

- Apostar mais para recuperar o que perdeu.
- Esconder da família quanto aposta ou quanto já perdeu.
- Pegar dinheiro emprestado, usar o cartão ou o cheque especial para apostar.
- Pensar em apostas o dia todo, ficar irritado quando não pode jogar.
- Já ter tentado parar e não ter conseguido.

Se você se reconheceu em um ou mais desses pontos, vale procurar ajuda. Existem caminhos gratuitos:

- **CAPS**, os Centros de Atenção Psicossocial do SUS, que atendem problemas de saúde mental, inclusive dependência. Procure o posto de saúde mais perto para saber como chegar ao CAPS da sua região.

- **Jogadores Anônimos**, grupos de apoio entre pessoas que passaram pelo mesmo problema.
- **CVV**, pelo telefone 188, ligação gratuita, para conversar a qualquer hora se a situação estiver pesada demais.

Muitos sites oferecem ferramentas de jogo responsável, como limite de depósito e autoexclusão, que bloqueia a sua conta por um tempo. Usar essas ferramentas ajuda, mas não substitui o apoio de gente de verdade. Se a aposta deixou dívida, o capítulo 13 mostra como organizar a saída.

NA PRÁTICA

Esta semana:

1. Abra o histórico do aplicativo de apostas e some tudo o que você depositou e tudo o que sacou desde o começo do ano. A diferença é o resultado real.
2. Se decidir continuar apostando, escolha um valor fixo por mês que você aceita perder, e, se o site tiver, ative o limite de depósito.
3. Tire o cartão de crédito salvo do aplicativo de apostas.
4. Confira se o site termina em .bet.br. Se não terminar, saque o que tiver e saia.
5. Se algum sinal da lista acima bateu, ligue para um CAPS ou procure um grupo de Jogadores Anônimos.

Lucas fez a primeira conta no domingo. Ele havia depositado bem mais do que lembrava, e sacado muito menos. Não apagou o aplicativo de cara. Colocou um limite mensal de R\$ 50 e combinou com um dos amigos de contar um para o outro quando passarem do limite.

Resumindo

- A casa paga um pouco menos do que seria justo em cada aposta; essa margem garante o lucro dela no longo prazo.
- No curto prazo dá para ganhar; quanto mais você aposta, mais o resultado se aproxima do prejuízo.
- Prêmio reapostado faz a margem morder o mesmo dinheiro várias vezes.
- Só sites .bet.br são autorizados, e apostar é proibido para menores de 18 anos; autorização não muda a matemática.

- Aposta é lazer com limite, nunca renda. Se virou problema, procure o CAPS, os Jogadores Anônimos ou o CVV (188).

CAPÍTULO 26

Dinheiro em família e com os filhos

Renata está no caixa do mercado quando Bia, de 9 anos, aparece com um pacote de figurinhas. "Mãe, é só R\$ 5." Atrás dela, Davi, de 15, avisa que precisa de R\$ 30 para um passe do jogo que todos os amigos já compraram. Renata está com o cartão estourado e a cabeça cheia. Responde o de sempre: "não tem dinheiro". Bia emburra. Davi revira os olhos e diz que ela nunca tem.

Em casa, mais tarde, Renata pensa que os filhos não fazem ideia de como funcionam as contas da casa. E percebe que ninguém nunca explicou isso a ela também. Este capítulo é sobre quebrar essa corrente: falar de dinheiro em família, dividir contas a dois, ensinar os filhos e ajudar os pais sem afundar junto.

Falar de dinheiro sem virar briga

Em muitas casas, dinheiro é assunto proibido ou motivo de briga. Ou ninguém fala, ou só se fala quando a fatura chega. Os dois jeitos deixam todo mundo no escuro.

Algumas ideias ajudam a conversa a dar certo:

- **Marque a hora.** Conversa de dinheiro no meio de uma briga sobre outra coisa nunca termina bem. Escolha um momento calmo, com a cabeça descansada.
- **Comece pelos números, não pelas culpas.** "Este mês entraram tanto e saíram tanto" funciona melhor do que "você gasta demais". A anotação de gastos do capítulo 5 serve exatamente para isso.
- **Fale de objetivos em comum.** Quitar o cartão, trocar a geladeira, fazer uma viagem curta. Um objetivo dá sentido ao esforço.
- **Combine o próximo passo.** Toda conversa termina com uma decisão pequena e com um responsável.

Com crianças, a conversa é mais simples, mas existe. Trocar o "não tem dinheiro" por "esse dinheiro já tem destino" muda muita coisa. A primeira frase ensina que dinheiro é um mistério que some. A segunda ensina que dinheiro é escolha.

Casal: contas juntas, separadas ou mistas?

Não existe um jeito certo de um casal organizar o dinheiro. Existem três modelos comuns, cada um com vantagens e riscos.

Modelo	Como funciona	Bom para	Cuidado com
Tudo junto	Toda a renda vai para um lugar só e sai de lá	Casais com confiança e metas iguais	Um gastar sem o outro saber
Tudo separado	Cada um paga uma parte das contas e o resto é seu	Quem preza autonomia	Divisão injusta quando as rendas são diferentes
Misto	Um pote comum para as contas da casa e um dinheiro livre para cada um	A maioria dos casais	Combinar quanto cada um põe no pote

No modelo misto, uma dúvida aparece logo: dividir meio a meio ou de acordo com a renda? Quando os dois ganham parecido, meio a meio funciona. Quando a diferença é grande, dividir de forma proporcional costuma ser mais justo.

FAÇA A CONTA

Exemplo de um casal: um ganha R\$ 3.000 e o outro R\$ 2.000. As contas da casa somam R\$ 3.000.

1. Renda total: $R\$ 3.000 + R\$ 2.000 = R\$ 5.000$.
2. Parte do primeiro: $3.000 \div 5.000 = 0,6$, ou seja, 60%.
3. Parte do segundo: $2.000 \div 5.000 = 0,4$, ou seja, 40%.
4. Contribuição: 60% de R\$ 3.000 = R\$ 1.800; 40% de R\$ 3.000 = R\$ 1.200.
5. Sobra para cada um: R\$ 1.200 e R\$ 800.

Se dividissem meio a meio, R\$ 1.500 para cada, a sobra seria de R\$ 1.500 para um e só R\$ 500 para o outro. Faça a mesma conta com a renda de vocês e conversem sobre o que parece justo.

Seja qual for o modelo, os dois precisam saber das dívidas um do outro e das contas da casa. Esconder uma dívida do parceiro costuma doer mais, depois, do que a própria dívida. E cada um precisa de algum dinheiro livre, mesmo que pequeno, para gastar sem dar explicação.

Mesada e semanada: errar com pouco

Mesada não é prêmio nem salário por arrumar a cama. É uma ferramenta de ensino. A criança recebe um valor pequeno e regular e aprende, na prática, que o dinheiro acaba, que dá para juntar e que cada escolha tem um preço.

Algumas orientações gerais:

- **Idade.** Por volta dos 6 ou 7 anos, quando a criança já entende números e troco, dá para começar.
- **Frequência.** Para crianças menores, a **semanada**, paga toda semana, funciona melhor. Um mês é tempo demais para quem tem 7 anos. Adolescentes já conseguem lidar com a mesada.
- **Valor.** Depende da renda da família, não do que os colegas recebem. Pode ser pouco. O importante é que seja regular e que fique claro o que a mesada deve cobrir.
- **Sem adiantamento.** Se acabou antes da hora, acabou. Esse é o aprendizado.
- **Deixe errar.** Se a criança gastou tudo num brinquedo que quebrou no dia seguinte, a lição vale mais do que um sermão. É muito melhor errar com R\$ 10 aos 9 anos do que com o cartão de crédito aos 20.

Renata começou com uma semanada de R\$ 10 para Bia, valor de exemplo que coube no orçamento dela. Na primeira semana, Bia gastou tudo em figurinhas na segunda-feira. Na segunda semana, quis um estojo de R\$ 30 e descobriu sozinha a conta: três semanas sem gastar nada. Ela conseguiu, e nunca um estojo foi tão bem cuidado.

MITO OU VERDADE

"Dar mesada ensina a criança a ser interesseira." **Depende de como é feito.** Se a mesada vira pagamento por cada tarefa da casa, a criança pode aprender que só ajuda se receber. Se a mesada é um valor fixo para aprender a escolher, e as tarefas da casa são de todos, ela ensina responsabilidade.

Querer e precisar

Uma das lições mais úteis para uma criança cabe em duas palavras: querer e precisar. Precisar é o que não dá para deixar de ter: comida, escola, remédio, roupa para o frio. Querer é o que seria bom ter: o brinquedo novo, o tênis da moda, o lanche fora.

Querer não é errado. A ideia não é ensinar a criança a não querer nada, e sim a escolher. Um jeito simples é a lista de desejos: quando a criança quer algo, anota na lista e espera alguns dias. Muitas vezes o desejo passa. Quando não passa, ela pode juntar a semanada para comprar.

E o exemplo dos adultos conta mais do que qualquer conversa. Criança que vê o pai comparando preço, desistindo de uma compra ou guardando dinheiro para uma meta aprende isso sem ninguém explicar. Criança que só vê o cartão passando acha que o cartão é dinheiro infinito. Vale dizer em voz alta, de vez em quando: "vou esperar a promoção" ou "esse mês não dá, estamos juntando para a geladeira".

Adolescentes, celular e jogos

Davi tem 15 anos e o mundo dele é o celular. Ali estão os gastos que mais preocupam os pais hoje: compras dentro de jogos, assinaturas, passes de temporada, moedas virtuais. Cada compra é pequena, e é justamente isso que faz a conta crescer sem ninguém perceber. O capítulo 9 explica os truques que fazem a gente gastar sem sentir.

FAÇA A CONTA

Imagine uma compra de R\$ 4,90 por semana num jogo, valor de exemplo.

1. Por mês, umas 4 semanas: $4,90 \times 4 = \text{R\$ } 19,60$.
2. Por ano, 52 semanas: $4,90 \times 52 = \text{R\$ } 254,80$.

Mostre a conta para o adolescente e pergunte o que mais ele poderia comprar com R\$ 254,80. A pergunta ensina mais do que a proibição.

Com adolescentes, alguns combinados funcionam bem:

- **Senha nas compras.** Ative, na loja de aplicativos do celular, a exigência de senha ou aprovação para qualquer compra. Não deixe o cartão da família salvo no aparelho dele.

- **Mesada que cobre os jogos.** Se o jogo é importante para ele, a compra sai da mesada. Assim, ele decide se vale mais o passe do jogo ou o lanche com os amigos.
- **Primeiro dinheiro.** O primeiro trabalho, um bico ou um estágio é uma ótima hora para ensinar a guardar uma parte logo que o dinheiro entra. É a ideia do "pague-se primeiro" do capítulo 6.
- **Conversa sobre apostas.** Apostar é proibido para menores de 18 anos, mas propaganda e amigos chegam antes. Vale mostrar a conta do capítulo 25.

Davi e Renata fizeram um acordo: mesada de R\$ 60 por mês, de exemplo, e o passe do jogo sai dela se ele quiser. Na primeira vez, ele comprou o passe e ficou sem dinheiro para o cinema com os amigos. Na segunda, esperou uma promoção.

Ajudar os pais sem se afundar

Muita gente adulta ajuda os pais com dinheiro: remédio, conta de luz, uma reforma na casa. É um gesto de amor, e às vezes é necessário. Mas ele também pode virar uma dívida que ninguém planejou.

O cuidado mais importante é este: ajude com o que sobra do seu orçamento, não com crédito. Pegar empréstimo, ceder o seu nome ou o seu cartão para um parente é uma das formas mais comuns de alguém se endividar sem ter comprado nada para si. Do outro lado, também acontece de pais aposentados fazerem consignado para ajudar filhos ou netos. O desconto vem todo mês, por anos, direto no benefício.

Algumas ideias práticas:

- **Defina um valor fixo** por mês para ajudar, que caiba no seu orçamento, em vez de ajudar a cada pedido.
- **Divida com os irmãos**, quando houver, de forma combinada e por escrito, mesmo que seja numa mensagem.
- **Ajude a organizar**, não só a pagar. Às vezes os pais têm direito a algum benefício, dinheiro esquecido no banco (dá para consultar no Valores a Receber, do Banco Central) ou uma dívida que pode ser renegociada.
- **Proteja contra golpes.** Pais idosos são alvo frequente. O capítulo 24 mostra como.

CUIDADO

Emprestar o nome é emprestar a dívida. Se você faz um financiamento, um crediário ou um cartão no seu CPF para outra pessoa usar, a dívida é sua perante o banco. Se a pessoa não pagar, quem fica com o nome negativado é você, não importa o quanto vocês se amem.

Para continuar com as crianças

Este livro é para adultos. Mas a mesma coleção tem *Seu Dinheiro, Suas Regras*, para jovens a partir de 14 anos, e *De Onde Vem o Dinheiro?*, para crianças de 10 a 13 anos. A ideia é a mesma: explicar dinheiro sem julgamento e com exemplos do dia a dia. Pode ser um bom jeito de começar a conversa em casa, cada um lendo o seu.

NA PRÁTICA

Esta semana:

1. Marque uma conversa de 20 minutos sobre dinheiro com quem divide as contas com você. Comecem pelos números do mês.
2. Se vocês são um casal, escolham o modelo de divisão e façam a conta proporcional, se fizer sentido.
3. Se tem filhos, decida um valor de semanada ou mesada que caiba no orçamento e o que ela deve cobrir.
4. Ative a senha para compras na loja de aplicativos dos celulares das crianças.
5. Se você ajuda os seus pais, escreva quanto pode dar por mês sem pegar crédito.

Resumindo

- Falar de dinheiro em família começa pelos números e pelos objetivos, não pelas culpas.
- Casais podem juntar, separar ou misturar as contas; com rendas diferentes, dividir de forma proporcional costuma ser mais justo.
- Mesada é ferramenta de ensino: valor pequeno, regular, sem adiantamento, e com liberdade para errar.

- Compras pequenas em jogos somam muito no ano; senha nas compras e mesada que cobre o jogo ajudam.
- Ajude os pais com o que sobra, não com crédito; emprestar o nome é emprestar a dívida.

CAPÍTULO 27

Seu plano para os próximos 12 meses

Você leu sobre inflação, orçamento, cartão, dívidas, investimentos, golpes e apostas. Talvez esteja animado, talvez esteja cansado, talvez as duas coisas. É normal sentir que tem coisa demais para mudar ao mesmo tempo.

A boa notícia: não precisa mudar tudo de uma vez. Ninguém arruma a vida financeira num fim de semana. O que funciona é uma sequência de passos pequenos, um por vez, mantidos por meses. Este capítulo junta o livro inteiro num plano de 12 meses. Use como roteiro, não como prova. Se um mês atrasar, o plano continua do ponto em que você parou.

Antes de começar: metas que dá para cumprir

"Quero sair das dívidas" é um desejo, não uma meta. Desejo não diz por onde começar nem quando terminar. Uma meta boa tem cinco características, que costumam ser chamadas de **meta SMART**, uma sigla em inglês para uma meta específica, mensurável, alcançável, relevante e com prazo. Em português simples:

Característica	Pergunta	Exemplo
Específica	O que exatamente?	Juntar uma reserva de emergência
Mensurável	Quanto?	R\$ 1.500
Alcançável	Cabe no meu orçamento?	R\$ 150 por mês cabem, com algum aperto
Relevante	Por que isso importa para mim?	Para não usar o cartão quando a geladeira quebrar
Com prazo	Até quando?	Em 10 meses

Juntando tudo: "Vou juntar R\$ 1.500 de reserva em 10 meses, guardando R\$ 150 por mês, para não precisar do cartão num imprevisto." Essa frase diz o que fazer amanhã. O desejo vago não diz.

FAÇA A CONTA

Para descobrir quanto guardar por mês, divida a meta pelo número de meses.

1. Meta: R\$ 1.500.
2. Prazo: 10 meses.
3. Por mês: $1.500 \div 10 = \text{R\$ } 150$.

Se R\$ 150 não cabe, você tem duas saídas honestas: aumentar o prazo ou diminuir a meta. Com R\$ 100 por mês, os mesmos R\$ 1.500 levam 15 meses. Com R\$ 50, levam 30. Uma meta que cabe vale mais do que uma meta bonita que você abandona em março.

O plano, mês a mês

A ordem abaixo segue a lógica do livro: primeiro enxergar, depois organizar, depois tirar o peso das dívidas caras e só então construir. Se você não tem dívida, pule a parte de negociar. Se tem dívida pesada, os meses 3 a 6 podem durar mais. Tudo bem.

Mês	Foco	O que fazer	Onde está no livro
1	Enxergar	Anotar todos os gastos por 30 dias e listar todas as dívidas	Caps. 5 e 13
2	Organizar	Montar o orçamento, cancelar assinaturas esquecidas, pagar-se primeiro	Caps. 5, 6 e 9
3	Negociar	Parar de criar dívida nova, negociar as caras, trocar cara por barata	Caps. 10 a 13
4 a 6	Primeiro colchão	Juntar uma reserva inicial, nem que seja R\$ 500 ou um mês de gastos	Cap. 8
7 a 9	Proteger	Conferir o nome e o score, revisar seguros, proteger a família de golpes	Caps. 14, 18 e 24
10 a 12	Construir	Seguir para a reserva completa, fazer o primeiro investimento, olhar a aposentadoria	Caps. 8, 19, 20 e 22

Alguns detalhes de cada etapa:

Mês 1, enxergar. Não tente mudar nada ainda. Só anote. Puxe o extrato do banco e a fatura do cartão. Para as dívidas, faça uma lista com credor, quanto falta, juros e parcela. O Registrato, do Banco Central, mostra empréstimos e financiamentos em seu nome que você talvez tenha esquecido.

Mês 2, organizar. Com os números na mão, monte o orçamento do jeito que funcionar para você: caderno, planilha, potes no aplicativo do banco. Cancele o que você não usa. Escolha um valor para guardar no dia em que o dinheiro entra, mesmo que seja R\$ 20.

Mês 3, negociar. Comece pelo que mais cresce: rotativo do cartão e cheque especial. Pesquise feirões e mutirões de renegociação e nunca aceite uma parcela que não cabe. Se as dívidas já passaram do ponto de pagar o básico, o capítulo 13 fala da Lei do Superendividamento.

Meses 4 a 6, primeiro colchão. A primeira reserva é pequena e serve para quebrar o ciclo de usar o cartão em todo imprevisto. Guarde num lugar seguro e fácil de sacar, como explicado no capítulo 8.

Meses 7 a 9, proteger. Consulte seu nome nos birôs de crédito, de graça. Veja se você paga algum seguro que não pediu. Combine a palavra-código contra golpes com a família.

Meses 10 a 12, construir. Continue aumentando a reserva. Quando ela estiver encaminhada e as dívidas caras estiverem resolvidas, é hora de aprender a investir com calma e de simular a aposentadoria no Meu INSS.

E se a sua renda muda todo mês, como a de quem trabalha por conta própria ou com aplicativo? O plano é o mesmo, mas os valores mudam de lugar. Em vez de um valor fixo para guardar, use uma parte do que entrar nos meses bons, e calcule o orçamento pela média dos meses fracos, como no capítulo 7. A reserva, nesse caso, precisa ser maior, porque o imprevisto mais comum é justamente um mês fraco.

MITO OU VERDADE

"Só vale a pena começar quando eu ganhar mais." **Falso.** Quem ganha pouco é justamente quem mais sente um imprevisto. Começar com R\$ 20 por mês não resolve tudo, mas cria o hábito, e o hábito continua quando a renda melhorar. Ao mesmo tempo, se a renda não cobre o básico, o problema é de renda, não de organização. O capítulo 6 fala disso.

O dia do dinheiro

Plano sem revisão vira papel na gaveta. Por isso, escolha um dia por mês para olhar o dinheiro com calma: o **dia do dinheiro**. Pode ser o dia seguinte ao pagamento, ou o primeiro sábado do mês. Uma hora basta.

Nesse dia, responda a quatro perguntas:

1. Quanto entrou e quanto saiu no mês passado?
2. Alguma dívida aumentou? Alguma diminuiu?
3. Guardei o que tinha planejado? Se não, por quê?
4. O que muda neste mês?

Se você divide as contas com alguém, façam juntos. Um café e uma folha de papel deixam a conversa mais leve, como no capítulo 26.

Recaídas acontecem

Em algum mês do ano, alguma coisa vai dar errado. O carro quebra, um filho fica doente, uma promoção pega você num dia ruim, a fatura vem maior do que o esperado. Isso não é fracasso. É a vida acontecendo, e é exatamente para isso que a reserva existe.

O que separa quem consegue de quem desiste não é nunca escorregar. É voltar no mês seguinte. Se você usou a reserva, recomece a juntar. Se entrou de novo no rotativo, volte ao capítulo 11 e saia o quanto antes. Uma recaída de um mês não apaga o que você aprendeu nos outros onze.

CUIDADO

Depois de um mês ruim, muita gente tenta compensar com um atalho: uma aposta "para recuperar", um investimento que promete muito, um empréstimo para pagar outro sem olhar os juros. É aí que um tropeço vira um tombo. Os capítulos 24 e 25 mostram por que esses atalhos costumam piorar a situação.

Um ano depois

Lembra dos quatro personagens? Veja onde eles estão doze meses depois do começo do livro. Nenhum ficou rico. Todos estão melhor do que estavam.

Renata saiu do rotativo. Negociou a dívida do cartão num mutirão e trocou o que sobrou por um empréstimo mais barato. Ainda paga uma parcela, e vai pagar por mais um ano. Guardou R\$ 100 por mês desde o quarto mês, R\$ 900 ao todo. Em agosto, precisou de R\$ 400 para um conserto e, pela primeira vez, não usou o cartão. A reserva caiu para uns R\$ 500 e voltou a crescer. Bia tem uma lista de desejos colada na geladeira. Davi reclamou da mesada por três meses e depois começou a guardar parte dela.

Lucas desistiu de financiar o carro, pelo menos por enquanto. Fez a conta do custo total e viu que a parcela era só uma parte. Está juntando para dar uma entrada maior. Com as apostas, teve dois meses bons e um ruim: passou do limite que tinha combinado com o amigo, contou para ele e voltou ao limite. Fez seu primeiro investimento, pequeno, e entendeu para que servia antes de aplicar.

Seu Jorge não caiu em nenhum golpe. Tirou a maior parte do dinheiro que guardava em casa e colocou num lugar seguro, que rende e que ele consegue sacar quando quiser. Deixou só um pouco à mão. Está com as contribuições do MEI em dia e simulou a aposentadoria no Meu INSS. O valor é menor do que ele queria, e ele está vendo com os filhos como completar a renda quando parar de trabalhar.

Aline passou a pagar a si mesma um "salário" fixo, calculado pela média dos meses fracos. O que entra a mais nos meses bons vai para a reserva. Em fevereiro, o movimento caiu e ela usou parte da reserva sem desespero. A reserva ainda não chegou ao tamanho que ela queria, mas o susto do mês ruim ficou bem menor.

Repare que nenhum deles resolveu tudo. Renata ainda tem dívida, Lucas ainda aposta um pouco, Seu Jorge vai precisar de mais renda na velhice, a reserva de Aline ainda está pela metade. Mas todos sabem onde estão, para onde vão e o que fazer quando algo dá errado. Um ano de passos pequenos faz isso.

NA PRÁTICA

Esta semana:

1. Escreva uma meta para os próximos 12 meses com as cinco características: o quê, quanto, se cabe, por quê e até quando.
2. Escolha o seu dia do dinheiro e coloque um lembrete mensal no celular.
3. Comece o mês 1: anote todos os gastos a partir de hoje.
4. Faça a lista das suas dívidas, mesmo que dê medo de olhar.
5. Conte o plano para alguém de confiança. Plano dito em voz alta é mais difícil de esquecer.

Resumindo

- Não precisa mudar tudo de uma vez: um passo por mês, na ordem enxergar, organizar, negociar, proteger, construir.
- Meta boa diz o quê, quanto, se cabe, por quê e até quando.
- Um dia do dinheiro por mês mantém o plano vivo.
- Recaídas fazem parte; o que importa é voltar no mês seguinte, sem atalhos.
- Um ano de passos pequenos não deixa ninguém rico, mas muda a forma de viver com o dinheiro.

ENCERRAMENTO

Para continuar

Você chegou ao fim de um livro sobre um assunto que quase ninguém aprende na escola. Se algumas partes doeram, é sinal de que tocaram em algo real. Esta página junta as ideias principais e mostra onde buscar informação confiável daqui em diante.

O que você aprendeu em uma página

Dinheiro é confiança e é tempo de vida. Cada compra custa horas do seu trabalho, e a inflação faz o dinheiro parado encolher. A economia do país, com juros e dólar, chega ao seu bolso (capítulos 1, 2 e 4).

Juros compostos trabalham contra ou a favor. Na dívida, crescem contra você; no investimento, a seu favor. O tempo pesa mais do que o valor (capítulo 3).

Enxergar vem antes de mudar. Anotar gastos, montar um orçamento que cabe na vida real e pagar-se primeiro são a base de tudo (capítulos 5 a 7).

Reserva de emergência é o colchão. Ela quebra o ciclo de usar o cartão em todo imprevisto (capítulo 8).

A cabeça também gasta. Desconto falso, parcela pequena e comparação com os outros são truques conhecidos, e dá para se defender deles (capítulo 9).

Pergunte o total, não a parcela. Crédito pode ajudar ou afundar; o rotativo e o cheque especial estão entre os mais caros. Sair do vermelho tem método (capítulos 10 a 14).

Decisões grandes merecem conta. À vista ou parcelado, alugar ou comprar, ter carro ou não: não há resposta única, mas há números para comparar (capítulos 15 a 18).

Investir começa simples. Primeiro dívida cara resolvida e reserva montada; depois, com calma e sem promessas de ganho garantido. E saiba quais impostos você paga, nos produtos e nos investimentos (capítulos 19 a 23).

Golpes e apostas exploram pressa e emoção. Pare, confirme e faça a conta (capítulos 24 e 25).

Dinheiro também é assunto de família, e um plano de passos pequenos funciona (capítulos 26 e 27).

Fontes oficiais para continuar

Taxas, regras e limites mudam. Os números deste livro têm como referência outubro de 2026. Quando precisar do valor de hoje, vá direto à fonte.

Onde	Para quê
Banco Central	Programa de cidadania financeira, Calculadora do Cidadão, Registrato (empréstimos, contas e chaves Pix em seu nome) e Valores a Receber (dinheiro esquecido em bancos)
Tesouro Direto	Conhecer os títulos públicos, simular e comparar
Portal do Investidor, da CVM	Aprender sobre investimentos e consultar se uma empresa é autorizada
Meu INSS	Extrato de contribuições, simulação de aposentadoria, descontos no benefício
Receita Federal	Imposto de Renda, CPF, regras do ano
Portal do Empreendedor, no gov.br	Tudo sobre o MEI
Procon e consumidor.gov.br	Reclamar de banco, loja ou empresa
Serasa, SPC e Boa Vista	Consultar o nome e o score, de graça

Se a situação estiver pesada, lembre que existe ajuda: a Defensoria Pública para quem não pode pagar advogado, o CAPS para a saúde mental e o CVV pelo 188, de graça, a qualquer hora.

CUIDADO

Desconfie de quem vende enriquecimento. Curso que promete renda passiva rápida, mentor que mostra carro e viagem, grupo que garante lucro alto: quase sempre, quem ganha é quem vende. Educação financeira de verdade é meio sem graça. Ela fala de anotar gastos, negociar dívidas e esperar com paciência.

NA PRÁTICA

Antes de fechar o livro:

1. Escolha uma única coisa para fazer esta semana. Pode ser só anotar os gastos.
2. Marque no calendário o seu primeiro dia do dinheiro.
3. Pense em uma pessoa que precisa deste livro e mande para ela.

Compartilhe

Este livro é gratuito e foi feito para circular. Mande para quem está apertado no cartão, para quem acabou de conseguir o primeiro emprego, para os seus pais, para o grupo da família. Conversar sobre dinheiro é o primeiro passo para deixar de ter vergonha dele.

E se em casa tem gente mais nova, a coleção tem *Seu Dinheiro, Suas Regras* (14 anos ou mais) e *De Onde Vem o Dinheiro?* (10 a 13 anos), no mesmo endereço deste livro. Cada uma conta a mesma história num jeito próprio para a idade. Ninguém ensinou isso para a maioria de nós. Pode ser diferente para eles.

APÊNDICE

Glossário

As palavras importantes do livro, explicadas em uma frase. O número entre parênteses diz em qual capítulo a ideia aparece com mais calma.

.bet.br — final do endereço dos sites de apostas autorizados pelo Ministério da Fazenda a operar no Brasil desde janeiro de 2025. (cap. 25)

Ação — pequena fração de uma empresa negociada na bolsa, que torna quem compra sócio dela. (cap. 21)

Amortização — parte da parcela que realmente diminui a dívida; o resto da parcela são juros, seguros e tarifas. (cap. 16)

Ancoragem — efeito em que o primeiro número visto, como o preço riscado, vira referência e faz o preço final parecer barato. (cap. 9)

Anuidade — Tarifa cobrada para ter o cartão de crédito, muitas vezes dividida em parcelas mensais. (cap. 11)

Apólice — contrato do seguro, com o que ele cobre, o que não cobre e as regras de pagamento. (cap. 18)

Aporte — cada valor que você coloca num investimento, como os R\$ 100 de todo mês. (cap. 19)

Autoexclusão — ferramenta que bloqueia a sua conta num site de apostas por um tempo, para ajudar a parar. (cap. 25)

Birô de crédito — Empresa que mantém cadastros de pagamento e dívidas das pessoas, como Serasa, SPC e Boa Vista. (cap. 14)

Bola de neve (dívida) — Situação em que se pega crédito para pagar crédito e os juros crescem por cima de juros. (cap. 10)

Cadastro Positivo — Registro das contas e parcelas pagas em dia, com inclusão automática desde 2019. (cap. 14)

CadÚnico — Cadastro Único do governo federal, porta de entrada para programas sociais como o Bolsa Família e a Tarifa Social de Energia Elétrica. (cap. 6)

Câmbio — Preço de uma moeda em outra, como quantos reais custa um dólar. (cap. 4)

Carência — tempo de espera depois de contratar um plano de saúde ou seguro até poder usar certos serviços. (cap. 18)

Carta de crédito — valor que a pessoa contemplada no consórcio recebe para comprar

o bem. (cap. 16)

Casa da Moeda — Empresa pública que fabrica as notas e moedas do real. (cap. 1)

CBS e IBS — impostos criados pela reforma tributária para substituir PIS, Cofins, ICMS e ISS, com transição de 2026 a 2033. (cap. 23)

CDB — empréstimo que você faz a um banco, que devolve o valor com juros; o de liquidez diária permite sacar a qualquer momento. (caps. 8, 20)

CDI — Taxa dos empréstimos de um dia entre bancos, que anda quase colada à Selic e serve de régua para investimentos. (cap. 4)

CET (Custo Efetivo Total) — Taxa que junta juros, seguros, tarifas e impostos de um empréstimo e serve para comparar propostas de verdade. (cap. 10)

Cheque especial — Limite de crédito ligado à conta corrente que é usado quando o saldo acaba, com juros muito altos. (cap. 12)

CNIS — extrato de contribuições ao INSS, consultado no Meu INSS, que mostra cada período contribuído. (cap. 22)

Cobrança abusiva — Cobrança com ameaça, constrangimento ou exposição do devedor, proibida pelo Código de Defesa do Consumidor. (cap. 14)

Come-cotas — cobrança antecipada de Imposto de Renda nos fundos abertos mais comuns, em maio e novembro. (cap. 21)

Compra dentro do app — compra feita dentro de um jogo ou aplicativo, como moedas virtuais ou passes, que somada ao longo do ano pode pesar. (cap. 26)

Compra por impulso — compra que você não planejava minutos antes e que nasce de um estímulo, como um anúncio ou uma vitrine. (cap. 9)

Consignado — Empréstimo cuja parcela é descontada direto do salário ou da aposentadoria, com juros geralmente menores. (cap. 12)

Consórcio — grupo de pessoas que pagam parcelas para formar um fundo e recebem, por sorteio ou lance, uma carta de crédito para comprar um bem; não tem juros, mas tem taxa de administração. (cap. 16)

Copom — Comitê de Política Monetária do Banco Central, que se reúne 8 vezes por ano

para decidir a meta da Selic. (cap. 4)

Corretora — empresa autorizada a intermediar investimentos, que oferece produtos de vários emissores. (cap. 19)

Crediário — Parcelamento feito pela própria loja ou por uma financeira ligada a ela, com juros embutidos. (cap. 12)

Crédito — Dinheiro emprestado que permite usar hoje uma renda que você só vai receber no futuro, pagando juros por isso. (cap. 10)

Custo total — soma de tudo o que você vai pagar numa compra ou dívida, que é o número a comparar, e não o valor da parcela. (cap. 15)

CVM — Comissão de Valores Mobiliários, órgão que fiscaliza o mercado de investimentos e onde dá para consultar se uma empresa é autorizada. (cap. 24)

DARF — guia usada para pagar impostos federais, como o IR sobre alguns ganhos na bolsa. (cap. 23)

DAS — guia do valor fixo mensal que o MEI paga, que inclui a contribuição para o INSS. (cap. 7)

Day trade — comprar e vender um ativo no mesmo dia tentando lucrar com pequenas oscilações; a maioria de quem tenta perde dinheiro. (cap. 21)

Declaração de Imposto de Renda — resumo anual da sua vida financeira enviado à Receita Federal. (cap. 23)

Declaração retificadora — nova declaração enviada para corrigir erros da anterior. (cap. 23)

Dedução — despesa, como saúde e educação, que pode ser abatida na declaração completa e reduzir o imposto devido. (cap. 23)

Déficit — Situação em que o governo gasta mais do que arrecada e precisa pegar dinheiro emprestado. (cap. 4)

Depreciação — perda de valor de um bem, como um carro, com o passar do tempo e o uso. (cap. 17)

Desconto à vista — redução no preço para quem paga tudo na hora, que costuma valer

mais do que deixar o dinheiro rendendo enquanto se paga parcelado. (cap. 15)

Desconto falso — promoção em que o preço foi aumentado antes e o "desconto" só volta ao preço normal. (cap. 9)

Dia do dinheiro — dia fixo do mês reservado para revisar entradas, saídas, dívidas e metas. (cap. 27)

Direito de arrependimento — prazo de 7 dias, garantido pelo Código de Defesa do Consumidor, para desistir de compra feita fora da loja física. (cap. 9)

Dividendo — parte do lucro que uma empresa distribui aos seus sócios. (cap. 21)

Divisão proporcional — jeito de um casal dividir as contas em que cada um paga de acordo com a parte que ganha da renda total. (cap. 26)

Emprestar o nome — fazer uma compra ou dívida no seu CPF para outra pessoa usar, ficando você responsável por ela. (cap. 26)

Empréstimo pessoal — Empréstimo pago em parcelas fixas sem dar nenhum bem como garantia. (cap. 12)

Escambo — Troca direta de uma mercadoria por outra, sem usar dinheiro. (cap. 1)

Esquema Ponzi — golpe em que o organizador usa o dinheiro dos novos participantes para pagar os antigos e chama isso de lucro de um negócio que não existe. (cap. 24)

ETF — fundo negociado na bolsa que copia um índice, uma cesta de ações, e permite diversificar com pouco dinheiro. (cap. 21)

Falácia do apostador — engano de achar que, depois de várias perdas, a vitória "está para vir", quando a chance continua a mesma. (cap. 25)

Falsa central — golpe em que alguém se passa pelo banco por telefone ou mensagem para pedir senha, código ou transferência. (cap. 24)

Fechamento da fatura — Dia em que a fatura do cartão é fechada; compras feitas depois entram na fatura do mês seguinte. (cap. 11)

FGC — Fundo Garantidor de Créditos, que garante até R\$ 250 mil por CPF em cada instituição, com teto de R\$ 1 milhão a cada 4 anos, se um banco quebrar. (cap. 19)

FGTS — depósito mensal de 8% do salário feito pela empresa numa conta em nome do

trabalhador, que não é descontado do salário. (cap. 7)

Franquia — parte do prejuízo que você paga do próprio bolso antes de o seguro cobrir o resto. (cap. 18)

Fundo imobiliário (FII) — fundo que junta dinheiro de muitas pessoas para investir em imóveis ou papéis do setor e reparte os ganhos. (cap. 21)

Gasto emocional — comprar para aliviar um sentimento, como tristeza, tédio ou ansiedade. (cap. 9)

Gastos esporádicos — despesas que não vêm todo mês, mas vêm todo ano, como IPVA, IPTU e material escolar; some e divida por 12. (cap. 5)

Gastos fixos — despesas que chegam todo mês com valor igual ou quase igual, como aluguel, internet e escola. (cap. 5)

Gastos invisíveis — pequenos gastos automáticos ou repetidos, como assinaturas, tarifas e delivery, que só aparecem quando você soma o mês. (cap. 5)

Gastos variáveis — despesas que aparecem todo mês, mas com valor que muda, como mercado, luz e combustível. (cap. 5)

Gravame — registro de que um veículo é garantia de um financiamento ainda não quitado. (cap. 17)

Hiperinflação — Inflação altíssima e descontrolada, em que os preços mudam de uma semana para outra. (cap. 2)

Holerite — documento que mostra o salário, os descontos e o valor líquido do mês; também chamado de contracheque. (cap. 7)

Imposto embutido — imposto sobre o consumo que já vem dentro do preço e não aparece separado na hora de pagar. (cap. 23)

Indenização — valor que a seguradora paga quando acontece o problema coberto pelo seguro. (cap. 18)

Inflação — Aumento geral dos preços ao longo do tempo, que faz o dinheiro comprar menos. (cap. 2)

IPCA — Índice oficial de inflação do Brasil, medido pelo IBGE com uma grande cesta de

preços. (cap. 2)

IPVA — imposto anual sobre veículos, cobrado pelo estado, com porcentagem que muda de estado para estado. (cap. 17)

IRRF — Imposto de Renda Retido na Fonte, descontado pela empresa direto do salário e repassado à Receita Federal. (cap. 7)

ITBI — Imposto sobre Transmissão de Bens Imóveis, cobrado pela prefeitura quando um imóvel muda de dono, com porcentagem que varia por cidade. (cap. 16)

Juro real — O rendimento que sobra depois de descontar a inflação do período. (cap. 2)

Juros — Preço pago pelo uso de um dinheiro que pertence a outra pessoa, como um aluguel do dinheiro. (cap. 3)

Juros compostos — Juros que entram na conta e passam a render juros também, os "juros sobre juros". (cap. 3)

Juros embutidos — juros escondidos no preço de uma compra parcelada, que aparecem quando se compara o total das parcelas com o preço à vista. (cap. 15)

Juros simples — Juros calculados sempre sobre o valor inicial, sem que os juros anteriores rendam. (cap. 3)

LCI e LCA — letras de crédito emitidas por bancos para financiar imóveis ou o agronegócio, isentas de IR para pessoa física. (cap. 20)

Lei dos grandes números — ideia de que, quanto mais vezes algo se repete, mais o resultado se aproxima da média. (cap. 25)

Licenciamento — taxa anual paga ao Detran para o veículo poder circular. (cap. 17)

Limite do cartão — Valor máximo que o banco aceita que você deva no cartão ao mesmo tempo; não é renda. (cap. 11)

Liquidez — facilidade e rapidez para transformar um investimento de volta em dinheiro na conta, sem perder valor. (caps. 8, 19)

Malha fina — revisão da declaração quando a Receita encontra diferença entre o que você declarou e as informações que ela recebeu. (cap. 23)

Marcação a mercado — atualização diária do preço de um título conforme os juros do

país mudam; só vira perda se você vender antes do vencimento. (cap. 20)

Margem consignável — Limite da renda que pode ser comprometido com parcelas de consignado. (cap. 12)

Margem da casa — parte de cada aposta que, no longo prazo, fica com quem organiza o jogo, porque as odds pagam menos do que seria justo. (cap. 25)

MED — Mecanismo Especial de Devolução do Pix, que o banco aciona para tentar recuperar dinheiro enviado num golpe ou fraude. (cap. 24)

MEI — Microempreendedor Individual, forma simples de formalizar quem trabalha por conta, com um valor fixo mensal que inclui o INSS. (cap. 7)

Meio de troca — Função do dinheiro de ser aceito por todos como pagamento por qualquer coisa. (cap. 1)

Melhor dia de compra — Dia logo depois do fechamento da fatura, que dá o maior prazo até o pagamento. (cap. 11)

Mesada — valor regular dado a uma criança ou adolescente para que aprenda a escolher e a juntar dinheiro. (cap. 26)

Meta SMART — meta específica, mensurável, alcançável, relevante e com prazo, que diz o que fazer e até quando. (cap. 27)

Método avalanche — Forma de quitar dívidas atacando primeiro a de juros mais altos, que costuma sair mais barata. (cap. 13)

Método bola de neve — Forma de quitar dívidas atacando primeiro a de menor saldo, para ter vitórias rápidas. (cap. 13)

Mínimo existencial — Parte da renda necessária para viver com dignidade, que a Lei do Superendividamento protege. (cap. 13)

Moeda fiduciária — Dinheiro que vale pela confiança de que todos vão aceitá-lo, e não por estar ligado ao ouro. (cap. 1)

Negativação — Inclusão do CPF no cadastro de inadimplentes por causa de uma dívida em atraso, o chamado nome sujo. (cap. 14)

Odd — número pelo qual a casa de apostas multiplica o valor apostado se você acertar.

(cap. 25)

Orçamento — plano feito antes do mês começar dizendo para onde vai cada parte do dinheiro que entra. (cap. 6)

Pacote de serviços — tarifa mensal cobrada pelo banco que dá direito a certo número de transferências, saques e extratos. (cap. 5)

Pagamento mínimo — Menor valor da fatura aceito para não ficar em atraso; o restante vira dívida com juros. (cap. 11)

Pague-se primeiro — separar uma quantia para o futuro no dia em que o dinheiro entra, antes de pagar o resto. (cap. 6)

Parcelado sem juros — compra dividida em parcelas que somam o mesmo preço do à vista; só é vantagem quando não há desconto para pagar na hora. (cap. 15)

Parcelamento da fatura — Divisão do saldo devedor do cartão em parcelas com juros, que o banco precisa oferecer quando o rotativo acaba. (cap. 11)

Penhor — Empréstimo em que você deixa uma joia ou objeto de valor como garantia até pagar a dívida. (cap. 12)

PGBL — previdência privada que permite abater as contribuições da renda tributável na declaração completa, com imposto sobre o total no resgate. (cap. 22)

PIB — Produto Interno Bruto, a soma de tudo o que o país produz de bens e serviços num período. (cap. 4)

Pirâmide financeira — esquema em que o dinheiro de quem entra paga o "lucro" de quem entrou antes, e que quebra quando param de entrar pessoas novas; no Brasil, é crime. (cap. 24)

Pix — Sistema de pagamentos instantâneos do Banco Central, lançado em novembro de 2020, que transfere dinheiro na hora usando uma chave. (cap. 1)

Poder de compra — quanto o seu dinheiro consegue comprar; cai quando os preços sobem. (caps. 2, 8)

Portabilidade de crédito — Direito de levar um empréstimo para outro banco que cobre juros menores. (cap. 13)

Pós-fixado — investimento cujo rendimento acompanha uma taxa que muda com o

tempo, como o CDI ou a Selic. (cap. 20)

Prefixado — investimento com a taxa travada no dia da compra. (cap. 20)

Prêmio — valor que você paga à seguradora para ter o seguro. (cap. 18)

Recaída — mês em que o plano sai do trilho; faz parte, e o importante é voltar no mês seguinte. (cap. 27)

Recessão — Período em que a economia encolhe, com queda da produção, das vendas e do emprego. (cap. 4)

Registrato — Serviço gratuito do Banco Central, acessado pelo gov.br, que mostra os empréstimos, contas e chaves Pix em seu nome. (cap. 13)

Regra 50-30-20 — sugestão de dividir a renda em 50% para necessidades, 30% para desejos e 20% para o futuro, que muitas vezes precisa ser adaptada. (cap. 6)

Regra dos 72 — Atalho que estima o tempo para um valor dobrar: divide-se 72 pela taxa do período. (cap. 3)

Regras de transição — regras para quem já contribuía antes da reforma da Previdência de 2019, que misturam a regra antiga e a nova. (cap. 22)

Renda fixa — investimento em que você empresta dinheiro ao governo, a um banco ou a uma empresa, com a regra do rendimento combinada desde o começo. (cap. 20)

Renda variável — investimento sem regra de rendimento combinada, cujo preço sobe e desce, como ações e fundos imobiliários. (cap. 21)

Rentabilidade — quanto um investimento rende em relação ao valor aplicado. (cap. 19)

Repactuação de dívidas — Acordo que reúne os credores num plano de pagamento que caiba na renda da pessoa. (cap. 13)

Reserva de emergência — dinheiro guardado só para imprevistos, como desemprego, doença ou conserto urgente. (cap. 8)

Reserva de valor — Função do dinheiro de poder ser guardado hoje para comprar coisas no futuro. (cap. 1)

Reserva inicial — primeiro colchão pequeno, como R\$ 500 ou um mês de gastos, que

evita usar o cartão em todo imprevisto. (cap. 27)

Restituição — dinheiro que a Receita devolve quando você pagou mais imposto do que devia no ano. (cap. 23)

Risco — chance de um investimento render menos do que o esperado, oscilar ou até dar prejuízo. (cap. 19)

Rotativo — Crédito automático, um dos mais caros do mercado, que cobre a parte da fatura que não foi paga. (cap. 11)

SAC — Sistema de Amortização Constante, em que a dívida cai sempre a mesma quantia por mês e a parcela começa alta e vai diminuindo. (cap. 16)

Salário bruto — valor do salário combinado no contrato, antes dos descontos. (cap. 7)

Salário líquido — o que sobra do salário depois dos descontos e de fato cai na conta. (cap. 7)

Saque-aniversário — Modalidade do FGTS que permite sacar parte do saldo uma vez por ano, mas limita o saque do saldo em caso de demissão. (cap. 12)

Score de crédito — Nota calculada por cada birô, com modelo próprio, para estimar a chance de uma pessoa pagar as contas em dia. (cap. 14)

Seguro prestamista — Seguro que quita a dívida em certas situações, como morte ou perda de renda, e muitas vezes vem embutido no empréstimo. (caps. 10, 18)

Selic — Taxa básica de juros da economia brasileira, cuja meta é definida pelo Copom do Banco Central. (cap. 4)

Semanada — mesada paga toda semana, mais fácil para crianças pequenas acompanharem. (cap. 26)

Spread — Diferença entre o que o banco paga para conseguir dinheiro e os juros que ele cobra de quem pega emprestado. (cap. 4)

Suitability — questionário de perfil de investidor que bancos e corretoras aplicam para saber quais investimentos combinam com você. (cap. 19)

Superendividamento — Situação em que a pessoa não consegue pagar as dívidas de

consumo sem comprometer o básico para viver, protegida pela Lei 14.181/2021. (cap. 13)

Tabela Price — sistema de financiamento com parcela igual do começo ao fim, em que no início quase tudo é juros. (cap. 16)

Tabela regressiva — regra de imposto em que a alíquota sobre o rendimento cai quanto mais tempo o dinheiro fica aplicado. (cap. 20)

Taxa de administração — percentual cobrado todo ano sobre o dinheiro aplicado num fundo ou numa previdência, ganhe ou perca. (cap. 21)

Taxa de carregamento — percentual que algumas previdências cobram sobre cada depósito feito. (cap. 22)

Taxa de juros — Porcentagem cobrada ou paga como juros em um período, como ao mês ou ao ano. (cap. 3)

Tempo de contribuição — quantidade de tempo em que a pessoa pagou o INSS, uma das condições para se aposentar. (cap. 22)

Tesouro Direto — programa para comprar títulos públicos, que são empréstimos ao governo federal, pela internet. (cap. 20)

Tesouro Selic — título do governo federal que acompanha a taxa Selic e pode ser vendido em qualquer dia útil, muito usado para reserva. (cap. 8)

Teto do INSS — valor máximo que o INSS paga de benefício, atualizado todo ano. (cap. 22)

URV — Unidade Real de Valor, régua de preços estável criada em março de 1994 para preparar a chegada do real. (cap. 2)

Valores a Receber — Serviço do Banco Central que mostra se há dinheiro esquecido em seu nome em bancos. (cap. 14)

Venda casada — exigir que o cliente compre um produto, como um seguro, para poder comprar outro; é proibida pelo Código de Defesa do Consumidor. (caps. 10, 18)

Verificação em duas etapas — proteção que pede um código ou PIN extra para entrar na sua conta em outro aparelho. (cap. 24)

VGBL — previdência privada sem abatimento no IR, com imposto só sobre o rendimento

no resgate. (cap. 22)

Vistoria — verificação do estado de um veículo usado, feita por mecânico ou empresa especializada, antes da compra. (cap. 17)